DA ARTE

E DO

PATRIOTISMO

DO MESMO AUCTOR

Visionario (versos), primeira edição, Manoel Nogueira de Sousa, Pernambuco, 1908; segunda edição, Lello & Irmão, Porto, 1912.

Sensações e Reflexões, Rio de Janeiro, 1916.

MATHEUS DE ALBUQUERQUE

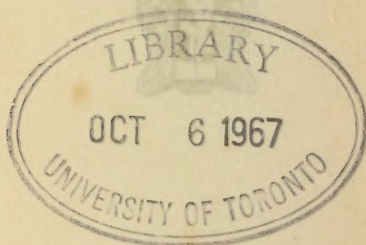
DA ARTE

E DO

PATRIOTISMO

LISBOA
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA
SOCIEDADE EDITORA
58-60, RUA GARRETT — RUA DO OURO, 132-138

RIO DE JANEIRO
COMPANHIA EDITORA AMERICANA
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Typ. do Anuário Comercial — Praça dos Restauradores, 24 — Lisboa

EÇA DE QUEIROZ

Eça de Queiroz

I

Uma das minhas ambições literarias — das mais persistentes entre as que pude conservar através de uma mocidade sempre conduzida para outros destinos — era fixar, numa fórma condigna, a impressão de maravilhosa surpreza, de irresistivel seducção, de verdadeiro encantamento, que me deixara a leitura da obra de Eça de Queiroz. Nunca, em lingua portugueza, escriptor algum se me revelara de maneira tão impressionadora. Dizer, portanto, o que foi o meu encontro espiritual com este extraordinario creador literario, ficou sendo uma das mais fortes aspirações do meu

espirito. E se é certo que a melhor critica é a que «conta as aventuras da nossa alma através das obras primas», não é sem grande emoção intima, embora prevendo a imperfeição do meu acto, que me animo a dedicar-lhe estas linhas.

Os editores do grande escriptor tiveram a gentileza de honrar-me com a offerta das *Ultimas paginas*, definitivamente, e tambem desgraçadamente, o derradeiro livro posthumo de Eça de Queiroz. Para este livro, composto, na maior parte, de vidas de santos — entre ellas a de S. Frei Gil, que ficou por terminar e que, segundo o plano admiravel, traçado pelo artista, seria um novo Fausto, talvez com mais relevo e brilho, um Fausto mais contemporaneo, vivendo mais dentro da realidade humana — ; para este livro, em que ha, apenas esboçados, novos, largos ensaios de psychologo e moralista, eu só encontro, no nosso mundo artistico, um simile: as Ca-

pellas Inacabadas do Mosteiro da Batalha, em Portugal. Deixa-nos uma dupla, confusa impressão de dôr resignada e arrojo quasi divino: ao mesmo tempo que augmenta em nós a saudade do mestre desapparecido, dá-nos a sensação de infinito, de sonho inattingivel, de eterna anciedade, que se experimenta diante das grandes linhas «imperfeitas» daquelle monumento.

O doce e grave dever, que me assiste, de agradecer, de publico, a generosa offerta, acolhida com infinita alegria por quem infinitamente se orgulha de ter escolhido o grande artista peninsular entre a sua duzia de autores de cabeceira, dá-me ensejo para render um modesto preito, mais de gratidão pessoal que de homenagem literaria, á memoria do homem singular que com uma obra relativamente pequena já educou duas gerações de prosadores. Fôra desejo meu, em face das responsabilidades de tão afagada e sempre adiada tarefa, deixar para

melhor tregua desta vida a realização deste sonho antigo. Mas, como na successão monotona dos dias, nesta época de asperos conflictos de interesses subalternos, as correntes que passam sob meus olhos, e decerto sob as vistas dos meus contemporaneos, já não têm a calma e a pureza daquelle veio crystalino a cujas margens desejara Balzac que o artista se debruçasse para apprehender e gravar as idéas e as imagens que ficam; e como já nos não resta esperança de que essas turvas aguas se aclarem, tão grosseiras e volumosas se tornam cada vez mais as solicitações do viver — levados no atropello das nossas ambições, paremos um momento á beira desse rio tumultuario, emquanto faz um pouco de sombra, e alguns passaros perdidos povoam o silencio desta manhã, e a civilização nos não reclama o espirito, mal desperto da noite mal dormida, para as batalhas do mundo cheio de sol e de ruido...

*

Como Victor Hugo, que ainda do tumulo nos mandava, de vez em quando, com a mesma febre de genio eternamente moço, volumes e mais volumes, que a enfatuada esterilidade dos modernos escriptores ineditos costuma desdenhar com absoluta confiança na sua impotencia creadora — assim Eça de Queiroz, durante um longo e fecundo decennio, após a sua morte, nos enriqueceu com a divulgação regular de novos thesouros conquistados ao seu espolio literario. Dir-se-ia que a gloria do mestre, se não cresceu, porque já estava definitivamente consolidada, pelo menos ganhou mais brilho e frescura com a revelação de outros aspectos, que vieram rematar a cupola da sua bella obra.

Porque foi a partir de 1900, anno fatal da sua morte, que, com o advento das novas gerações portugueza e brasileira, mais

no Brasil que em Portugal, se afervorou o culto desta modelar personalidade. Até então, pelo menos entre nós, já alvoroçados pelas cruezas, geralmente pobres de estylo, de Aluizio Azevedo e alguns realistas fesceninos, Eça de Queiroz era o romancista picaresco, algo profano ou dissolvente, que, com o *Crime do Padre Amaro,* o *Primo Bazilio* e algumas paginas menos evocativas da *Reliquia,* nos lançava em ardentes comichões peccaminosas; e lido ás escondidas, em breves lazeres collegiaes, nos curtos intervallos das epopéas romanescas, violentamente nos quebrava todo um magro seculo de jejuns literarios.

Daquella época para traz (porque é innegavel que com a geração deste começo de seculo a arte de escrever em lingua portugueza adquiriu desusado esplendor), a sua influencia se exerceu mais pelos principios demolidores, pelos fundamentos rueis da escola naturalista (de que elle

era, afinal, um assimilador e um divulgador nas nossas letras), do que pelo inedito da fórma maravilhosa, estranha, imprevista, unica, perfeita. Foram os moços, foi principalmente o Brasil deste ultimo decennio que, resolvendo-se a uma selecção mais rigorosa entre os mestres da sua educação literaria, comprehendeu, amou e diffundiu a obra do grande artista, dilatando-a em toda a sua grandeza, e salientando-lhe, com uma paixão continuada e enternecida, as creações immortaes.

Pertence, com effeito, ao Brasil, que de titulos tão meritorios não tem infelizmente um activo solido e extenso, a iniciativa generosa e decisiva na diffusão e estima do nome literario de Eça de Queiroz. Foi daqui que se avolumou, para nunca mais se extinguir, o caloroso rumor da sua fama. Isto, aliás, não se explica sómente pela circumstancia material de termos sobre Portugal a vantagem de mais alguns

milhões de habitantes, cuja maioria diluviana é constituida, como se sabe, por analphabetos virginaes. Tampouco, a causa principal deste phenomeno estranho em terras brasileiras, repousaria na hypothese longinqua de já termos recebido integralmente, e vinculado definitivamente ao nosso patrimonio intellectual, aquelle legado preciosissimo da lingua que Garret dolorosamente nos fez no seu poema, num anceio justo, ainda que repassado de profundo desespero, de que as glorias seculares do seu cansado Tejo fossem recolhidas e continuadas pelo nosso «generoso Amazonas».

Tanto um como outro destes dois motivos fundamentaes, a superioridade material do numero e o renovamento crescente da cultura, justificariam até certo ponto (como já se déra com outros nomes da mesma procedencia) a nossa predilecção por aquelle escriptor, no qual, entretanto,

por mais alto, independente, universal que fosse o seu espirito, as nossas velleidades de emancipação politica e literaria sempre vislumbrariam o antigo traço da metropole. Taes razões, porém, nunca determinariam a admiração sem reservas e a divulgação sem precedentes que temos dado á sua obra. O motivo, decerto, é muito outro, e, filiado a uma indestructivel lei historica de integração de energias esparsas e seculares, representa uma das mais bellas e puras conquistas do espirito humano.

*

Eça de Queiroz — rebento lidimo e mais novo dessa progenie monstruosa em que culminam divinamente, com raizes eternas no vasto solo dos gregos e latinos, Shakespeare, Cervantès, Rabelais, Molière, Voltaire, Goethe, Balzac — foi o primeiro e unico escriptor portuguez que, simplesmente com

os seus livros, conseguiu internacionalizar Portugal. Elle é, no mais perfeito sentido, um escriptor europeu. Mais do que certos feitos historicos, que através de tão longa e ennevoada distancia já nos parecem ficções historicas (porque, historicamente, de ha muito, desde a implantação do constitucionalismo, Portugal deixou de nos interessar); mais do que isso, encontrou, afinal, a patria dos navegadores um homem de genio para nelle reviver, universalizando-se. Eça de Queiroz é o autor deste milagre internacional. O paiz se anniquilava: Eça de Queiroz é uma compensação da Natureza á decadencia de Portugal. Oito seculos de historia, de cultura, produziam, finalmente, na hora dolorosa do seu eclypse, um homem de genio e de bom gosto.

Antes delle, a literatura portugueza, em conjunto, era, apesar de eloquente e rica, principalmente regional. E o era não só pela essencia como pela fórma. De Camões a

Herculano, com escala pelos maiores cultores da lingua opulenta e barbara, as letras portuguezas mantêm um caracter de austero regionalismo, que por vezes chega a ser ingenuamente pretencioso. Aliás, sempre foi notada a incapacidade do portuguez para as idéas geraes. Em vão se procurará através das letras portuguezas uma dessas creações universaes, um desses typos de integração social ou sentimental, que se accomodam em todas as literaturas do mundo — Rei Lear ou D. Quixote, Hamlet ou Candide, Iago ou Mephistopheles, o doce Hermann «sorrindo á imagem espiritual da formosura» ou o truculento Vautrin «violando as açucenas mortas á beira das estradas». Porque a tragedia commovente de Ignez de Castro é mais o producto de uma intriga politica de aldeia, sem a larga irradiação de uma these profundamente humana, e as sombrias façanhas de Eurico representam apenas, sem o

estudo fixo de um caracter, um episodio vago da cavallaria. Ainda no grande, no formidavel Camillo, quando o seu genio atormentado, combatido por toda a sorte de adversidades, se não dispersava em novellas desiguaes, mal acabadas, escravizava-se, espremia-se furiosamente nas moendas das polemicas desfibradoras, no exaspero tragico de campanhas pessoalissimas — isto numa lingua que, de tão barbaramente classica e contundente, jámais foi excedida no representar a velha, a genuina, a grossa chalaça portugueza.

A lingua em que se escrevia em Portugal era um instrumento aspero, solenne e duro: não se lhe conheciam nuanças delicadas para esboçar os sentimentos mais subtis, nem ondulação ampla e sonora para abranger o vasto e complexo surto das idéas: numa palavra — ignorava-se-lhe o verdadeiro espirito. Era a lingua secca, espartilhada, tabelliôa, dos classicos pri-

meiros, muito preciosa e justa para o seu tempo e seu meio, mas archaica, insubsistente, provinciana, nestas idades praticas da maior expansão intellectual e economica — quando não era a lingua donairosa, flacida, rotunda, dos ultimos romanticos, resumindo a Vida e o Universo em apologias de creaturas celestiaes e em descripções de mundos encantados.

Certo, os *Sermões* de Vieira são esculpturaes e a *Nova Floresta* de Bernardes é lapidar; mas, apesar de toda a sua divina eloquencia e de toda a sua pureza classica, não constituem, por si sós, uma literatura. E — sem que isto pareça um prurido infantil de irreverencia innocua — o proprio *Lusiadas*, tão grande, tão bellicoso, tão suggestivo, se conserva a sua gloria através dos seculos, não é tanto pelo padrão de vernaculidade que o solenniza e lhe dá a gloria incontestavel de codigo da lingua, nem pelas descripções geographicas e evocações

mythologicas que o perturbam, mas, principalmente, pelo largo e sadio sôpro lyrico que o atravessa e anima. Se eu ousasse abrir uma despretenciosa excepção no meio desse monumental atravancamento classico e romantico, esta seria, entre os modernos escriptores portuguezes, para Garrett, que ás vezes, pela universalidade e clareza do pensamento, pela flexibilidade da linguagem, a sobriedade dos tons, a distincção das maneiras, e, sobretudo, pela sabia ironia gauleza que lhe corria nas veias, é o precursor da nova arte de escrever em nossa lingua.

Eça de Queiroz, o creador supremo, veio revelar á literatura portugueza o segredo das cousas eternas. Elle é o artista por excellencia. E' o creador do romance portuguez, o romance de caracteres, como Balzac é o grande renovador de processos no romance francez. Com os typos que creou em meia duzia de romances, representando integralmente a vida portugueza

contemporanea, realizou este milagre inedito: universalizar Portugal.

Esses typos são, na verdade, maravilhosos de expressão, de realidade, de vida. Não ha para elles fronteiras de idéas, de sentimentos, de costumes, de aspirações: todas as civilizações illustres os disputam, porque elles participam de todas ellas, integrando-se na communhão humana, sem perderem, entretanto, a particularidade regional que lhes é propria. Resaltam dessa prodigiosa galeria a mais rigorosa preoccupação do detalhe e a mais perfeita visão do conjunto: o apuro da expressão e o pathetico da idéa. Accacio, o padre Amaro, o conego Dias, Bazilio; João da Ega, Gouvarinho, o Damaso e toda a espantosa galeria dos *Maias;* Raposo, Jacintho, José Mathias, Fradique Mendes, Pacheco, o Gonçalinho, installaram-se para sempre na nossa intimidade, vivendo humanamente a nossa vida.

Ha escriptores que, cercados de conforto material e prestigio social, escrevem, methodicamente, cincoenta livros, e ninguem lhes cita uma personagem, nem lhes decora uma phrase. E os ha, em compensação, de vida tormentosa e errante, que na degradação dos carceres ou no desalinho das estalagens, como Cervantes, como Shakespeare, compõem tres ou quatro volumes que se tornam a gloria de uma raça e de uma época, e em que se louva, eternamente, a humanidade agradecida. A immutavel caracteristica do genio é a adaptabilidade universal das suas creações. Todos nós, em todas as latitudes, sabemos o que significam Sancho Pança, Othello, o mercador de Veneza, Macbeth, Romeu e Julieta, como já nos familiarizamos com as figuras secundarias, accessorias, e até com as mais insignificantes da extensa e palpitante nomenclatura eçaneana — o João Eduardo, o doutor Topsius, o Grillo, o Villaça,

o Tító, com o seu vozeirão de athleta preguiçoso de Villa-Clara, e o Videirinha, com o seu violão de fadista épico de Santa Irinéa.

Entre uns e outros existe apenas, a distanciál-os apparentemente, a differença de idades e de temperamentos: no fundo, porém, anima-os, arrasta-os, vincula-os, a mesma fatalidade, o mesmo destino. Depois, a nossa época já não comporta a tragedia, pelo menos como era concebida e representada antigamente. E attendendo a que (mesmo sem accrescentar neste caso o argumento basico da predisposição organica do escriptor); attendendo a que a Ironia é o melhor, o mais seguro, o mais definitivo expoente das civilizações requintadas ou decadentes, tem-se a razão por que Eça de Queiroz, ao envez de pintar grandes télas tragicas, traçou prodigiosas caricaturas.

*

Como escriptor mais critico de acção social que explorador de themas passionaes, a mulher desempenha na sua obra um papel bastante secundario — para não salientarmos a sordidez pathologica de Juliana ou a loucura mystica de D. Patrocinio das Neves. Com excepção de Maria Eduarda, porventura a mais bella e energica das suas heroinas (typo de honestidade soffredora e heroica, máo grado a furia arrasadora de Fialho de Almeida, quando affirma que nos *Maias* não ha uma só mulher honesta), o amor nas outras, quando não é a carne que se entrega, physiologicamente, na hora precisa, sem arrebatamentos lyricos, como em Luiza e Amelinha, é a passividade dolorida e resignada de Gracinha, ou a estima delicada, ingenua, quasi insexual, de Joanninha.

Mas, para compensar esta ausencia de

paixão, de calida vibração affectiva entre as suas creaturas femininas, elle é o glorificador commovido da amizade, da solidariedade moral e intellectual entre os homens. Eça de Queiroz tinha o culto dos seus amigos. Vêde, por exemplo, a constante correspondencia psychica, intima, fraterna, que une Jorge a Sebastião, João da Ega a Carlos da Maia, Zé Fernandes a Jacintho, fundindo-os na mesma ordem de sentimentos e de idéas, sem, comtudo, annullar em cada um a individualidade propria, que se conserva, ao contrario, inconfundivel e flagrante.

Este culto dos amigos, não o celebrou apenas Eça de Queiroz através das suas ficções literarias, porque era um prolongamento da sua conducta particular na vida. Ninguem exaltou melhor as virtudes dos seus companheiros. E' uma grande sympathia irradiando de todo o seu ser. Ahi estão, como provas, entre outros documentos

fidelissimos, esses magnificos retratos psychologicos de Ramalho Ortigão, Eduardo Prado, Anthero de Quental, considerando-se mais que, na apologia deste ultimo, Eça de Queiroz attinge á perfeição sobrehumana de se diminuir publicamente para louvar o seu amigo, traçando um perfil que está para a moderna literatura portugueza como na religião os evangelhos estão para Christo.

Estes e outros ensaios de critica literaria, historica e social, como os sobre Victor Hugo, Guilherme II, o Conde de Paris, Beaconsfield, a *Rainha,* Joanna d'Arc, os *Inglezes no Egypto,* os *Tres Prefacios,* o *Francesismo,* vieram revelar novas faces do seu espirito de commentador genial e de creador equilibrado: ahi, as suas faculdades de analyse e de synthese ganham um vigor rejuvenescido e uma idéalização desafogada. Neste contacto directo com a creatura viva, com o facto objectivado — é o

mesmo que se observa com outros artistas profissionaes, como, por exemplo, Anatole France, o sabio atheniense, muito mais interessante na *Vie Littéraire* do que em algumas das suas obras de ficção; e até com alguns escriptores medianos, como esse venturoso Paul Bourget, incontestavelmente o mais insigne dos actuaes medianos francezes, e decerto muito menos irritante nos seus estudos de critica do que nos romances preciosissimos que urde como bom parisiense — «um parisiense com um ligeiro toque de inglezismo, como pede a moda, que leva para o *faubourg* Saint Germain, num fiacre, os seus methodos de psychologia, de uma psychologia que cheira bem, que cheira a opponax, e tomando uns ares infinitamente profundos, remexe os corações e as sedas das senhoras, para nos revelar segredos que todo o mundo sabe, num estylo que todo o mundo tem.»

*

Se fosse possivel destacar das obras primas do naturalista horaciano da *Cidade e as Serras* (livro que é, com a *Correspondencia de Fradique Mendes*, o mais pittoresco resumo, a satyra mais fina do scepticismo elegante do fim do seculo XIX); se fosse possivel destacar das obras primas de Eça de Queiroz uma unica obra prima, em que todas as outras se resumam e condensem, esta seria, forçosamente, a *Illustre Casa de Ramires*. Este livro é o mais bello monumento da lingua portugueza, nos ultimos tempos: é um *Lusiadas* em prosa, é o poema limpido e sonoro do decahido Portugal contemporaneo em contraste com o poderoso Portugal medievo. Producto de plena e sadia maturescencia intellectual, dessa tristeza consolada e luminosa do envelhecer, livre de preconceitos de escolas, repousado e sereno, tudo

nelle é forte, suggestivo, emocionante, formoso, harmonico, preciso, igual, porque ahi, de principio a fim, um perfeito senso de historiador acompanha e regula a alcandorada fantasia do artista.

Tenho ouvido, com uma insistencia devastadora, que em Eça de Queiroz o minucioso narrador de factos esmaga o philosopho semeador de idéas, ou diminue o artista evocador de imagens. E' que estas, muitas vezes, só dão na vista quando são impostas a muque, aos saltos e aos berros: a discreção, a finura, a subtileza, o *laisser entendre*, o pensamento em acção, a these vivida, prejudicam-n'as na maioria dos casos.

Para embaraçar o asserto que se funda na supposta ausencia de suggestividade, de surto, de força, de que se accusa o autor da *Perfeição* (se uma tão facil tarefa tem algum valor), basta citar aquelle inesquecivel epilogo dos *Maias* (um livro que ainda se não tinha escripto e que se não

escreverá mais na literatura portugueza, verdadeira epopéa da vida moderna), pagina que vale por alguns tratados de philosophia, onde Carlos e Ega, depois de bravamente philosopharem, ao mesmo tempo que assentam numa theoria fatalista da existencia, proclamando a inutilidade de todo o esforço, correm desesperadamente para apanhar o «americano» que os deve levar ao *Hotel Bragança;* ou evocar, com a simples descripção genealogica dos Ramires, que, segundo Oliveira Martins, é um perfeito resumo da historia portugueza, aquelle maravilhoso final da *Illustre Casa,* em que ao lado de Villa Clara e ao pé da *Torre de D. Ramires,* na doçura da tarde agonizante, «por todo o fresco valle até Santa Maria de Craquêde», uma voz inspirada traça simplesmente e genialmente a psychologia de Portugal, emquanto a silhueta melancolica do padre Soeiro, destacando-se no «silencio ainda claro, de immenso repouso,

tão doce como se descesse do céo», pede a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casaes adormecidos...

Não, meus amigos! Eça de Queiroz é um artista completo: aquillo que não encontramos nos outros, um quer que seja, talvez um quasi nada, é justamente nelle que vamos encontrar. Por mim, confesso que, em prosa portugueza, foi nelle que aprendi a ler. Repugna-me, por uma questão de pudor esthetico, apontar as pequeninas falhas deste artista, em que os defeitos são qualidades: isso é com os criticos, os letrados, os homens de rigido bom senso e convicções rigidas. Guardadas as devidas distancias, acceito-o, na minha admiração talvez apaixonada, mas consciente, como elle acceitava Victor Hugo, e como Victor Hugo acceitava Shakespeare: *comme une brute.*

E' que elle, como nenhum outro escri-

ptor do seu tempo, soube visionar integralmente a vida humana em todas as suas ridiculas baixezas e em todos os seus bens consoladores. E' que elle fixou maravilhosamente a Vida. E, ao fixal-a, teve ainda este grande merito: transformou uma lingua barbara, dura, aspera, fradesca, solenne, hostil, num instrumento plastico, sonoro, ductil, ondeante, diaphano, subtil: numa palavra — foi o primeiro escriptor portuguez que fez paradoxos com a nossa lingua. Elle é o mestre — e depois delle, ninguem, que se preze, tem mais o direito de escrever mal a lingua portugueza.

*

Releio, desolado, estas linhas. Eu as desejara largas e harmoniosas como um canto gregoriano, e ellas dão-me «a apparencia de uma herva reles, tremendo junto ás raízes de um cedro». Não resumem idéas cri-

ticas, que eu não teria; nem narram impressões, que me bastavam.

Todavia, para socego meu, para salvação dellas, se aqui não ha uma impressão, uma idéa, uma phrase, uma imagem, um lampejo digno do mestre, seja-me permittido appellar para o meu paiz, no sentido de lhe erguermos um monumento. O Rio de Janeiro deve-lhe uma estatua: ergamol-a. Coube ao Brasil a iniciativa generosa na propagação do seu nome literario: cumpre-lhe agora perpetuar o raro gesto, condensando-o no marmore ou no bronze. Como a de Gœthe em Roma, como a de Heine em Paris, a estatua de Eça de Queiroz no Rio de Janeiro não só diria da nossa gratidão, mas, principalmente, da nossa cultura.

Eu sei que esta idéa é quasi ridicula num paiz onde Machado de Assis, Joaquim Nabuco, Euclydes da Cunha, ainda não têm sequer um busto. Em todo o caso,

ella ahi fica, sincera e justa, para consolo meu, para realce destas linhas, e para desaggravo da minha geração.

II

Ao terminar esse artigo, publicado primitivamente no *Paiz*, do Rio de Janeiro, a 18 de Maio de 1912, occorreu-me, no intuito de lhe dar algum relevo ou significação, que as minhas palavras evidentemente não haviam alcançado — occorreu-me a lembrança de fazer um appello aos meus confrades e patricios, no sentido de prestarmos a Eça de Queiroz a homenagem que eu julgava, e julgo, lhe deverem os seus admiradores do Brasil. Por bem saber que o terreno aqui não é dos mais propicios a iniciativas desse genero — não por falta de sentimento de justiça no nosso mundo letrado, mas pela incapacidade de

acção que o desvaloriza e o torna cada vez mais inapto para perserverar em qualquer tentativa por mais de uma semana — eu estava de antemão convencido de que a minha lembrança não passava do que se costuma chamar um simples gesto literario, bello e generoso, é certo, mas sem consequencias. Como quer que seja, a idéa de um monumento no Rio de Janeiro ao poderoso artista nasceu de um nobre sentimento de gratidão intellectual.

Confesso que, ao lançal-a, eu não tive illusões. Devo, porém, accrescentar que essa desconfiança no exito de tão grata iniciativa era mais levada á conta da absoluta falta de prestigio pessoal de quem a formulára. Mas as boas causas não precisam de grandes autoridades para defendel-as. Só o nome de Eça de Queiroz, com a sua incontestavel influencia no desenvolvimento das ultimas gerações literarias do Brasil, foi bastante para dar á minha idéa

o prestigio que eu não tinha, e a repercursão que eu estava longe de prever.

De facto, foi surprehendente o movimento de opinião que se operou em torno dessa idéa. E, para tornal-a integralmente victoriosa, nada lhe faltou: ella encontrou tambem viva e brilhante opposição, que, se não foi razoavel e efficaz (por se inspirar num sentimento de nativismo inferior, que era, positivamente, uma intromissão grosseira no debate), teve, em todo o caso, o merito de livral-a das unanimidades nem sempre conscientes.

Agora que, á custa dos esforços de uma Commissão Executiva á frente da qual se collocaram os srs. Coelho Netto, Vasco Ortigão e João Luso, e que, mesmo com espanto das indoles mais desattentas, ella marcha para a sua realização definitiva, é justo que se condense numa forma duradoura o bello movimento de opinião que se manifestou no Brasil em honra do grande escriptor

e da sua grande obra. Para conseguil-o, para que se não percam, num paiz tão desmemoriado como o nosso, os echos dessa louvavel attitude da nossa intelligencia e da nossa sensibilidade, nada me parece mais acertado do que transcrever aqui, por ordem chronologica, o que então foi publicado, de mais relevante e em suas linhas essenciaes, já pelos principaes orgãos da imprensa brasileira, com a responsabilidade collectiva das suas redacções, já por alguns escriptores, individualmente. Qualquer resumo, com palavras alheias, resultaria imperfeito. O melhor é exibir documentos. O primeiro é dado, generosa e autorizadamente, pelo *Jornal do Commercio*, edição da tarde, de 20 de Maio de 1912, em columna editorial. Assim se exprime o velho orgão:

«O sr. Matheus de Albuquerque publica no *Paiz* de ante-hontem, a proposito das *Ultimas Paginas*, de Eça de Queiroz,

um artigo fremente de commoção e de enthusiasmo, ao fim do qual lança a idéa da creação de um monumento ao grande artista nesta capital. Tendo-se revelado, nas paginas do *Visionario*, um poeta de alta inspiração, o sr. Matheus de Albuquerque dá-nos agora a larga e generosa medida dos seus dotes de prosador, como na série dos estudos sobre a individualidade do Barão do Rio Branco traçados no nobre estylo que compete á elevação de taes idéas, neste preito á memoria do autor do *Primo Bazilio*, que elle diz ser «mais de gratidão pessoal que de homenagem literaria» e onde, todavia, á justeza e segurança dos conceitos corresponde uma fórma ricamente trabalhada e de precioso fulgor.

«O articulista exprime bem a especie de ternura, de reconhecimento filial que todos os cultores da lingua portugueza, vindos depois de Eça de Queiroz, lhe devem, pelas innovações que elle introduziu na sua obra

e a lição que nella deixou, vasta, esplendorosa e tão superiormente duradoura. Eça, na verdade, transformou, reanimou a lingua que serviu; e não diremos, como outros, que fez uma lingua nova, porque dos folhetins da *Gazeta de Portugal* ás chronicas da *Revista Moderna* e das *Singularidades d'uma Rapariga Loura* ao *S. Christovão,* com todas as suas audacias, os seus tão falados gallicismos, as suas excentricidades, o poderoso artista se manteve sempre genuinamente portuguez. Nem a originalidade das suas idéas, nem as qualidades «differentes» do seu estylo, impediram Eça de Queiroz de ser o romancista que mais clara e flagrantemente observou a sociedade do seu paiz, com mais fino espirito critico analysou os seus costumes, com mais eloquente fidelidade reproduziu a sua linguagem, desde as nobres conversações do Ramalhete ás cavaqueiras, em giria, da redacção da *Corneta do Diabo.* O que elle fez,

foi crear novas formulas de descripção e de dialogo, para exprimir as verdades que a litteratura do tempo em que surgiu, teimava em examinar com um criterio secularmente atrazado e em traçar, com uma penna sempre a mesma, horrendamente enferrujada.

«Portugal teve, no seculo XIX, Camillo e Eça, dois grandes romancistas, dois grandes escriptores, grandes ainda pela distancia que em tão pequena literatura e tão pequeno paiz, para gloria de ambos, os separa. Camillo serviu apaixonadamente á lingua, com o empenho predominante de a «purificar». Para isso, foi desencantar velhas palavras e moldes classicos, e fez uma obra de ressurreição verdadeiramente milagrosa. Eça de Queiroz comprehendeu sobretudo a necessidade de narrar e criticar o Portugal do seu tempo, usando de uma linguagem que fosse a representação esthetica, a expressão aprimorada, sem deixar de ser fiel, da linguagem que no seu tempo se fa-

lava. Nos livros de Camillo, quando as personagens são grosseiras e ridiculo o tom do dialogo, bem vae a veracidade da exposição; desde que, porém, os heroes merecem o respeito e o carinho do autor que os quer tornar, nos gestos e nas palavras, verdadeiramente heroes, é o guindado, o ultra-romantico, o postiço, o absolutamente falso. Nesses momentos solemnes, as personagens de Camillo não são creaturas minhotas da segunda metade do seculo XIX; são... mas na verdade bem difficil se tornaria dizer o que ellas são. Assim, a obra de Camillo, maravilhosa como foi, está hoje quasi offuscada, quasi desapparecida.

«Como que esse monumento literario recuou subitamente ás idades onde o autor fôra buscar o material para o edificar... E se Camillo teve discipulos, qual dos modernos escriptores de Portugal ou do Brasil accusa ainda na sua obra influencia de tal sentimento e de tal estylo? Ao

passo que o *Crime do Padre Amaro* é hoje «muito mais admirado» do que no tempo do seu apparecimento; e a não se levarem em conta, como é de justiça, as tentativas exoticas e ha muito abandonadas, aquem e além-mar, bem se póde affirmar que nenhum prosador, mais ou menos victorioso, da actualidade, deixa de ser, mesmo que o não queira, um discipulo de Eça de Queiroz. E' que superiormente dotados ambos do genio das letras, Eça se tornou um precursor e Camillo um excavador; e assim aquelle avançou tanto quanto o outro andou — em sentido contrario.

«Num artigo tristemente celebre e que, todavia, sempre alguns tomaram a serio, desesperava-se Fialho de Almeida porque Eça de Queiroz ia ter o seu monumento em Lisboa, quando a Camillo ninguem se lembrara ainda — e até hoje se não lembrou — de levantar tal homenagem. Ora, a

razão não podia ser senão que o artista dos *Maias* e da *Illustre Casa de Ramires* deixara mais ou melhores admiradores que o romancista das *Estrellas Funestas* e da *Corja*...

«A bella estatua de Eça, que se ostenta no pequenino jardim lisboeta da praça do Quintella, foi, como se sabe, devida a iniciativa particular. Poderão os bons admiradores do autor da *Reliquia*, no Rio de Janeiro, conseguir que a sua gloria se perpetue, exteriorizada no bronze ou no marmore, numa dessas modernas praças que são o orgulho da nossa cidade? Tal a idéa que o sr. Matheus de Albuquerque acaba de lançar, com um ardor e um impeto generosos, realmente dignos de um completo triumpho. Apesar de não conhecermos bem as razões ou os factos em que o articulista se baseia para assegurar que «coube ao Brasil a iniciativa da propagação do nome literario de Eça de Queiroz», pensamos

como elle, que o Rio de Janeiro se dignificaria, prestando essa homenagem significativa da sua cultura intellectual e dos seus sentimentos de justiça. E se ao sr. Matheus de Albuquerque póde dar satisfação a adhesão dos seus confrades de imprensa, aqui lhe deixamos a nossa, muito espontanea e sincera.»

*

Dois dias depois, a 22 de Maio, o *Paiz* tornava publica a sua adhesão, por meio da seguinte vibrante nota:

«Concluindo o seu recente artigo, nesta folha, sobre Eça de Queiroz e a sua obra literaria, o nosso illustre collaborador Matheus de Albuquerque faz um vibrante appello ao Brasil no sentido de que seja erigida nesta cidade uma estatua do incomparavel escriptor.

«Eça de Queiroz, como disse Matheus de Albuquerque em palavras quentes e in-

flamadas, transformou a nossa lingua «barbara, dura, aspera, fradesca, solemne, hostil, num instrumento plastico, sonoro, ductil, ondeante, diaphano, subtil: numa palavra — foi o primeiro escriptor portuguez que fez paradoxos com a nossa lingua. Elle é o mestre — e depois delle, ninguem, que se preze, tem mais o direito de escrever mal a lingua portugueza».

«A excellente e nobre idéa, apenas lançada, despertou vivo interesse em nosso meio, onde Eça deixou tantos admiradores enthusiastas quantos são aquelles que empunham uma penna de escriptor: os seus discipulos no Brasil contam-se pelas gerações de plumitivos que, entre nós, ensaiaram as suas armas literarias depois do surto dessa luminosissima aurora que foi a obra artistica de Eça.

«Já hontem, pela edição vespertina do *Jornal do Commercio*, o brilhante chronista dos *Topicos do Dia* hypothecou a sua adhe-

são, muito sincera e espontanea, á generosa idéa de Matheus de Albuquerque.

«Eis ahi, pois, que o bello gesto desperta entusiasmo entre confrades da imprensa. Cumpre que outros, que todos, imitem a attitude do redactor dos *Topicos do Dia*, e assim possamos nós do Brasil documentar, em alguma coisa mais do que em palavras, a sinceridade de nossa gratidão áquelle que foi mestre das nossas derradeiras gerações literarias e que aqui deixou tão grande numero de discipulos e admiradores.

«Que a estatua de Eça de Queiroz se levante em uma praça do Rio de Janeiro, em um dos seus jardins floridos! Mas é preciso comprehender que não se chega bem a um resultado com palavras que o vento leva...

«Manifestem-se os cultores do aprimorado artista da palavra. Appareçam em publico, concertem os pensamentos, re-

unam-se e tornem uma realidade, pelo marmore palpitante, a estatua de Eça de Queiroz no Rio de Janeiro!»

*

No dia seguinte, 23, a *Noticia* dizia, entre outras, estas palavras animadoras e sensatas:

«Tal idéa póde parecer estranha aos que entendem que essas glorificações ou essas perpetuações só cabem, dentro da patria, aos filhos da propria patria. Nada mais errado. Sem sahir da propria litteratura, ha a idéa, infelizmente ainda não realisada, de se erguer em Lisboa uma estatua a Victor Hugo e em Paris outra estatua a Luiz de Camões. Ora, se essas permutas de glorias se podem dar entre duas literaturas da mesma raça, com muito maior razão se devem acoroçoar em literaturas da mesma raça e do mesmo idioma. E' bem este o caso de Eça de Queiroz. Victor

Hugo foi, na literatura do seculo passado, o genio culminante da raça latina. Eça, na restricção do seu e nosso mundo, foi o expoente maximo das letras de Portugal e Brasil. Ainda mais, de todos os escriptores luzitanos que têm exercido influencia no nosso meio intellectual, depois dos escriptores classicos, elle foi o que maior e melhor influencia exerceu sobre nós. Foi até mais longe e, pintando a sociedade da sua patria, pintou a nossa propria sociedade. Ha na sua obra innumeros typos portuguezes, que são tambem brasileiros. O conselheiro Accacio passa todo dia por nós, apenas, agora, disfarçado em republicano adherente. Isso, provando a similitude dos dois meios, mais impõe a glorificação de um artista, que, por isso, foi tambem nosso. Aqui, pois, deixamos a nossa desvalorizada adhesão á idéa do brilhante escriptor Matheus de Albuquerque.»

*

A 27 de Maio, finalmente, a *Gazeta de Noticias*, jornal que no Brasil se illustrou com a collaboração effectiva de Eça de Queiroz, chegando a merecer as primicias da *Reliquia*, trazia-nos o seu grato e esperado apoio em poucas mas significativas palavras, em que sobresahem as seguintes, innegavelmente interessantes:

«De facto, Eça de Queiroz exerceu uma enorme influencia no Brasil. Influencia civilisadora. E' curioso notar que nenhum dos grandes escriptores brasileiros contemporaneos do escriptor dos *Maias* se revela seu discipulo. E' preciso affirmar que nenhum dos novos de talento surge fazendo á maneira de Eça. Basta citar o sr. Gilberto Amado, por exemplo, e o proprio sr. Matheus de Albuquerque. Mas, se no Brasil já se sabia escrever naturalmente antes de Eça, a influencia de Eça é dessas collos-

saes e imponderaveis influencias, como o ar e como a luz, de que todas as cousas, sem que se perceba, sentem o valor. A sua ironia era o vehiculo facil para que toda a gente pudesse receber e comprehender o seu espirito de aristocracia e de finura, raro espirito de atheniense num corpo de ibero.

«Ao demais, Eça, que não conhecia o Brasil, amava o Brasil immensamente e era mais nosso por essas affinidades electivas, que mesmo de Portugal.

«Um monumento a Eça é um dever intimo. Devemos erigil-o principalmente por nós mesmos.»

*

A corrente se avolumava. Apparecidas estas primeiras manifestações da nossa imprensa, que destaco de outras de menor vulto, ainda que solidarias com a idéa glorificadora, começaram a surgir as adhesões

dos nossos escriptores, com a responsabilidade de seus proprios nomes. Coube ao sr. Coelho Netto, sempre original nas suas expressões generosas, a primazia nessa brilhante attitude. A 25 de Maio, o *Paiz*, publicando a carta que o illustre romancista tivera a bondade de dirigir-me, acompanhava-a de novos e eloquentes commentarios:

«Illustre confrade sr. Matheus de Albuquerque — O seu appello soou tão forte no meu coração, que, apesar de doente, saio por elle e aqui estou. Dê-me as suas ordens e terá em mim, senão um artista para trabalho fino, um operario para o grosso da obra. Para auxiliar a construcção do monumento ao Eça carregarei pedra — Patricio e admirador, *Coelho Netto.*»

«Muito significativas as linhas do sr. Coelho Netto, que acabamos de publicar. Na sua simplicidade familiar e no tom cheio de ternura de que se revestem, ellas signi-

ficam que a idéa de um monumento a Eça de Queiroz tem achado echo entre os typos mais representativos do Brasil intellectual.

«E nem podia ser por menos. Eça de Queiroz exerceu e exerce ainda no Brasil uma influencia tão pronunciada, tão intensa, tão luminosa, e tão vivificadora, que o immortal artista de além-mar merece que o Brasil lhe erija um monumento, menos por espirito de justiça, do que por espirito de acendrada gratidão.

«Não que sacrifiquemos os sentimentos de justiça literaria devida ao grande escriptor em beneficio dos sentimentos de gratidão que lhe devemos, não. Em qualquer parte onde se fale a lingua de Vieira, entre as florestas magestosas do Brasil, ou á sombra dos pinheiros e dos choupaes da amavel e terna patria portugueza; á margem do Douro fecundo, ou á beira dos rios africanos, que em tempos idos tive-

ram as suas aguas ruborizadas pelo sangue heroico dos audazes conquistadores luzitanos; onde quer que se fale a lingua em que orou Nun'Alvares, religioso depois de guerreiro, santo depois de patriota, e em que Antonio Vieira fulminou os hollandezes inimigos da coroa de Portugal; nessa terra quasi virgem, ou nessa patria civilizada, Eça de Queiroz ha de triumphar como mestre, antes mesmo de reinar como artista.

«Adiantamos mais ainda. Mesmo onde não se fale o nosso idioma, mas houver uma visão clara da arte de bem dizer e das fórmas perfeitas de bem pensar, Eça de Queiroz impõe-se ao espirito do artista com aquella facilidade e segurança com que a luz attrae, conquista e seduz os olhos que não estiverem mergulhados nas trevas da cegueira.

«O estylo luminoso, vibratil, ductil, elegante, transparente e attico do immortal artista foi um dos mais poderosos vinculos

que mais conseguiram ligar o Brasil a terras de Portugal.

«Por que?

«Porque foi através dos seus romances que nós outros, nestes longinquos sitios, conseguimos penetrar, mesmo de longe, na vida intima da nacionalidade portugueza.

«E hoje não ha neste paiz um só homem que leia e não tenha como pontos familiares de passeios feitos pela imaginação o Chiado e a Casa Havaneza, Leiria, Oliveira, Corinde e Olivaes.

«Foi através do estylo de Eça que o Brasil se familiarizou com a vida portugueza, essa vida intima toda ella feita de affeição e de ternura, de amor e de uma ingenuidade tão graciosa e tão boa, que nós somos inclinados a ver no povo portuguez, mesmo através da ironia fina com que o fustiga ás vezes o Eça, um povo de creanças, o que equivale a dizer — um povo vivo, amavel e bom.

«Eis porque o immortal artista, cuja vida literaria foi um hymno perenne entoado ao Verdadeiro, ao Justo e ao Bello, é quasi tão brasileiro e tão nosso como se tivesse visto a luz nesta terra, que o admira e que o ama, em vez de ter nascido naquella patria seductora, onde o velho Affonso da Maia punha a nota classica da sua austeridade de viso-rei e Maria da Graça era realmente a graça e o encanto da «Torre de D. Ramires».

«Não será, pois, a um estrangeiro, na restricta accepção deste vocabulo, que se vae erigir um monumento no Brasil.

«E' a um artista familiar aos brasileiros letrados, tão familiar como os que mais o forem; é a um artista que o publico ledor do Brasil admirou, assimilou e fez muito seu, quasi todo seu, que se vae erguer um monumento em uma das praças do Rio de Janeiro. Esse monumento será mais uma consagração do grande valor artistico de

Eça de Queiroz; mas será tambem, e ainda mais, para nós que o admiramos com toda a intensidade que permitte este sentimento, a maneira justa, exacta e sensivel de manifestarmos a nossa gratidão ao artista admiravel que, com a tela dourada do seu estylo todo pessoal e todo luminoso, conseguiu estreitar definitivamente os laços que prendem a familia brasileira á doce e heroica familia portugueza.»

*

Na manhã seguinte, 26, o sr. João Luso, pelo seu folhetim dominical do *Jornal do Commercio*, dedicava ao assumpto, entre outras, estas consideraveis linhas:

«Ha, de certo, no artigo do sr. Matheus de Albuquerque, algumas asserções, não diremos temerarias, mas, emfim, discutiveis. Entre ellas, está a que representa Eça de Queiroz, na época do seu inicio nas letras, como um artista peregrinamente do-

tado, mas sem materia prima, isto é, sem uma lingua formada, de que se servir. Partindo desta asseveração, naturalmente o articulista se arremessou a corollarios extremados. E para os justificar, tem que ir ás do cabo. Chega á originalidade de fazer restricções na sua admiração pelos *Lusiadas*; e esquece as preciosidades de estylo que encerram os sermões de Vieira, as narrativas de Herculano, e mesmo certas paginas, maravilhosamente trabalhadas, de Camillo Castello Branco. Tudo para deixar deprehender que Eça de Queiroz creara uma lingua sua, uma lingua nova.

«Ora, a verdade parece antes ser que Eça de Queiroz, na época de publicar os primeiros folhetins e as primeiras novellas, lutava com a enorme difficuldade de desconhecer a lingua em que pretendia escrever. Dahi, provinha a monotonia e pobreza da sua fórma; a insistencia afflictiva com que se lhe repetiam as fortes e audaciosas

imagens; o uso immoderado do gallicismo; as extravagancias e aberrações que os criticos do tempo, justamente alarmados e mais ainda porque sentiam a superioridade daquelle talento iconoclasta, de todas as maneiras, pelo anathema e pela troça, combatiam e condemnavam. A observação de Teixeira de Vasconcellos, como a repete o prefaciador das *Prosas Barbaras*, synthetiza a obra do futuro estylista da *Illustre Casa de Ramires*, e a maneira como a julgava a gente illustrada e de bom senso:

«Tem muito talento este rapaz; mas é pena que residisse em Coimbra, que seja inteiramente doido, que haja nos seus contos, sempre, dois cadaveres amando-se num banco do Rocio e que escreva em francez.

«Com effeito, Eça de Queiroz, como elle proprio nos contou, mais tarde, em chronicas diversas, tinha-se abeberado, em Coimbra, de leituras estrangeiras, de idéas

e estylos estrangeiros; e completamente desprezava o estudo dos classicos da sua lingua, sem tampouco seguir o conselho do poeta francez que lhe mandava ler, ao menos, o diccionario... Foi, atochado dessa erudição estrangeira e nesse desconhecimento patrio, que elle começou a escrever. E assim, para dar o artista que nós hoje adoramos, se lhe tornou indispensavel, não crear uma lingua nova, mas estudar a velha, conhecel-a, possuil-a e dominal-a, a ponto de poder crear, com ella, um estylo seu, esse estylo inconfundivel que attingiu, no *S. Christovão*, a suprema originalidade e a suprema perfeição.

«Mas nós devemos pedir desculpa ao sr. Matheus de Albuquerque, desta caturrice. Igualmente lhe rogamos que nos perdoe, por não concordarmos com a sua affirmação de ter cabido ao Brasil «a iniciativa da propagação do nome literario de Eça de Queiroz...». Nem como opi-

niões, nem como factos, as nossas divergencias valem coisa alguma. O que importa, é acceitar e apoiar a verdade annunciada pelo excellente poeta do *Visionario*, de que o Rio de Janeiro deve uma estatua a Eça de Queiroz e, levantando-lh'a, nobremente pagará á sua memoria um tributo de gratidão.»

*

Pelo *Correio da Manhã* de 27 de Maio, um dos seus mais destacados redactores, o sr. Costa Rego, offerecia-nos a sua calorosa adhesão no artigo abaixo reproduzido em parte e onde se accentua a opinião de que se deve ao Brasil, principalmente, a propagação do nome literario de Eça de Queiroz:

«Antes de ser admirado, querido e consagrado em Portugal, Eça conquistou esta adoravel patria brasileira. Foi o mestre da geração literaria que ainda vive, filha

espiritual da sua graça, do seu estylo e da sua despreoccupada philosophia. Portugal conheceu Eça depois delle revelado no Brasil.

«A circumstancia de apparecerem os seus romances numa época de profundos preconceitos e para um meio onde pontificavam os ultimos grandes homens do romantismo, collocou-o, por assim dizer, em situação de incompatibilidade declarada. Era olhado como o inimigo a quem se não devesse a homenagem de uma vaga sympathia. Não houve em Portugal escriptor de nota, com um pouco de autoridade, que se não julgasse na obrigação de o combater. Desde Camillo, desde Fialho, seus contemporaneos e quasi rivaes, até ao soporifero Pinheiro Chagas, todos se defenderam da invasão dominadora daquelle iconoçolasta que desmantelava o adversario a sorrir dos seus esgares, entalando o manoculo impertinente.

«Entretanto, Eça não foi um aggressivo. Nenhum homem até hoje manejou com maior discreção a lingua em que escrevia. Os mestres do seu tempo, polemistas tremebundos, que discutiam nas gazetas, eram pacientes escarafunchadores da grammatica, procurando epithetos malcreados, que desancassem uma pobre creatura apenas reduzidos a letra de fôrma. Eça nunca esqueceu a sua dignidade de escriptor e abominava esses processos. Cultivava a ironia. Valeu-lhe essa arma nova os enormes triumphos alcançados; mas foi ella tambem a causa principal, e porventura a unica, das inimizades adquiridas em Portugal.

«Por isso, mais rapidamente o comprehendemos nós, no Brasil, e com maior pressa lhe assignalámos as excellencias da obra literaria apenas começada. Depois, Eça tornou-se um escriptor nosso, tão nosso como o mais legitimamente nascido nestas rutilantes plagas da bahia de Guanabara, que

elle morreu com pena de não ter conhecido. Grande parte de seus trabalhos foi feita para o Brasil. Se é verdade que, num anno remoto, um navegador portuguez veio até aqui descobrir-nos, revelando-nos ao resto do mundo civilizado, bem galhardamente a Portugal compensámos esse serviço apresentando-lhe o grande escriptor que elle repellia como um máo patriota, porque não envergou sobrecasaca e, á maneira digna de Pacheco, nas sessões dos Pares do Reino, não espetou o dedo na testa para affirmar que tinha um immenso talento.

«Não se fizesse no Brasil, em torno de Eça de Queiroz, o movimento de generalizada sympathia que ainda hoje subsiste, e Portugal tão cedo não lhe levantaria o busto em marmore, sobre um pedestal, como levantou.

«Não é demais, nestas condições, que a mesma homenagem lhe seja tributada em terras do Brasil, da parte dos brasileiros,

que são os que mais depressa o souberam amar. A idéa de Matheus de Albuquerque póde ser subscripta pelo paiz intellectual inteiro.»

*

Da notavel escriptora sr.ª Julia Lopes de Almeida, eram estas, entre outras, as prestigiosas palavras que o *Paiz* de 28 de Maio publicava em sua primeira columna:

«E' tempo de demonstrar que esta capital laboriosa, considerada no proprio Brasil exclusivamente commercial e politica, como se outra houvesse no paiz em que a arte e a litteratura fossem tão prezadas e mais cultivadas, sabe prestar homenagens aos espiritos fascinadores de artistas inegualaveis a que deve não só horas de deleite, como aperfeiçoamentos de estylo e linguagem. Com esta mesma penna com que estou escrevendo agora, escrevi ha quinze dias uma chronica em que animei

a idéa de fazermos alguma coisa para a realização da estatua de Camões, que a Liga Latina projecta erguer agora em Paris. Responderiamos com uma contribuição, embora pequena, ao pedido que de lá nos foi feito e que, ficando sem resposta, demonstrará uma indifferença e um descaso bem pouco ornamentaes para a nossa sociedade. Nesse mesmo artigo lamentei não ter o supremo poeta da nossa lingua nem sequer uma herma em um dos nossos jardins e é com igual sinceridade que ponho nestas linhas o offerecimento do meu concurso para uma homenagem ao prosador delicioso e ao romancista unico que foi Eça de Queiroz.

«A grande, a terrivel difficuldade destes emprehendimentos está no modo de os pôr em pratica. E' preciso que ao enthusiasmo se junte uma dose de paciencia capaz de santificar o homem mais peccador e inconveniente, para que um plano de

arte e sem utilidades praticas immediatas se possa entre nós levar a effeito. Se assim não fosse, eu lembraria já aqui, timidamente, uma coisa, que teria pelo menos certa originalidade e que talvez lograsse attrair a curiosidade de um razoavel numero de pessoas: — a publicação de um album constituido por desenhos originaes e caricaturas representando as personagens mais typicas e queridas de Eça de Queiroz.

«Desde o padre Amaro, *um homem um pouco curvado*, de figura esguia, e da S. Joanneira, *gorda e branca, de aspecto pachorrento,* até ao formidavel, ao sublime S. Christovão em pé dentro do rio tumultuoso, de braços abertos a servir de ponte a mercadores apressados, quantas e quantas figuras de inconfundivel expressão poderiam inspirar e ser assignadas por differentes pintores e differentes caricaturistas de Portugal e do Brasil! Alguns mesmos desses typos, prestavam-se a ser repetidos

sem prejuizo nem monotonia. O ennervado e magro Jacintho, bocejando no seu famoso palacio 202 dos Campos Elyseos, que semelhança de sentimento póde ter com o espadaudo Jacintho, extasiado na contemplação das lindas arvores serranas da sua aldeia?

«Não haveria probabilidade de ser bem acceita essa galeria de typos, em um album aquarellado e de luxo, ou esta idéa faria antes franzir de ironia a bocca dos editores experientes? Seria este o facto provavel...

«Se entrei antes do tempo no periodo das probabilidades praticas é porque sei que num paiz como o nosso — e não sei se nos outros não acontecerá o mesmo — não bastam palavras, embora repassadas de enthusiasmo e de razão, que demovam as turbas a vir collaborar comnosco numa obra por que nos apaixonamos.

«Conceber uma idéa, lançal-a aos quatro ventos da publicidade com vibrante

commoção e esforço de clareza, é pouco! E' preciso ainda mais! O prestigio da penna? Tudo isso são nuvens que se desfazem no alto sem deixar vestigio. Para dar corpo e vida á idéa que uma commoção de Arte e de Belleza fez rebentar do nosso cerebro, é indispensavel desdobrar a nossa actividade em multiplos esforços, cantar hymnos nos jornaes e andar de porta em porta mendigando esmolas para o nosso idéal, como um pobrezinho para uma filha paralytica...

«Pudessem ainda os meus olhos ver no Rio de Janeiro grandes consagrações aos poetas e aos prosadores a quem o nosso espirito maior somma de beneficios deve!

«Dos nossos escriptores só Alencar e Gonçalves Dias mereceram até hoje as honras do bronze. Dir-se-ia que as galerias militares nos sensibilizam e attraem muito mais poderosamente que as da arte... mas tal não nos deve espantar, quando sa-

bemos que o nosso orgulho está em sermos, sem contestação — o paiz mais intellectual da America Latina...

«E' verdade que a fama de — terra de poetas — se transformou, de ha annos para cá, no Brasil, para a de terra de generaes. Não ha paiz, dizia-me ha dias uma pessoa magnificamente informada, tanto mais que é militar, não ha paiz onde o numero de generaes seja tão grande como aqui. Se assim é, como cada qual prestigia os da sua classe de preferencia aos de qualquer outra, está bem de ver que ao sr. Bernardelli ainda estão reservadas mais estatuas equestres ou fardadas...

«Não seria a minha penna que protestasse nunca em desfavor de consagrações publicas a soldados dignos do nosso respeito e da nossa gratidão; mas quereria que nesta terra luminosa, cheia de bellezas inspiradoras e de intelligencias vivas e apaixonadas, houvesse tambem manifesta-

ções carinhosas para os grandes vultos serenos da Arte consoladora.»

*

Sob o titulo *A Glorificação de Eça de Queiroz no Brasil*, Eugenio de Lemos, conhecido pseudonymo de um dos nossos mais illustres jornalistas, firmava, na *Noticia* de 30 de Maio, o bello artigo, cheio de observações tão justas quanto opportunas, o qual reproduzo na integra:

«O Brasil nunca foi um paiz que tivesse em grande conta os seus escriptores. Em vida, elles nunca lhe mereceram uma admiração mais que problematica. Paiz infelizmente dominado pelo analphabetismo, graças ao proprio analphabetismo dos seus mandões politicos, isso se comprehende até certo ponto e até certo ponto se desculpa. As estatuas, os monumentos, as demonstrações de reconhecimento e de veneração aos nossos escriptores, contam-se por todo

o paiz e não é preciso ter uma grande memoria para enumerar esses testemunhos da gratidão nacional aos homens que mais elevaram a sua civilisação e a sua cultura. Ainda assim, é lisongeiro e consolador verificar que nesses testemunhos da publica admiração não foram esquecidos completamente os escriptores. Basilio da Gama não tem um monumento, como o não têm o padre Vieira, Montalverne, Santa Rita Durão e os poetas da Inconfidencia Mineira. Mas já o têm dois outros poetas dos de maior nomeada, o que não deixou apagar-se o nosso renome intellectual na sagração do nosso povo. E' isso um bom signal, um presagio magnifico, que cumpre animar e favorecer, porque nenhum povo o chega a ser sem a veneração pelas suas maiores mentalidades.

«Nós temos duas grandes tendencias: a politica e a literatura. No tempo do Imperio, ellas se fundiam ou se casavam: uma

servia de escada á outra, através do jornalismo. Na Republica, rompeu-se essa sequencia, e a politica, mais ousada, seguiu o seu caminho ascencional, com a audacia de um aviador. A literatura ficou posta á parte, como um genero de cogitações humanas colocado fóra do tempo e, como tal, relegado para um futuro remoto. Os literatos, á vista disso, fizeram-se homens praticos, e os editores viram-se em difficuldades para fazerem o seu já resumido mercado literario.

«Nem por isso, porém, a nossa literatura morreu. Surgiu o jornalismo mais literario que aquelle que existia no tempo de José de Alencar e que separa a sua parte literaria da parte noticiosa. Hoje, um reporter é um literato a seu modo, servindo o seu publico com muito mais agrado que muito literato. O jornal, por assim dizer, sorveu a literatura ambiente que andava espalhada pelos botequins e confeitarias.

Ninguem hoje toleraria, no seu jornal, uma noticia, a mais simples que seja, que não tivesse uma fórma mais ou menos literaria. Tudo é mais ou menos literatura, mais ou menos estylo, mais ou menos gosto, consoante a feição nova que á nossa esthesia trouxe a transformação da cidade. Ha jornaes que não têm a acceitação do publico, porque não obedecem e não satisfazem a esse preceito. Outros, agarrados a um velho conservantismo, vêem-se obrigados a transigir, a evoluir, porque o gosto do publico já não comporta as suas maneiras antigas. Tudo muda rapidamente, tudo se desloca, numa immensa transformação.

«A literatura já é olhada com maior sympathia e, neste ponto, é pena que os nossos grandes escriptores, como Murat e Bilac, se tivessem eclipsado ao mesmo tempo que morria Machado de Assis, e Raymundo Correia, já fatigado e faminto, se acolhia á jurisprudencia, apagando-se na

literatura. Se esses se mantivessem na brecha, era quasi certo que muito poderiamos esperar do nosso publico como protecção á literatura nacional. Mas, seja como for, o certo é que hoje se tem, entre nós, um mais elevado culto pelas letras. Ha mais jornaes, ha nelles uma literatura que elles nunca tiveram e ha, por isso talvez, uma maior autoridade moral.

«O publico sente que ha uma nova geração a surgir e, como essa geração, por isso que é moça, tem audacias neste mundo sem coragem, ama-a, vem para ella com extrema sympathia e dá-lhe o seu inestimavel apoio, representado pelo fervor com que já acolhe os jornaes. E é um phenomeno a notar e que se nos afigura decisivo: lê-se hoje, tem-se hoje muito mais curiosidade pelos jornaes do que se tinha ha dez annos. E' já um resultado da nossa instrucção cada vez mais espalhada? Parece que sim, mas, parece tambem que é

uma consequencia da transformação por que passámos. Na epoca que corre, aqui talvez mais que em qualquer outro paiz, a imprensa é o supremo acolhedouro da opinião. E a opinião vive tão embaraçada, tão suffocada nas suas emperradas valvulas constitucionaes, que procura preferentemente essa valvula mais ou menos segura, mais ou menos garantida, que é o jornalismo.

«Ora, o jornalismo, hoje mais do que nunca, comprehendendo os seus perigos e, por isso mesmo, a nobreza da sua missão, aboliu um pouco aquellas maneiras antigas e lançou-se numa amplidão de fórmas e juizos que não estava nas suas tradições. Hoje, mais apoiado pela opinião publica, mais fortalecido por uma mocidade intelligente, elle é verdadeiramente uma força. Mas essa força não se constituiu sem o auxilio de factores naturaes ou accidentaes, sem o concurso de correntes que deriva-

vam da evolução. A nossa literatura, por exemplo, foi fortemente influenciada pelo que se poderia chamar a escola franceza. Achando-se o nosso jornalismo mais ou menos ligado á literatura, elle não poderia deixar de sentir essa influencia, e agora mais do que nunca, porque elle é mais literario do que nunca o foi em tempo algum. As nossas correntes literarias vêm-nos, porém, de duas procedencias: da França e de Portugal. A França é a geratriz das idéas; Portugal, o gerador da fórma. Trabalhando a mesma lingua e hospedes nella, nós podemos ainda hoje dar ás idéas vindas de França uma fórma, por assim dizer, palpavel e que não fira abruptamente o nosso tacto.

«Tendo de manejar o mesmo barro, nós nos inclinamos naturalmente aos processos que nos são mais caseiros. E é por isso que os escriptores portuguezes sempre exerceram sobre nós, ao menos na fórma,

uma influencia maior, uma influencia mais directa e mais intima.

«Mas de todas ellas, nenhuma certamente chegou a empolgar-nos tanto como a de Eça de Queiroz. Já aqui uma vez se alludiu á influencia de Guerra Junqueiro. Essa tambem foi grande. O fundibulario, o anti-clerical, o republicano, o petroleiro, o demolidor, encontrou-nos numa situação que nos predispunha ás sympathias extremas. Depois o seu verso fluente, de uma espontaneidade assombrosa, ficando tão facilmente no ouvido, como no pensamento, pela sua musicalidade facil, pela sua transparencia diaphana, seduzia-nos, deliciava-nos, enchia-nos de um doce e immenso encanto.

«Mas, vencidas as etapas que tinhamos a vencer na politica e nas questões sociaes, cessa a influencia de Guerra Junqueiro, como cessa a de Victor Hugo, que nos levou a um romantismo quasi delirante, a uma demagogia quasi sanguinaria.

«Eça de Queiroz impera então, soberanamente. Como elle tambem é simples, claro, e trata a vida com a maior naturalidade, nós nos sentimos mais á vontade dentro da sua obra. O meio em que agimos não differe muito do meio que nos pinta. Os personagens que elle flagella com a sua ironia causticante, os que elle exalta por vezes até o sublime da poesia, são nossos conterraneos, nossos conhecidos, nossos amigos.

«Os ridiculos, as baixezas, as chulices que elle descreve são inteiramente os nossos ridiculos, as nossas fraquezas, as nossas mesquinharias. E nós nos sentimos magnificamente identificados com o romancista. Elle é tão nosso, como se tivera nascido brasileiro. Manejando a mesma lingua, dando-lhe uma plasticidade, um espirito attico, que ella não tinha, arrancando-a a essas vestes veneraveis, quasi talares, do classicismo, e ás roupagens melancolicas

do romantismo e á armadura quasi homerica do parnasianismo, pondo sobre as suas formas renovadas e varonis o «manto diaphano da fantasia», a tornal-a ondeante, vaporosa, quasi etherea, — elle nos descortina expressões novas, maneiras de dizer inteiramente ineditas, que o nosso pensamento logo apprehende e penetram a nossa emoção como os raios do sol atravessam um vidro claro.

«Para nós, como para o velho Camillo, não ha, depois dos seus romances, outra fórma de romance. E' certo que os nossos escriptores realistas não o seguiram muito á risca. A bem dizer, Aluizio ou Caminha, os culminantes do nosso realismo, estudaram casos pathologicos, e Eça estudou casos sociaes. Mas não é a technica unicamente nem os *sujets* que importam.

«Ha tambem a fórma, ha tambem o estylo e ha o renovamento da lingua. Não se escreve inteiramente á maneira de Eça?

Não importa. Isso seria apenas arremedal-o. A verdade, porém, é que aquella maneira fria de pintar, aquella rigidez de phrase que se constringia abafada nos moldes antigos, desappareceu da nossa literatura. Procura-se hoje ser claro e simples, porque dentro da simplicidade e da clareza residem as maiores bellezas e fulgem os mais luminosos pensamentos, do mesmo modo que o sol é mais bello, mais quente, quando a atmosphera está limpa. Eça foi tambem uma força viva na evolução da nossa arte literaria. Assim não é de mais que lhe elevemos uma estatua, como lembrou o nosso illustre confrade Matheus de Albuquerque. E' um dever, não só de admiração, mas tambem de gratidão, a um dos maiores escriptores da nossa lingua, a um guia e a um mestre.

«Não é de crer que haja no nosso mundo literario, agora enriquecido com elementos novos, numerosos e do melhor quilate,

um unico espirito que se conserve indifferente a esse movimento. A propria Academia, que teve como seu fundador e presidente o maior romancista brasileiro e um dos mais primorosos cultores da lingua, que ainda conta outros não menos primorosos artistas da fórma, como Ruy Barbosa, Bilac, Alberto de Oliveira e tantos outros, não deve retardar o seu apoio á generosa idéa de Matheus de Albuquerque.

«Por nossa parte, aqui ficam a nossa solidariedade e o nosso applauso.»

*

Para concluir a transcripção desses valiosos documentos, entre os quaes figuram as provas de adhesão offerecidas, a par de outros, pelos grandes nomes nacionaes de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Clovis Bevilaqua, e cuja acquisição, entretanto, não me foi possivel fazer de modo completo, creio que não será de mais destacar,

de um longo artigo de Theophilo de Albuquerque, publicado no *Paiz* de 31 de Maio de 1912, os seguintes periodos:

«...O que eu sinto é que nada me afasta do grande culto ao grande artista. E o que eu sei é que se esse artista teve algum prejuizo — foi o de haver escripto em lingua portugueza.

«Todos os grandes escriptores dessa lingua viram-se amesquinhados por igual motivo. Camões, mais do que ninguem, soffreu a consequencia dessa fatalidade. Prova-o uma circumstancia de pouco valor, mas expressiva no caso: Victor Hugo, no seu capitulo de assombros — *Les génies* — não lhe deu a honra, tão merecida, de o incluir na excelsa dynastia. Collocou-o como um planeta de Homero, que foi como *le soleil*. E assignalando ainda que Homero marca na civilisação o fim da Asia e o começo da Europa, Victor Hugo dá a Shakespeare o papel de haver marcado o fim

da idade media ou a transição para a nova idade. E distingue ainda Rabelais e Cervantes como representantes parciaes desse facto, de que Shakespeare é o total. Mas, quanto a Camões, nem palavra. E, comquanto Shakespeare seja um colosso, ninguem, como Camões, tem a gloria de haver assignalado essa transição de idade. A que se deve isso? Certamente ao facto de Camões ter sido um pobre portuguez, filho de uma patria humilde e haver escripto na ignorada lingua portugueza.

«Eça de Queiroz está quasi no mesmo caso. Não nasceu na Alemanha, nem na França, nem na Inglaterra. Nasceu em Portugal; escreveu em portuguez. Fez maravilhas, fez prodigios; operou como um genio para uma humanidade nova; mas... tudo em portuguez. Lá pela Europa não se tem noticia de Portugal, embora tenha sido elle quem abriu caminhos pelo mundo, e nós, aqui, preferimos ás maiores maravilhas em

nossa lingua as maiores tolices em lingua estranha. Comprehende-se, assim, que haja quem não ame o Eça neste Brasil de surprezas incriveis. Depois, só os individuos capazes de infinitamente sentir, acceitam os homens pelos seus melhores aspectos. E ha naturezas para quem — negar — é uma necessidade terrivel. Ainda é muito do homem o habito de contrariar. Em literatura esse habito chega ao absurdo, por isso mesmo que, segundo os criticos, não ha nenhum escriptor completo ou perfeito. Infinita é a nomenclatura de escriptores para os quaes Shakespeare nada valia. Green chamou-o de plagiario, de copista, que nada inventou. «*Othello* não é delle, *Hamleto* não é delle, nada é delle.» Para Victor Hugo, entretanto, Shakespeare é um dos constructores do mundo. Ninguem, que escreva, se permitte a supposta liberalidade de louvar infinitamente alguem. Não ha nenhuma obra completa, não ha nenhum escriptor impec-

cavel. E' preciso, de qualquer forma, apontar algum defeito em qualquer escriptor. O contrario não é *chic* para quem escreve. Anatole France, o extraordinario Anatole, revolveu, desparafusou, desvestiu a obra immensa de Victor Hugo, e, para não fugir a essa lei, para não deixar de apontar alguma falha no genio dos *Chatiments*, quasi disse, á falta de outra coisa, que na obra hugoana não ha vestigio humano!

«Mas eu não devo proseguir nessas considerações. Trata-se de erguer no Rio de Janeiro um monumento ao amado Eça, e o que nos cumpre a todos nós, seus orgulhosos admiradores, é dizer o quanto de regosijo nos traz essa idéa e como com essa idéa o Brasil se eleva e se honra. Porque, realisando-a, o Brasil cultua a sua propria intelligencia, a que Eça deu, no sentido da arte, os destinos mais claros, além de que confirma, num grande gesto, que a patria dos homens de talento está entre homens

que saibam ler. Não haverá nisso senão uma gratidão elevada ao grande espirito que fez deste estranho Brasil uma querida patria intellectual. Será como uma justiça magnifica á memoria de um irmão que viveu sempre ausente, que nunca vimos, mas que foi sempre o nosso encanto e o nosso orgulho, pelo affecto com que nos falava e pelo esplendor com que nos instruia. Nenhum movimento de adoração a um homem de outro paiz será, mais do que esse, digno e representará tão completamente o sentir e o querer da minoria illustre de um povo. Eça de Queiroz é o grande portuguez a quem mais se amou no Brasil, a quem se quiz e se deve mais do que a qualquer outro, o que não quer dizer, de modo algum, que desamamos a Camões. E' que o grande genio dos *Lusiadas* já não satisfaz. Para delicia e gloria dos povos cultos, *Lusiadas* ainda é um grande livro. Mas, se entre Camões e Eça tivermos de

procurar o escriptor para a nossa educação esthetica, expoente da humanidade nova, reflectindo em seu genio as novas fontes da belleza e da vida, fatalmente nos decidiremos pelo estheta dos *Maias*. Essa maravilhosa epopéa dos *Lusiadas* nada mais será, dentro de alguns seculos, do que um surprehendente documento historico. Segue o mesmo destino de todas as obras de igual natureza, de toda a obra de Homero, que apenas vale hoje pelo que encerra de tradições. Littré já dizia que, se a *Illiada*, com toda a sua mirifica poesia, apparecesse perfilhada pela arte do nosso tempo, seria informe e pueril. Para os livros de Eça, entretanto, abrem-se immensos horizontes, com limites indeterminaveis. E' que o privilegiado artista de *A cidade e as serras* está com a humanidade que marcha, e apenas se vale de assumptos sociaes, para perpetuar, em arte perfeita, os estremecimentos humanos que hão de seguir en-

chendo os seculos. Camões celebrizou o Portugal florescente, «foi o passaro dessa aurora». Tudo o ajudou a cantar, porque tudo era novo e grande. Eça viu-se a braços com um Portugal decadente. Em torno de sua visão só havia crepusculos. Nada o ajudou. Dahi, o prodigio de seu genio. Abeirou-se do Portugal extincto, cantou-lhe em tons de maravilha a decadencia triste; mas fel-o com uma visão dupla, porque a sua obra é uma arvore gigante, a surgir dentre escombros, plena de fructos e de sombra — de fructos para os que têm fome, de sombra para os que carecem de alento e vida, em meio da jornada para a belleza e para a gloria.»

RIO BRANCO

Rio Branco

O observador destemeroso que mergulhar, profundamente, neste agitado periodo de verdadeira fermentação social em que tumultua o Brasil contemporaneo, ha de deter-se, com enternecidos zelos, diante deste nome, que deixou de ser o simples herdeiro de uma das mais legitimas tradições da nossa vida politica e diplomatica para se converter na expressão viva e consoladora de um symbolo nacional.

Nunca se o ouvirá, para além dos annos e das gerações, com esse desolador descaso que denuncia, na massa incolor e desmemoriada, a ausencia de cultura civica, por-

que, para justificar o desamor, quando este se pronunciasse, nem todas as restricções da vaidade irritantemente letrada dos criticos, nem todas as reacções, surdas e minazes, do despeito impenitente e do esquecimento voluntario, lhe diminuiriam a extensão da força dominadora e a serenidade do brilho proprio.

Máo grado as expansões ardentes e passageiras, os estremecimentos febris e innocuos da nossa indole vadia, que cabeceia lamentavelmente sobre a falta de opinião; máo grado a versatilidade e frouxidão caracteristicas dos que se arrastam, e se atropellam, e se desilludem no culto dos deuses turbulentos da Politica, monopolizadores da estima publica nos paizes de pequena cultura como o nosso; máo grado essa infantil incapacidade de amar com dedicações, extremos, solicitudes maternaes, em que jovialmente nos afervoramos — a gloria deste nome, a que não têm faltado até hoje accla-

mações e resplendores para abafar e offuscar os vagos protestos da iconoclacia coeva, marchará para o futuro com tanta segurança da sua indestructibilidade quanta é a certeza de que saberá inspirar sempre, na sua luminosa passagem, aquelle nobre impulso que nos leva a tirar o chapéo diante do que é realmente superior.

E' que os feitos deste Hercules pacifico, isolado no turbilhão dos seus contemporaneos, encerram uma legitimidade tão perfeita e possuem uma consistencia tão granitica, que para os engrandecer será bastante ennumeral-os. Na explicação da gloria deste homem ninguem vacillará, com o espirito alanceado de temores, em face das linhas ou desvios indecifraveis que surgem inopinadamente nesses caminhos illustres, para desillusão e tormento dos seus perlustradores. Ella é tão clara e nitida como a propria visão dos factos que a consubstanciam e singularizam. Fôra, certamente, uma desho-

nestidade o admittir — como naquella pagina imprevista em que Euclydes da Cunha traçou genialmente a psychologia de uma das nossas glorias mais retumbantes — que a obra immensa de Rio Branco avulta e domina pela depressão moral da época em que se realiza, «traduzindo, ao envez da sua robustez, a nossa fraqueza». O illustre grande homem não triumphou pela inercia, que é o segredo dos triumphadores faceis de um dia, nem tampouco desceu — nessa renuncia tragica da personalidade e do valor, de que ficam intimamente e para sempre sangrando os embriagados do successo — a cortejar a popularidade, a lisonjear a opinião, a collear diante dos obices, a contornar os obstaculos, e a esperar, no subterraneo nivelador onde se forjam todas as ambições, o momento alegre em que, ás vezes com um empurrão providencial, se galga a montanha cubiçada. Venceu como uma força — simples, logica, fatal. E, sem as exteriori-

dades farfalhantes que fascinam as multidões, virtudes que os verdadeiros heróes desdenham pelas surprezas dolorosas que acarretam, utiliza as fontes inesgotaveis dessa energia creadora no serviço sobrehumano de elevar a sua terra ao nivel das nações superiores, abrindo, na nossa civilização ainda estonteada, uma éra de conquistas da mais alta significação moral e intellectual — sem agitações inuteis, sem violencias improficuas, tranquillo, quasi timido, não raro sorridente, com a augusta serenidade de um deus antigo.

Para vencer numa sociedade pobre de grandes estimulos, de poderosos surtos de trabalho, sem objectivos definidos pelo caracter transitorio dos elementos da sua formação, com a surpreza de si mesma, e ainda pouco affeita á lucta intensissima da vida moderna, nada mais se lhe pediria, decerto, quando tal se lhe pedisse, do que o prestigio da sua tradição de familia e o

brilho da carreira politica com que viera do Segundo Imperio. Outros não têm sido os titulos, aliás bem menos eloquentes, de muitos que nos chegaram da paz monacal e deliciosamente infecunda dos gabinetes monarchicos, trazendo — na aureola fragil do passado de benemerencias e no aprumo senhoril da elegancia exterior, a não permittir, na sua superioridade convicta, um breve sorriso de auto-ironia — as credenciaes que levam ás eminencias e preservam dos fracassos. Quem, como elle, trazia para o scenario politico da Republica as esporas de ouro que, sobre reflectirem o esplendor e a solidez da origem, attestavam o vigor e a habilidade do cavalleiro, nada mais precisava fazer senão cavalgar...

Mas, nem só este varão illustre poderia jámais repousar egoisticamente á sombra desse renome indiscutivel, como, por uma fatalidade historica, que se abençôa, nelle remanesciam, victoriosamente, as mais pu-

ras energias daquella época, que o fadavam para os largos destinos, para as ascenções supremas, para as conquistas immortaes, de onde os horizontes que se dilatam são amphitheatros para façanhas divinas.

Com effeito: a este homem, que se sente deslocado no seu meio; que conserva intactas as influencias inapagaveis, os primores inconfundiveis da educação recebida na sua mocidade de predestinado, e que, por evitar contactos demorados com a massa hecterogenea e confusa que é a sociedade tumultuaria de hoje, parece um timido, um desconfiado, um recolhido, estava reservado o papel do mais inatacavel relevo na historia da nossa civilização nascente. Empenha-se o destino, como um escravo a juncar-lhe o transito de flores, em fazer da vida do herói uma série continua de triumphos. A gloria corre para elle, cegamente, com afagos de mulher rendida.

E' de pasmar que nas suas mãos se enfeixassem, submissas e doceis, essas forças virgens e prodigiosas com que hoje, no silencio discreto dos gabinetes, se constroem as nacionalidades, e de cuja sabia applicação, em Rio Branco, o menor dos beneficios conhecidos é o penhor seguro do grande e ingenuo amor á terra natal, em que o seu illuminado espirito exubéra.

São, porventura, as energias dispersas de uma raça que se integraram no seu typo de eleição — dessas reservas inestimaveis do sub-solo moral de uma época, que repontam, a quando e quando, das profundezas da Historia, para espanto e honra de um povo, transformando o predestinado em instrumento de perfectibilidade e de belleza, ao serviço das idéas mais possantes e dos sentimentos mais fecundos. Assim, no meio febricitante em que vive, elle é o marco de serena e inviolavel magestade que, filho do passado e depositario

das suas melhores tradições, corôa o presente com a aureola das suas conquistas, e, dominando a onda incaracteristica e fervilhante, repousa, socegado, sobre o juizo do futuro. E', na actual sociedade brasileira, o exemplo mais completo de energia individual amaciada pela serenidade mais perfeita. E, tanto o seu nome tem florido em bençãos e louvores — pelos beneficios que evoca — que encerra, para consolo dos que amam e sonham, o sabor especial de um symbolo.

*

A sua diplomacia, que é o terreno preferido onde a sua actividade edifica maravilhas, não se compraz na immobilidade apparatosa, nunca se accommodou nos limites classicos da carreira, de que a maioria dos representantes, ainda os mais vistosos, enlanguece, pacificamente, na tepidez das camaras risonhas, limiar do somno justo e

da bemaventurança appetecida. Ella jámais ancorou, com solemnidade ritual, nos lagos lisos e macios onde a vida se reflecte no espelho suave das aguas, prestadio e impessoal como todos os espelhos. Não é, nunca foi a diplomacia glosada pelo genio buliçoso dos folhetinistas, que se esmera, exclusiva e quasi religiosamente, nos attritos deliciosos e estereis da vida mundana; que todas as manhãs, após a ducha ou o banho morno, galopa num irlandez através do Bois de Boulogne; que perambula pelo Louvre com attitudes estudadas, extases commedidos, exclamações condescendentes diante dos modelos eternos da Belleza; que maneja o florete com galhardia ou pimponeia com distincção numa *garden-party*; que floresce nas corridas de Longchamps ou se inebria no ambiente sensualizante de um *five o'clock*, e, á noite, ainda engasta uma perola negra no peitilho reluzente, para scintillar num jantar de cerimonia ou

dirigir um *cotillon:* — a jovial e candida diplomacia que fervilha nessa roda de minuscularias elegantes e que se contenta em deixar, na banalidade vingadora dos epitaphios, inexpressiva no tempo e no espaço, a vaga, a diminuida, a apagada visão de um Talleyrand defeituoso...

Não. E, todavia, as suas acções maravilhosas não excluem essas praticas amaveis, que douram e dulcificam a existencia, nestes asperos tempos de mecanica e de ambições vertiginosas. Não se cuide que na compleição excepcional deste gigante ruja a ferocidade biblica de um santo e se eternize o divino sobrecenho que ordena os renunciamentos. Quando o momento sôa de atirar as flores, bater as palmas, entoar os epinicios, ninguem sabe esparzil-as mais cheirosas, vibral-as mais ardentes, tecel-os mais sinceros. Sómente, para gaudio das turbas avidas de sensações estonteadoras, em vão se reclamaria que a sua sensibili-

dade artistica, a fidalguia do seu gosto, a sua paixão da vida salientassem com ruido as cousas bellas do mundo.

Solicitado pelas nossas seculares questões internacionaes, cuja solução se agitava em momentos angustiosos, foi ahi que a sua mascula energia intellectual, ajudada do patriotismo mais authentico, exuberou em actos que glorificariam para sempre o seu nome se o clarão magnifico que delles irradia pudesse circumscrever-se ao ambito estreito da vida pessoal de um homem. Dos ultimos oito annos das relações diplomaticas do Brasil se propaga um brilho tão novo e tão intenso que, surprehendido e deslumbrado, o paiz ainda não attentou devidamente na sua extensão e fixidez. E' o parenthesis luminoso, a profunda solução de continuidade aberta no longo bocejo que era aquelle ramo da nossa actividade politica e social, o imprevisto despertar de uma nação para a escalada gloriosa aos

cimos do pensamento, das idéas, da cultura universal.

E, em verdade, com ter subido a montanha para nos revelar o rumo de novas conquistas, não foi o apostolo que se elevou, que elle já lá pairara e refulgira, mas o rebanho ignorado e taciturno que ruminava pachorrentamente nas doçuras primitivas da planicie, só de longe em longe sacudido pela voz de fogo de algum pastor visionario. Elle vinha da atmosphera bemdita dos triumphos, cortejado pelos deuses, ensurdecido pelos hymnos, e conduzindo, ao envez de trophéos ensanguentados, os doces ramos da oliveira symbolica. E bem podia ter descansado, tranquillo e satisfeito, á vasta sombra desses louros, sem o menor receio de que ella um dia minguasse, porque elles jámais emmurcheceriam.

O vencedor acclamado das Missões, em cujas mãos o quasi secular problema, amadurecido no trato dos estadistas, cahira

como uma terrivel herança paterna, e cujo esplendido triumpho o paiz calorosa e superficialmente celebrou com grandes brados, sem indagar do monumento de historia geographica e diplomatica que dahi nos foi dado recolher, formidavel condensação de saber e de trabalho, de intelligencia organizadora e de amor patrio; o afortunado triumphador do Amapá, que parecia chegar ao fim do seu destino, deixando na trajectoria vestigios immorredouros, tão limpida e rija crescera a sua obra, e com tanto fervor se rojara a seus pés a patria agradecida, onde, ao regressar, a apotheose que lhe fizeram tinha o cunho inconfundivel daquellas que ficam na Historia como attitudes nacionaes — não se julgou, ainda assim, com a sua missão terminada, antes vendo no furor daquelles applausos violentos os estimulos generosos que conduzem a novas conquistas, do que as decretadas expansões de tributo collectivo que acom-

panham os heróes ao somno definitivo dos pantheons.

Foi, precisamente, a começar dahi que ao seu influxo assombroso se rasgou para a historia das nossas relações internacionaes o periodo unico que por felicidade ainda prolifera em fructos inteiriços. «Que fez este homem, para viver entre perpetuos hymnos?» — inquirirá, irritada, a maledicencia dos incapazes, rosnando insidiosamente pelos desvãos da consciencia publica. A resposta resume-se nesta simplicidade encantadora: «Integrou as nossas fronteiras, sem derramar uma gotta de sangue.» Isto é: realizou o prodigio de vencer, com intelligencia e trabalho, em todas as nossas questões de limites com vizinhos ardorosos, sem tripudiar sobre os vencidos, antes procurando consolidar a fraternidade no continente, que o ama e admira. Ahi estão os tratados com a Bolivia, com o Perú, com o Uruguay, bellas conquistas pacificas, fe-

cundas em ensinamentos e vantagens economicas, que ninguem tem o direito de desconhecer, verdadeiros thesouros resgatados, que a todos devem maravilhar.

Iniciadas, ou antes, reiniciadas essas negociações «sob o aspecto ameaçador das questões incandescentes do Acre», e quando se imaginava que ellas «se destinariam a chegar indeterminadas ao seculo XX», do mesmo modo que haviam atravessado, somnolentas, os longos e severos corredores da Monarchia — em breve o pulso de mestre que as enfeixara, dissipando temores e ameaças, determinou-lhes o fim ambicionado, estabelecendo para sempre, com a mesma suave e radiosa sobranceria, as linhas definitivas das nossas extremas internacionaes. E, mais alto do que nunca, entre outros raros vencedores, avultando de dia para dia, ao envez de esbater-se ao longo da jornada immensa, o triumphador prosegue, tranquillamente, o caminho

da sua ascenção interminavel, por onde o acompanha o conselho illuminado de Leconte:

«Mieux que l'aigle chasseur, familier de la nue,
Homme! monte par bonds dans l'air resplendissant.
La vielle terre, en bas, se tait et diminue.
Monte. Le clair abime ouvre à ton vol puissant
Les houles de l'azur que le soleil flagelle.
Dans la brume, le globe, en bas, va s'enfonçant.»

*

O que as conquistas deste homem representam de esforço e de clarividencia, de cultura e de abnegação, numa época em que os interesses pessoaes sobrepairam aos sonhos de solidariedade e de altruismo, poucos decerto comprehenderão, porque a maioria, que muito braceja e quasi nada apprehende, descobre nellas, através dellas, menos os productos raros e inilludiveis de uma estranha capacidade de trabalho, do que pretextos emocionaes para fazer vibrar,

com alarido, essa cousa peregrina a que, no entender de muitos, se deve chamar de — fibra patriotica. O povo, por motivos que seria inutil apontar, ainda se não apercebeu precisamente do valor dessas dadivas, porque o seduzem mais os echos apaixonados e os brilhos ephemeros das festas em que ellas se produzem, do que o conhecimento immediato e completo das suas virtudes intrinsecas.

O Brasil assistira, bonacheirão e descuidado, ao trato secular das suas questões de limites, que remontavam ao longo e turvo crepusculo dos tempos coloniaes e ameaçavam avançar, lentamente, para o regaço misericordioso do futuro, com ligeiras intercadencias de calor e de bravura. Eram velhas pendencias que repousavam nas bases indefinidas do *uti possidetis*, motivos latentes de perturbações inevitaveis. Eram fronteiras que se assignalavam, commodamente, com o vago das linhas imagi-

narias, verdadeiros «caprichos de cartographo», e que vinham já de determinar as irrupções sangrentas da Amazonia. E o homem singular que as accommetteu, que as aclarou, que as definiu, venceu em todas ellas, uma por uma, com a mesma elevação, com o mesmo desprendimento, com a mesma superioridade, para gloria da sua patria e honra da civilização. Só uma vez, na ardua questão da Guyana Ingleza, a victoria se decidiu pelo adversario illustre, porque acima do trabalho colossal de Nabuco, na defeza do nosso direito, pairou a irrevogabilidade da sentença arbitral, pronunciada, como se sabe, sem o devido exame do assumpto. Mas, quem não exultaria em acompanhar os dois grandes vencidos nos passos gloriosos daquella derrota?

Com a sua indiscutivel posição de arbitro natural no sul do Novo Mundo, pela expressão geographica, pela historia, pela cultura, o Brasil, na liquidação dos seus

conflictos de fronteiras, nunca se deixou levar nas aventuras do imperialismo, para não mentir á linha superior das suas tradições. A politica imperialista das Potencias militares e economicas, «um dos grandes phenomenos do nosso tempo, diathese minaz a trabalhar todas as sociedades modernas, modificando dia a dia, sob os nossos olhos, o mappa geral das nações, jámais poderia cantar victoria em os nossos costumes publicos ou em as nossas aspirações de florescimento politico e material no continente».

Nunca nos deslumbrámos com os resultados economicos dessa rapinagem organizada, que rasga, a ferro e a fogo, o coração virgem das terras indefezas, porque, «senhores de immensos desertos e de enormes latifundios», marchamos para outros destinos. Os nossos triumphos ainda não pesaram, como a espada classica do romano, sobre a cabeça dos vencidos. E

esta excepcional conducta politica, traçada ao sol da Independencia, transpoz a Republica, attingiu o maximo esplendor em nossos dias, graças ao espirito amoravel de Rio Branco, que, ainda ha pouco, e entre louvores, a leviandade de uma revista ingleza, muito de estranhar no rigor dos habitos britannicos, entendeu comparar a Bismarck, chocando-nos a visão com o peso dessa imagem truculenta.

De paz tem sido a sua obra; é pela paz que elle se afervora e se engrandece. Por ella integrou o solo patrio, e no serviço della, cresceu o seu prestigio no continente e no mundo. Por ella, iniciou, heroicamente ajudado de Nabuco, a politica de approximação americana, desfazendo a atmosphera de temores e desconfianças, em que vacillava o espirito nacional em face do axioma de Monroe, descarnado cruelmente pela paixão pamphletaria de Eduardo Prado na *Illusão Americana*. Por

ella, abriu os nossos lares á curiosidade das grandes figuras representativas da civilização occidental, aguias das Letras, da Politica e da Moda, entre cujos soberbos vôos nenhum se elevou tanto como o desse incomparavel Anatole France — artista de cujos labios goteja o mel dos labios de Platão, herdeiro feliz de todas as virtudes classicas do espirito francez, maravilhosa organização de helleno transplantado para o rude prosaismo dos nossos dias. Por ella, a sua influencia transcendeu na Haya, onde o clamor prophetico de Ruy Barbosa, esbatendo o prestigio material das Potencias, traçou com febre o quadro da nossa grandeza futura e ensinou-lhes que no Brasil «a seiva humana é como a das nossas florestas: ella improvisa povos». Por ella, finalmente, venceu as intrigas mais soezes, supplantou as manifestações quasi diarias do odio tresloucado, em que ainda hoje se extremam inimigos varios, conhecidos uns,

disfarçados outros; e num largo amplexo fraternal, de amplitude e intensidade commovedoras, vem de crear para as nossas melindrosas relações com a vivaz nação platina uma espectativa sympathica com o futuro governo de Saenz Peña — estadista de talento e de cultura rigorosamente moderna, cujo programma, na suprema direcção dos negocios publicos, exprimindo o nobre anceio de um equilibrio de todas as forças, bem se poderá resumir nesta phrase do seu bello discurso de Madrid, em que sonha para a sua joven Argentina o *pouvoir offrir, en pleine et vigoureuse jeunesse, un exemple de maturité reposée.*

*

Eis o homem que sobrenada no denso turbilhão dos seus contemporaneos e que mal se desenha na rudeza inoffensiva destas linhas. Vi-o, pela primeira vez, uma

tarde, em plena Avenida, desacompanhado e modesto. A querida arteria rutilava na gloria de um dos seus grandes dias, abrigando no vasto seio, galhardamente e com volupia, toda uma fervilhante população cosmopolita. Prodigios de *toilette* engalanavam-n'a; alegres joias humanas faiscavam-lhe no regaço; plumas errantes cruzavam-n'a; olhares famintos, sorrisos auroraes, vozes sonoras, cortezanias, ademanes, recontros elegantes, sussurros, confidencias de um minuto, amores de um segundo, futilidades adoraveis, todas as expansões complexas do viver ameigavam-lhe o claro ambiente, onde, por sua vez, os asperos rumores do trabalho se esbatiam na doçura da tarde dionysiaca. Um ar macio e fino gerava a quente exuberancia de sorrisos, imprimindo-nos á pelle beijos calados, caricias velludosas. E ao longe, por uma nesga de azul, vislumbrava-se o perfil formidoloso das montanhas, que uma vaga

cerração adelgaçava, como uma gaze impalpavel.

O grande homem passou, simples e só. Instinctivamente, tirei-lhe o meu chapéo. E graças rendi aos deuses, que nol-o conservam simples e são, inconfundivel e inamolgavel na voragem das nossas paixões, destacando-se gloriosamente de uma sociedade que se exalta e se encasquilha na pressa de assimilar habitos novos, encapotando-se e enluvando-se sob uma temperatura deliciosa, que é a mesma do verão de Londres. E, positivamente, pasmei: pasmei, ao considerar que nós, que através de todas as bastardias do cruzamento, sempre lográmos sahir com algumas parcellas de latinidade, tenhamos sido, por tantos annos, fieis ao culto deste homem, amando-lhe a figura dominadora, transfundindo-nos na gloria dos seus feitos, acclamando-o sempre com febre, com bravura civica e delirante veneração — sem atten-

tarmos naquella satyra amavel que diz, precisamente, que os povos latinos necessitam, cada semana, de um novo Deus para adorar.

Recife, 1910.

CARTA PARA A PROVINCIA

Carta para a provincia

Meu querido amigo:

A tua ultima carta, escripta ardentemente dessa Olinda devota e bellicosa, de cujas praias solitarias as maravilhas nascentes de Copacabana não conseguem apagar em mim a lembrança mais cara, chegou-me ás mãos, nesta calida manhã de dezembro, ainda cheirando a polvora. O sôpro épico, que lyricamente nella se condensa, deu-me a impressão, ao abril-a, de que através das suas paginas atabalhoadas e fogosas ainda rolava e rugia essa onda vermelha e fumegante que ha mezes vem revolvendo e purificando os detritos historicos do teu, do nosso heroico Pernambu-

co. Por ella vi, claramente visto, o que foi na realidade este surto inesperado da nossa humoristica democracia, que, na idade juvenil em que a força e a alegria tão bem se casam para o maior e mais bello producto de esperanças, melancolicamente se arrasta, com rugas precoces, olhos vagos, bocca fechada para as expansões de alegria, braços inutilizados para os gestos de força, através da escura e confusa, incerta e exasperante escravidão dos partidos.

Chegou-me a tua ardente carta com um vivo cheiro de polvora. E, comtudo, meu amigo, não a escreveste num intervallo da campanha, quer dizer, não aproveitaste a paz sobresaltada de um armisticio para, descansando a tua carabina ou o teu trabuco, me mandares, como quem de antemão procura amenizar a paixão benedictina da historia, uma breve mas flagrante resenha das tuas escaramuças e dos teus triumphos. Não que á laurea do poeta se

não devesse juntar a palma do guerreiro. A' delicadeza de um, bem sei, corresponderia a bravura do outro. O moço academico, ainda enamorado dos torneios ingenuos de Castro Alves e Tobias Barreto, e ainda mais envaidecido pela tradição da palavra atheniense de Joaquim Nabuco, não deshonraria o neto aventuroso de Pedro Ivo ou o soldado liberal de Nunes Machado.

Mas é que tu, como toda essa pequena minoria cuja maior ventura ou desventura é ter aprendido a ler, já tambem aprendeste a ler, com o que logo adquiriste a elegante molestia do seculo — o amavel scepticismo. Sorris, complacentemente, do enthusiasmo das turbas desenfreiadas, e através do teu sorriso moço e forte eu me permitto vislumbrar seculos e seculos de cultura accumulados. Vibras, de espaço a espaço, com a attitude magnifica da multidão viril e vingadora, e, não raro, sofreando as

abundancias lyricas da tua alma afeita a todas as solicitações da solidariedade humana, o homem de letras retoma o seu logar, o simples espectador, disfarçando a sua commoção, se debruça sobre a corrente atropelada e accesa, em que os gritos dos vencedores se não distinguem bem das pragas dos vencidos—para formular o seu inquerito.

E assim, emquanto a multidão revolucionaria levantava nas ruas do Recife, «com uma colera tragica, com um delirio fantastico, essas mesmas barricadas benemeritas que depois da Revolução Franceza haviam cahido em desuso ou em descredito, para dar a maior lição de civismo a um paiz que ainda não aprendeu a luctar, que costuma sepultar as suas crises decisivas num accôrdo quasi sempre sujo e aviltante»; emquanto isso se passava, emquanto Pernambuco affirmava perante a consciencia nacional deslumbrada, pela acção conjunta de todas

as suas classes — dos seus doutores aos seus garotos — a existencia dessa cousa vaga e anodyna que nos discursos e compendios se chama a Soberania do Povo, tu, meu amigo, tu que és moço, que és forte, que és generoso, que és são, e que ainda não te envergonhas de ser patriota, sopitando o teu ardor civico, preferiste, sabiamente, estheticamente, ao abrigo formidavel das trincheiras o refugio pantheistico dos coqueiraes de Olinda, onde as vozes da natureza são sempre mais eloquentes do que os clamores desordenados das ambições dos homens. E transfundiste o teu heroismo hereditario nessa carta alviçareira que é um hymno ao gesto dos teus conterraneos.

Todavia, ha nella um ponto em que a tua bondade se turva, e que é a razão de ser destas linhas. E' quando, reivindicador e quasi sublime, fremes de indignação pelo desinteresse ou pelo desacerto com que o

Rio julga ou finge julgar o movimento pernambucano. Desinteresse ou desacerto, ambas estas tristes cousas se completam, mas pouco valem. A tua indignação é justa, porque nasce da verdade offendida, mas tu devias ser o primeiro a não te surprehenderes com essa despreoccupada attitude dos nossos patricios do Sul. Não te revoltes com isso, e descansa na certeza de que, dos juizos ligeiros da metropole, nenhum prejuizo resultará para o destino da tua terra. E logo que te volte a calma, logo que a vida ahi retome o seu curso natural, e o povo possa colher os fructos do seu heroico sacrificio, reconsidera com amor nesta grande e dolorosa verdade: o paiz não se conhece!

Nós, brasileiros, nascemos assim, despreoccupados, indifferentes, com um desdem atavico por tudo que nos diz respeito. Que sabemos nós, em que nos interessa o que se passa além da nossa rua ou da nossa

repartição? — Que temos nós com isso? — foi a resposta que ouvi a um rapaz, aliás letrado, dar a um outro, ledor de jornaes, que lhe falara das cousas de Pernambuco... Que importa, effectivamente, ao Rio — centro de cultura nacional — o que vae pela peripheria? Que interesse pode ter para a Avenida e para a rua do Ouvidor — as duas tão decantadas e por isso mesmo já quasi ridiculas expressões da civilização brasileira — a vida melancolica, a vida apagada, a vida incolor e inexpressiva do resto do paiz? Que sabemos nós do que, afóra São Paulo, tenta passar como conquistas da civilização nessas regiões semi-barbaras em que se divide o Brasil? O paiz é tão grande, tão incoheso, tão disseminado... Sabemos, vagamente, desses Estados, e principalmente dos do Norte, que pagam impostos e com estes nos ajudam a abrir as nossas avenidas; que fornecem voluntarios para o exercito e povoam as solidões palu-

dosas da Amazonia; e que fabricam deputados para as votações extenuantes do Congresso e para as delicias *rastacueras* da Avenida... Nada mais.

Esse descaso, tão conhecido, tão glosado, tão divertido, deixou de ser literario para se tornar verdadeiro — o que não quer dizer que até a literatura ande entre nós divorciada da verdade. O caso de Pernambuco, que perdeu o caracter regional para ser uma questão nacional (visto que envolve a propria sorte do regimen republicano), prova-o exuberantemente. A principio, o que havia através da imprensa (porque a imprensa representa, neste regimen plausivelmente democratico, a tyrannia da opinião publica), era incredulidade, de par com a escassez de noticias telegraphicas. Depois, com o avolumar da onda tragadora e libertadora, surgiram os primeiros protestos innocuos contra o que logo se chamou — um surto do caudilhismo. Mais tarde, apesar

do resultado imprevisto da eleição, a opinião permaneceu hostilmente indifferente. Ninguem queria attentar devidamente naquella espantosa conquista da nossa pacata democracia. Foi preciso que o *Jornal do Commercio*, que, no entender do meu amigo Veras, é o dono da opinião na America do Sul, num dos seus raros gestos de munificencia paternal, publicasse uma *varia*, tão laconica como autorizada, «dando baixa a Pernambuco da lista dos Estados escravizados». Só assim nos resolvemos a encarar a grande causa com uma indifferença menos hostil. A opinião mudou um pouco, e não tardou mesmo a se apaixonar razoavelmente.

Durante a campanha, no mais acceso dos seus lances tragicos, emquanto dezenas de cadaveres rolavam nas ruas, e o Capibaribe, conspurcado pelo sangue das victimas, parecia um novo Sena, mais barbaro, porém mais discreto, o nosso interesse, o

nosso zelo, a nossa sympathia, isto é, a sympathia, o zelo, o interesse da nossa imprensa se abandonavam inteiramente, com uma insaciavel curiosidade, com um methodico furor de detalhes, a outros factos que infinitamente nos interessavam e commoviam, como a occupação de Tripoli, as entradas e sahidas do sr. Paiva Couceiro em Portugal, e o remoto movimento revolucionario de que vae surgir, remotamente, a Republica Chineza...

De resto, meu caro, esse desamor pelas causas fundamentalmente nacionaes, de que com irreflectida vehemencia accusas o Rio, não se faz sentir sómente nas questões de interesse regional, isto é, nos aspectos de maior relevancia da vida dos Estados. Mesmo para as manifestações mais brilhantes da cultura do Rio, de interesse restricto e immediato para o seu bom nome, esse tradicional desamor tem crueldades incalculaveis. Nós ainda estamos, por mercê da nos-

sa indole e da nossa educação, na mesma attitude babosa de admiração mulata pelo branco invasor e civilizador: só o estrangeiro, com as suas ambições e as suas *blagues*, é que vivamente nos interessa.

Nada ha entre nós de mais raro e que, portanto, affirme a nossa capacidade de povo que se quer dirigir por si, do que um facto intellectual de certa gravidade. Isto é um phenomeno rarissimo hoje em dia, um caso esporadico, é quasi uma excrescencia inexplicavel na vida do paiz. Mesmo assim, quando se evidencía, em toda a grandeza da sua força limpida e virgem, o paiz esfrega os olhos, estremunhado, e remergulha na sua extensa apathia e na sua commoda somnolencia.

Agora mesmo, a proposito desse falado caso de Pernambuco, entre as explosões de desespero e de vingança, entre os insultos, os clamores, as apostrophes, as violencias de linguagem que elle provocou de lado a

lado, houve um facto intellectual de real importancia: foi o discurso do sr. Alcindo Guanabara, senador da Republica. Mas, porque esse notavel discurso — peça inteiriça de parlamentar britannico, documentada, limpida, clara, serena, superior — não se modelou pela demagogia epileptica do sr. Barbosa Lima, nem pela chalaça virulenta do sr. Irineu Machado, a platéa, educada nesses excessos de patriotismo, dormiu desdenhosamente sobre o seu valor. E esse discurso, que na Inglaterra teria a maior divulgação e o mais prolongado applauso, encontrou cá fóra, nas rodas mais illustres, o mesmo silencio das galerias afeitas á pilheria grossa e ao insulto campanudo...

Nós, meu amigo, os filhos do paiz do sol, da luz abundante e rica, só nos illuminamos do estrangeiro. Por isso, esquecendo as nossas virtudes mais estimaveis, abrimos os nossos lares, babados de gozo, a toda a sorte de cabotinismo iti-

nerante que nos ultimos tempos nos tem batido á porta. O peior é que, apesar dos requintes da hospitalidade, o que ás vezes nos resulta desses contactos honrosos são fiascos tremendos.

Neste momento a imprensa, ludibriada, denuncía, com calorosa zanga, um desses fiascos divertidos. O caso é simples e typico. Ainda ha pouco chegou-nos, attrahido naturalmente pelo successo de outros viajantes illustres, um certo rapaz de Lisboa, autor de revistas theatraes, e humorista profissional. Os jornaes, de olhos arregalados, solicitos e ufanos, deram-lhe uma vasta popularidade. A sociedade, edificada pelos jornaes, abriu-lhe as suas portas e a sua bolsa. Eram retratos e entrevistas, mais entrevistas e mais retratos, atulhando paginas e paginas dos nossos orgãos mais conspicuos. Um houve, entre todos o mais ardente no zelo encomiastico, que, publicando-lhe o retrato, disse-lhe cousas pro-

fundamente amaveis, collocando-o, afinal, entre os primeiros escriptores de um paiz onde, aliás, não se encontram actualmente grandes escriptores. A' retumbante evidencia da letra de fôrma seguiram-se, como era natural, outras manifestações dos nossos apregoados sentimentos hospitaleiros: jantares, passeios, visitas, e uma grande azáfama na procura de bilhetes para os espectaculos e conferencias do querido hospede.

De sorte que esse moço, que, com as suas revistas sediças e as suas «velhas piadas», se destinava apenas a constituir um ephemero successo do largo do Rocio, transpoz a Avenida, tornou-se commentado e festejado nas rodas mais limpas da nossa capital. Tão inesperado exito deslumbrou-o vivamente. E, em troca de tantas gentilezas, o humorista apressou-se a mandar para o seu jornal de Lisboa as suas impressões do Brasil. Que mandou dizer

elle que patenteasse o nosso amor e a sua gratidão? Esse humorista, esse Sterne de fancaria, entre outras cousas humoristicamente lamentaveis, escreveu para a sua terra, em calão da Mouraria — que desembarcara em dez lanchas carregadas de «typos da imprensa»; que o presidente da Republica o visitára no hotel; que estava cansado de ganhar dinheiro, e que percorrera, em companhia do chefe de policia, os bairros exoticos da cidade — isto é, que fôra, garantido pela primeira autoridade policial do Brasil, ver de perto, como curiosidades artisticas, os salteadores da Saude e da Favella, que tanto afeiam e desdouram esta formosa e basbaque Colifornia das suas descobertas. Agora, a imprensa, ludibriada, clama; mas clama em vão, porque o feliz viajante já tem as algibeiras cheias e a gloria consolidada.

*

Eis, meu amigo, como se faz e o que significa a opinião publica no Rio, na sua expressão mais elevada, que é a voz da imprensa. Em materia de politica, então, a impressão que isso causa ainda é mais desoladora. Para o jornalista que ainda não alugou a sua penna aos chamados interesses de occasião, conservando, quanto possivel, a independencia dos idéaes em face dessa maré montante de transacções inconfessaveis, de negociatas ignobeis, em que tão cynicamente se explora a sovadissima opinião publica — o momento politico que atravessamos não deixa de ter certa importancia. Mesmo para os profissionaes das campanhas de imprensa, que, por força dos constantes embates despersonalizadores, como que já perderam a nobre condição de argilla humana, animada pela forte seiva original, para se converterem

em amontoados ambulantes de materia plastica, adaptaveis a todas as situações — o phenomeno politico do Brasil actual revela aspectos verdadeiramente interessantes.

No observal-os, no discutil-os, no desfibral-os philantropicamente, mostrando ao paiz, com extremos de caridade social, todas as faces, boas e más, do phenomeno, é que devera resumir-se a tarefa dos jornaes, que se disputam a primazia no serviço de critica e informação. Mas, em geral, esses orgãos benemeritos, que os ministros respeitam e os legisladores divertem, e que veem o paiz, e o mundo, através dos vitraes multicores dos seus sumptuosos palacios da Avenida, quando se dão ao trabalho de abordar essa questão, fazem-n'o com um desembaraço tão ligeiro, uma logica tão oscillante, um despudor tão calvo, que a impressão que nos causam é a de que não só lhes falta o conhecimento das

cousas, mas, principalmente, lhes mingua cada vez mais a propria dignidade profissional.

Espanta-me devéras o criterio adoptado pela maioria da nossa imprensa na apreciação dos problemas politicos nacionaes, com especialidade os casos dos Estados. E' de desconcertar esse criterio. Não ha bom senso que o acceite. Não ha razão de Estado que o justifique. Chamam-n'o, geralmente, «criterio geographico», e graças a elle, por um desses impenetraveis segredos do equilibrio do universo, se consegue apreciar de modos diametralmente oppostos cousas sabidamente identicas, como são, por exemplo, os processos politicos de Pernambuco e os do Rio Grande do Sul, os assassinatos politicos do Pará e os de Matto-Grosso.

Toda a gente sabe que o Brasil atravessa, em politica, um estado de crise quasi permanente. Vivemos num sobresalto

continuo. Não ha firmeza de opiniões, as correntes se formam ao sabor dos interesses de momento, os espiritos adquirem uma duplicidade facil e contente, e como não ha idéas fundamentaes e dignas, a cuja sombra trabalhemos com honra e com valor, encostamo-nos, melancolicamente, á protecção ephemera dos homens da situação, correndo de um para outro com a mesma volubilidade insanavel com que o prestigio official os eleva e abate na vida publica.

O Brasil é um paiz em que todo brasileiro, por mais illustre, antes de ter convicções, precisa ter um chefe. As idéas que nos guiam na vida não são aquellas que nascem do fundo virgem da nossa consciencia, mas as que vagamente sabemos guiam os nossos chefes. Neste paiz, quem não tem um chefe pelo menos, é um homem inutilizado. As sãs energias individuaes, que, sommadas e multiplicadas, for-

mam as grandes, as illustres, as invenciveis forças collectivas, como nos Estados Unidos, se não encontram entre nós um chefe habil e ambicioso que as dirija e explore, anniquilam-se com o fracasso da primeira tentativa. Em geral, quem possue aqui a sua idéasinha mais arrojada, não vae expôl-a á multidão: vae pedir a um chefe que a apadrinhe. E' por isso, decerto, que se attribue a um respeitavel conselheiro da Monarchia este dito picaresco: no Brasil, em politica, como em tudo o mais, todo homem precisa ter o seu macho.

E' por isso, tambem, que as nossas questões politicas são questões puramente pessoaes, ou melhor, nominaes. Por mais que se fundem e se firmem os partidos, não são as suas idéas que se defendem ou se combatem: é o prestigio pessoal dos seus pro-homens que se acata com servil obediencia ou se amesquinha com ciume disfarçado. Isto é de tal modo sabido e

proclamado, que, em repetil-o, receio estar fazendo obra de Accacio.

Ora, vejamos, ainda que ligeiramente, a situação actual. Toda a gente sabe que a crise politica entre nós é uma enfermidade permanente. Ella, que ha mais de dois annos se manifestou aqui, isto é, teve no Rio uma das suas mais sérias explosões periodicas, entrou agora, porventura, a interessar menos o centro, porque começou a irradiar-se pela peripheria. Arrefeceu um pouco, certamente, nos corredores da Camara, na salinha de café do Senado, ou nos conciliabulos elegantes da Chapelaria Watson, para espalhar-se, assustadoramente, pelos Estados longinquos e desertos, abandonados e silenciosos. E' claro que essas provincias remotas e pacatas são as que se estendem do S. Francisco ao Amazonas.

O Norte, toda a nação está farta de saber, é uma immensa chaga oligarchica. E

é sobre essa chaga immensa que se procura levar neste momento um ferro em brasa. O remedio, por violento, não podia deixar de produzir uma das perigosas manifestações da nossa crise politica latente. Ha um berreiro infernal, clamores de Rei Lear enchendo o vacuo deixado pela ingratidão humana. Ha a ultima cartada de desespero dos oligarchas que se querem perpetuar no poder, e os primeiros ensaios sanguinolentos das chamadas reivindicações populares. Ha uma duvida, um receio, um sobresalto, um «confiar, desconfiando», e ha, sobretudo, o fantasma da intervenção federal — duende eterno dos fracos — apavorando os satrapas e ameaçando prestigios invejaveis. Se tudo isso não é uma crise, se essas vozes que se levantam na defeza dos seus direitos conspurcados não são expressões legitimas da consciencia nacional, então desprezemol-as por completo, porque bem podem parecer os echos das

muitas rebelliões sujas, e sempre intriumphantes, de que anda cheia a nossa historia...

Mas, não. E' preciso attentar nesse caso clinico com maiores desvelos — philantropia, cuidado, elevação de espirito, caridade social, todos esses bons sentimentos que não devem, entretanto, excluir a justiça. E isso, precisamente, é o que se não faz. A nossa imprensa, principalmente aquella que mais vehementemente defende os bons principios republicanos, combate, com vigor, as oligarchias. Mas combate em these. Em these, o famoso monstro servelhe para encher os mais arrojados tropos. Chegado, entretanto, o momento de exterminal-o, e quando o concurso dos grandes orgãos republicanos fôra mais para desejar, eis que surje, nas catilinarias dos jornaes, em nome da ordem, o decantado criterio geographico!

Todo o Norte, na opinião unanime dos

jornaes, é uma vergonhosa chaga oligarchica: mas dessa grande chaga, vivem outras chagas que se não devem cauterizar; e dessa triste vergonha, alimentam-se outras vergonhas, que é necessario encobrir... Meu Deus, porque é que neste reinado de Candide vive um povo de analphabetos, que possue, como uma excrescencia luminosa, uma imprensa tão sábia?

*

Mas eu alludi, pouco acima, á attitude differente do *Jornal do Commercio* sobre o caso que mais de perto nos interessa. Effectivamente, esse venerando orgão, num dos seus famosos gestos tão caros á opinião publica, expresso na primeira das suas *varias*, e com a autoridade de quem já se habituou a, com tres ou quatro linhas seccas e impassivas, derrubar partidos e ministerios, acaba de «dar baixa a Pernambuco da lista dos Estados escravizados».

Como se sabe, essa negra lista foi organizada pelo velho orgão carioca durante a ultima eleição presidencial. Serviu para catalogar o embrutecimento, o servilismo, a apathia moral e intellectual em que o dominio absoluto dos satrapas havia lançado os Estados do Norte, com excepção de um unico (por signal, dos de menor significação politica, o Piauhy), onde a corrente, ninguem sabe por que reacção chimico-social, chegara a dividir-se. A classificação, ainda que aviltante, teve no momento o valor de um achado. A candente, esmagadora phrase, que me consta ter nascido de uma palestra elegante em Petropolis, cahiu da penna do jornalista caridoso, espalhou-se por todo o paiz e serviu para synthetizar, com uma verdade tão flagrante quão dolorosa, o estado da nossa cultura naquellas longinquas regiões, magnificas e abandonadas.

Com effeito, a attitude bestializada do Norte em face do grande problema das can-

didaturas presidenciaes bem mereceu aquelle azorragante epitheto. Emquanto o Sul, acudindo aos appellos das duas poderosas correntes de opinião, se dividia numa lucta memoravel, cujo intuito, de parte a parte, era o bem geral da nação, o Norte, cansado, apagado, espezinhado, immobilizava-se pesadamente numa unanimidade cerrada, compacta, redonda. Porque os raros, rarissimos votos que angustiosamente tentaram quebrar essa ultrajante unanimidade, e que nem se sabe se foram apurados, mais pareceram um escarneo que um balbucio de independencia.

Verdade é que no meio dessa carneirada inundante havia expressões de legitima vontade ou de real patriotismo. As opposições, batidas, vilipendiadas, resumidas, com quasi vinte annos de ostracismo, tinham tido a primazia no lançamento da candidatura por fim vencedora. A isso se aventuraram como a uma taboa de salvação. Em

breve, porém, as oligarchias, presentindo nesse movimento de desespero uma séria ameaça á tranquillidade rendosa dos seus dominios, apressaram-se a apagar, com a chuva torrencial das adhesões, a pobre tentativa dos seus adversarios. Estes não desanimaram; ao contrario, excederam-se em manifestações de zelo e de esperança; mas os seus votos, que eram naturalmente os mais sinceros, sumiram-se, amesquinhados dentro da grande unanimidade avassaladora.

Dahi o vergonhoso epitheto. Entretanto, através desse misero Norte escravizado, as cousas não se passariam de modo a merecel-o com inteira justiça se outras fossem as condições politicas desse vasto e magnanimo deserto. Não foi decerto a ausencia de cultura intellectual e de bravura civica que impediu essa gente boa e simples de acompanhar o povo do Sul na sua justa gloriosa. Um facto só, embora minusculo,

quasi nullo na apparencia, mas de profundo alcance no futuro pelas circumstancias especiaes em que se deu, prova-o eloquentemente. Testemunhei-o no Recife, uma das maiores senzalas do Norte.

Foi pouco depois da eleição presidencial, quando os ultimos resultados das votações, divergindo pachorrentamente nos parcos telegrammas dos jornaes da terra, ainda conseguiam interessar a velha e querida cidade das nossas primeiras illusões. Achava-me, uma tarde, na livraria do Nogueira, centro da mais fina intellectualidade, onde ainda se podia palestrar serenamente, uma hora por dia, sobre assumptos que não fossem os assumptos absorventes da politicagem provinciana — quando vi que num pequeno grupo de collegiaes, que alli estacionava, se discutia, com um enthusiasmo precoce, a magna questão da politica nacional. O grupo estava calorosamente dividido: havia hermistas e civilistas

exaltados. No calor da discussão, choviam, de envolta com os palpites de victoria, os adjectivos mais geniaes sobre as virtudes dos candidatos. Este era o vencedor. Não. O presidente seria aquelle. De repente, um dos pequenos e innocuos civilistas fulminou o adversario com estas palavras tremendas: — Sim, você diz que o Hermes venceu, mas onde? Venceu nos Estados atrazados, como o Amazonas, Ceará, Pernambuco... Porque não se deu o mesmo em São Paulo, Minas, Rio de Janeiro?

Era surprehendente. Aquelle menino foi, sem duvida, o melhor ou o unico eleitor que o sr. Ruy Barbosa teve entre os seus rarissimos eleitores do Norte. E eu sahi da livraria, naquella tarde inesquecivel, com uma fé mais viva no futuro do meu paiz. Sahi, menos enjoado da politica brasileira, reconhecendo, afinal, que o povo é o mesmo em toda a parte. Houvesse liberdade, garantia, respeito reciproco, e a sua von-

tade soberana não seria apenas um trapo mais ou menos vistoso, mais ou menos desmoralizado, a disfarçar os andrajos da eloquencia carissima dos parlamentares e a servir de bandeira nas arengas furibundas das vesperas de eleições.

Ora, liberdade, garantia de voto, respeito reciproco, acatamento da vontade popular, emfim, o exercicio do direito politico e da dignidade humana, numa democracia idéal como a nossa, são cousas theoricas de mais para que se ajustem aos interesses ferrenhos das nossas oligarchias. E foi, sem duvida, pelo horror da torva noite oligarchica que amortalha as regiões do Norte, que o *Jornal do Commercio* as classificou duramente de «Estados escravizados».

O caustico doeu certamente — e visou menos a massa popular do que a *élite* que a explora. Mas a chaga começa a cicatrizar. Pernambuco, em que pese a certos jor-

naes do Rio que, limitando o Brasil ás quatro paredes das suas salas de redacção, sustentam estadistas fallidos com a mesma facilidade com que proclamam genios ineditos; Pernambuco, que já uma vez, ao tempo da centralização quasi absoluta, elegeu Nabuco, candidato da opposição, contra Portella, ministro todo poderoso; Pernambuco, que nos começos calamitosos da Republica, levou a José Mariano, através das grades de um carcere, o diploma de deputado, como o levara a seis outros perseguidos, presos uns, foragidos outros — acaba de escrever a pagina mais commovedora da nossa historia republicana.

O que vem de acontecer ahi espantou, maravilhou a todos, ainda que muitos o neguem. Perdeu o caracter regional para ser uma questão nacional. E' uma replica de civismo, uma lição pratica de democracia. E, sem que te preoccupes com a chamada opinião publica no Rio, na sua ex-

pressão mais elevada, que é a voz da imprensa; mas sem que te mostres de todo insensivel ao gesto generoso do *Jornal do Commercio*, que acaba de passar á tua terra a carta de alforria — do teu retiro de Olinda, que recordo com saudade nestas manhãs senegalescas de Dezembro, continúa a mandar-me, em paginas ardentes, cantos de gloria aos assomos leoninos do teu heroico Pernambuco.

Rio, 1911.

HOMENS E LETRAS

Homens e Letras

I

Confrade e amigo.—Ao meu pouso chegaram, esta manhã, as tuas bôas letras, tão limpidas e generosas como a propria feição do amado espirito que as concebeu e traçou num cursivo magnifico. Em devoral-as passei o melhor quarto d'hora deste dia esperdiçado com sérias futilidades, na longa e penosa travessia das ruas de alegre transito — um desses dias de sensações dissolventes, em que nos recolhemos á casa com a alma vasia e lassa, sem uma impressão que gere o divino surto da Belleza, e com o figado estragado pelo espectaculo atroz de uma manifestação politica, seguido de

um sermão fantastico, á primeira esquina despoliciada, que um peralvilho qualquer, besuntado de economia politica, direito administrativo e legislação comparada, cogumellando em vespera de eleições, nos impinge como programma de salvação da patria, a rolar classicamente por não sabemos quantos abysmos devoradores. Li-as com sofreguidão; reli-as com orgulho. E ainda agora, reinstallado na propria intimidade, na grande e fecunda solidão moral, que os genios bemfazejos de Guanabara me povoam e sonorizam, volto a essas letras amigas como quem, guiado por um idéal de redempção, repousa á sombra das nascentes biblicas, sob a cupola em flor dos ramos abençoados.

Letras amigas, letras evocadoras! Ah! meu velho companheiro, é com saudade que as revejo agora. Não commetterei, descansa, o frivolo peccado de revelar aqui as confidencias da tua alma lyricamente pro-

vinciana, retratada nessas paginas sonoras, por não permittir arranhões no teu e no meu pudor de «homens de penna», e por muito acatar a sisudez doutrinaria desta columna, onde a cada momento, soffreando a imaginação voejadora, é preciso retomar a carantonha professoral, que desama os sorrisos de ironia interior. Mas, vibrando da saudade que ellas me despertam, ouso demorar-me na contemplação de cousas antes adivinhadas que sentidas, num como alheiamento da hora presente. É que ainda me enternecem a alma uns restos de nostalgia — não sei se da terra dos primeiros amores, ou de ti que delles ainda te alimentas, ou de mim mesmo que ora me surprehendo a vagar por novos rumos e cada vez mais me isolo na multidão: nostalgia da terra sempre distante, saudade de um futuro de glorias que apenas se anteviu, no calor das primeiras investidas, tudo isso a que irremediavelmente nos condemnam as

fatalidades organicas da nossa raça. Como fugir a taes insidias do sentimento?

No momento em que te escrevo, ainda com os olhos humidos da emoção de ler-te, estende-se a meu lado, na quietação da noite alta, a maravilha das aguas da bahia, que um timido minguante vem aos poucos embranquecendo, como uma pincelada impotente numa téla formidanda. Dormem os gigantes de pedra sob a treva esbranquiçada, e na clara solidão da minha praia, que myriades de fócos electricos engrinaldam como se fossem constellações, escasseia o fonfonar dos ultimos automoveis, que na sua passagem vertiginosa mal deixam adivinhar rostos inflammados de desejos sob plumas nervosas e golas levantadas de sobretudos, unindo-se, abrasando-se, a caminho das madrugadas do Leme...

É a hora, talvez, em que sonhas, sob a magia do luar do Norte, luar purissimo de Agosto, tanto mais bello e util ao serviço

das lyras quanto a electricidade ainda não tomou o seu logar na Arte e na illuminação publica. Sonhas, decerto. Amas, emfim. E, sonhando e amando, cantas. Vejo-te assim, vendo-me a mim mesmo, pantheisticamente embalado pelos coqueiraes dessa Olinda episcopal e guerreira, adormecida ao luar com uma doçura de martyr resignada e que, no entanto, a natureza reservou, na previsão das correntes invasoras e civilizadoras, para sentinella primeira da nossa historia e da nossa cultura. E então se comprehenderá que a minha saudade é bastante verdadeira para ser literaria — tanto mais verdadeira, amigo, quanto só agora reparo na distancia que hoje me separa dessa Roma decadente dos meus antigos sonhos, aos pés de cujos muros carcomidos creio ter deixado para sempre o pó das minhas sandalias vagabundas — e, tambem, tanto mais dolorosa quanto é certo que já agora se me entornaria o caldo abençoado, de

que tantas vezes me servi, se o destino reencaminhasse para ahi os meus passos de filho prodigo.

Fechemos, porém, esta pagina puerilmente sentimental, que só encontraria acolhimento no silencio da noite em que é perpetrada, e peccaminosamente levantemos uma pontinha do véo da tua epistola, já que á tua curiosidade de homem de gabinete apraz lançar-me em tal proposito. Pedes-me, com lisonjeadora insistencia, impressões da capital. É natural que o faças. Mais ainda: restringindo a intimativa carinhosa, queres noticias do momento literario, que é o que particularmente nos interessa. De bom grado t'as daria, amplas e sinceras, se não fosse eu o primeiro a reconhecer a inutilidade e o perigo de qualquer esforço neste sentido, á vista da febre productiva e do tumulto bellicoso que trabalham as camadas intellectuaes na presente temporada. Mesmo uma synthese cuidada, por

mais sympathica e justa, resultaria imperfeita. Mas sempre te direi alguma cousa, para encanto dos teus olhos e satisfação de mim mesmo, que tenho em ti o meu melhor leitor.

Do Rio, como cidade, como natureza, apenas repetirei, para castigo da minha miseria vocabular, que é uma maravilha. Maravilha integral. Maravilha, sim, por que isto aqui é realmente grande, é immenso, é bello, é admiravel, é uma pagina unica de artista divinamente desvairado — e só não é maior porque infelizmente não podemos esquecer que estamos no Brasil. O povo, que desenvolve aqui o scenario da nossa joven civilização (que será, no entender dos sociologos, o emporio da civilização de amanhã), é a alegre multidão latina de toda a parte. Venéra as suas instituições, mas sabe extrahir das proprias lagrimas um motivo de alegria universal. Seria incapaz de assistir, sem duas risadas desnorteadoras,

a uma cerimonia solennissima como a da coroação de Jorge V. Treme de indignação quando se troça o Pão de Assucar, que é o resumo da paizagem brasileira, e criva de pilherias satanicas as desventuras do Batalhão Naval, que são as proprias desventuras nacionaes. É versatil, mas alegre; é doidivanas, mas generoso; é o grego dos tropicos, que faz do Corcovado a sua Termopilas mundana. Ri-se, mas trabalha; sobretudo, trabalha, posto que pareça divertir-se eternamente.

Quanto a cousas literarias, em que tão fervorosamente te empenhas, apenas saberás que, como era de suppôr, tambem os habitos mudaram, neste particular, com a transformação da cidade. Já lá se foram os tempos em que neste paiz se olhava para o homem de letras com uma piedade misturada de desprezo, fazendo-se do misero uma creatura á parte, perfeitamente dispensavel, um zero á esquerda entre valores

sociaes. Se vivesse hoje, não teria José Bonifacio o escrupulo humilhante de esconder as suas poesias para não prejudicar as suas pesquizas de sabio naturalista, nem comprometter os seus triumphos ou aggravar os seus desastres de homem politico. Maciel Monteiro, aproveitando melhor as lições de Lamartine, não deixaria o poeta a tão lamentavel distancia do parlamentar, do diplomata e do mundano; não amesquinharia a sua arte num brinco de horas vagas, numa *coquetterie* de ante-camara, no instrumento relesmente galante, de que elle tantas vezes se serviu para, segundo a sua confissão grosseiramente feita, «levantar saias de seda.» Em Francisco Octaviano, as ambições do politico não suffocariam as locubrações do artista, obrigando-o a passar fugazmente pela poesia, muito por alto, *em branca nuvem*. E assim, outros dos nossos homens celebres, que ficaram como simples dilettantes da literatura e cuja recons-

tituição, sob este aspecto, é tão arida para a critica.

Diz-se todos os dias, e é incontestavel, que em nosso paiz ninguem vive da penna, porque não ha leitores que paguem compensadoramente o trabalho do escriptor. Chega-se até a avançar que o nosso publico legente, senão diminuiu, pelo menos é ainda o mesmo que consumia os romances de Macedo, Bernardo Guimarães e Alencar, e ultimamente Aluizio Azevedo. Mas é preciso convir em que ao tempo da *Moreninha*, da *Escrava Izaura* e de *Iracema*, as brochuras francezas ainda não tinham abarrotado o nosso mercado, pela deficiencia dos meios de communicação, e o *snobismo*, já encanecido no Boulevard, mal balbuciava entre nós as suas primeiras excentricidades de casquilho. Se alguma crise existe a difficultar o conforto material dos nossos homens de letras é, talvez, crise de productores, de profissionaes idoneos, de lucta-

dores de polpa, que vençam os ultimos obstaculos da cidadella — crise aggravada pela escassez quasi absoluta de editores, que antes de tudo são commerciantes, e para quem tanto valem os lucros da venda de obras nacionaes como os que lhes rendem as xaropadas estrangeiras, patacoadas sentimentaes ou proezas policiaes, com que as traducções anonymas besuntam e contagiam os espiritos candidos.

Mas o que actualmente se observa nos arraiaes literarios desta cidade é devéras animador. Este inverno vae prospero, a estação se apresenta mirificamente fecunda. Ha uma febre de producção a escaldar o cerebro dos moços, e até os fosseis laboram. Estamos em pleno esplendor de glorias novas, energias juvenis despontam para as pugnas sagradas, agitam-se novas lyras fogosas ao serviço de Apollo redivivo. Andamos aos empurrões com os eleitos, quasi a bater-lhes familiarmente na barriga. E tal

é a actividade febril em que nos debatemos para recolher os fructos de ouro da estação que, mal nos desvencilhamos das confidencias melodiosas dos volumes de versos — sem esquecer o theatro nacional, que já tem a sua escola e ensaia o seu vôo nos cinemas do largo do Rocio e adjacencias — logo emprehendemos uma viagem de recreio através do Oriente fascinador, sob as pupillas amaveis do sr. Luiz Guimarães, para em seguida nos collocarmos sob as vistas psychiatricas do sr. Afranio Peixoto, que teve o máu gosto de levar para o Egypto os seus ocios de homem de sciencia e escrever um romance, um acclamado romance, um escabroso romance, onde se misturam e se apagam uma triste figura de artista, a quem uma desventura amorosa sacrificara o sonho d'arte, e uma das nossas meninas elegantes de Petropolis, a quem o destino não devia ter negado o papel de boa mãe de familia.

Por seu turno, as academias prolife_ram. Não só aqui, amigo, mas por toda essa encantadora ficção democratica que nos rege — a federação brasileira. S. Paulo, que, como expoente da nossa cultura, nos não manda sómente o café, teve ainda ha pouco o seu cenaculo literario quasi conflagrado para eleger o sr. Vicente de Carvalho, cujos versos magistraes, de uma serenidade luminosa e de uma doçura sensual e ao mesmo tempo ironica, muitas vezes dissemos (lembras-te?) nessas remotas praias de Olinda, no ultimo verão em que para lá nos levaram as nossas ingenuas bravuras de tritões. Minas, que nos abastece de queijos e engorda os nossos filhos com o leite de Itatiaya, acena-nos tambem, orgulhosa e viril, com os novos louros das suas academias, para não deshonrar as tradições das suas montanhas arcadicas. E aqui, celleiro da cultura nacional, além das existentes, mais duas sociedades literarias

emergem, uma ainda em gestação e outra já superiormente organizada, aquella ainda á cata de nomes fulgidos e esta já com os seus dez titulares enthronizados — não me cabendo occultar-te que a ultima se diz academia de novos, novos na idade e na cultura, mas onde já prateiam algumas cans, e para cujo intimo desespero (lamentemol-a, amigo!) só deixou de ser eleito, por uma estranha perversidade na manipulação de votos, o venerando sr. barão de Paranapiacaba.

Pena é que através dessas instituições e desses homens se não descubra uma directriz segura. Não ha, creio eu, em toda essa calorosa freima intellectual, um pensamento superior que a illumine e conduza para os grandes destinos. Vae mesmo por esta quadra uma certa desordem mental. Todos bracejam numa confusão devéras lastimavel; ha attritos, ha clamores, ha invejas, ha despeitos, ha, principalmente, a

velha, a heroica, a humana fome de batatas; e, como sempre acontece, os que mais brilham são justamente os que mais gritam. E' que todos esses rapazes, que sonham com a palma academica e esbaforidamente se acolhem á sombra de collectividades niveladoras, affirmam, cá fóra na vida, por sua conducta pessoal, e sem que disso se apercebam, a precariedade, a decrepitude, a inefficacia de todas ellas, nesta época de profundo utilitarismo.

De resto, o mundo cada vez mais se industrializa. O que caracteriza o nosso tempo é a paixão industrial. Nas proprias camadas do pensamento puro, da arte pura, das especulações puramente abstractas, o industrialismo se infiltra com um desdem consciente e perturbador. E se Bergson, o neo-metaphysico, ainda alcança, com as suas prelecções da Sorbonne, uma voga fulgurante, é porque, como um prégador de quaresma na Magdalena, tem

a prestigial-o a assistencia de senhoras elegantes, que, por um capricho da moda, o escolheram para seu philosopho, entre os prazeres sociaes da estação: e a mulher, como se sabe, ainda é o esteio, embora fragil, da metaphysica...

Todavia, é grato observar esse movimento. Certo, dessa vasta fermentação de idéas e sentimentos, ha de ficar alguma cousa para honra da nova geração. E ao observal-o, amigo, menos para satisfação propria do que para gozo dos teus olhos, só um pezar me entristece: é a falta que me faz a tua companhia neste rutilante mercado de genios e epopéas, onde a tua pobre arte provinciana ainda não tem cotação, e onde, não raro, se fabricam renomes ephemeros no fundo das confeitarias, com manigancias de comadres literarias, com a liberalidade de bolsas inexperientes e o applauso incondicional aos medalhões. Porque, na tua companhia, infinitamente

delicioso me seria contemplar aqui, num deslumbramento de iniciado, a reproducção desse glorioso parto de Minerva.

II

Um dos assumptos de maior destaque na actualidade carioca é a eleição academica de que tem de sahir o substituto de Raymundo Correia.

Antes do mais: eu sempre quizera que o culto dos grandes homens no Brasil fosse uma realidade mais tangivel. Porque as nossas injustiças nesse terreno das recompensas pósthumas são clamorosas. Aos grandes homens, razoavelmente grandes homens, que tiveram para ajudal-os o bafejo politico, ainda dispensamos um pouco mais de carinho. Os brilhos passageiros, as exteriorizações ruidosas que os cercaram em vida, dão-lhes, depois da morte, a segurança de um tributo collectivo, que raramente falha. Em Nabuco, tanto em

vida como depois de morto, acclamou-se mais o politico, o embaixador, o homem de palavra seductora e porte majestoso, do que o verdadeiro grande homem que dentro delle existiu — o artista, o homem de letras. Toda a gente o reconhece intimamente, e creio que já se o disse uma vez.

Ora, o Brasil acaba de perder um dos seus poucos grandes homens na pessoa de Raymundo Correia. Este poeta, que qualquer literatura do mundo (é claro que me não refiro aos paizes vagos, onde as literaturas têm uma expressão de complacencia) se honraria de possuir, morreu, como é sabido, em Paris, quasi anonymamente, e em sua honra apenas realizámos o que em honra de qualquer mortal costumamos fazer: alinhar em periodos ôcos os adjectivos desmoralizados do necrologio. Mas é que Raymundo Correia era sómente um grande artista, que nunca prostituiu a sua arte; depois disso, dizem que era um juiz

honestissimo, o que positivamente o não devia recommendar muito nestes ligeiros tempos de venalidade cynica e barata. Porque não nasceu elle um simples politicoide? Talvez um vaso de guerra o tivesse ido buscar á terra estranha — que, afinal, o recebeu carinhosamente — e a esta hora estaria o seu nome resoando com pompa através deste lindo e descuidado Brasil, que é o paraiso dos politicos e das celebridades em transito...

Trata-se agora de dar-lhe substituto na Academia. Em verdade, para substituir, verdadeiramente substituir o grande poeta na sua poltrona academica, não se encontra facilmente, neste vasto paiz de mente ás musas dado, uma lyra bastante idonea. Mas, como a Academia, arrependida das suas escolhas anteriores, parece querer dar-lhe um successor poeta, é justo que vá procurar, entre os nossos actuaes bons poetas, aquelle que, no seu juizo infallivel

ou na opinião menos infallivel dos mortaes, se lhe afigurar o melhor.

Eu não pretendo dizer mal aqui da Academia, por uma razão muito simples: para não cahir na banalidade. Mas ouso affirmar, o que, aliás, faço pela segunda vez, que a illustre companhia, como se diz em estylo official, tem sido de uma infelicidade devéras lamentavel em algumas das ultimas escolhas de seus membros. As cadeiras da notavel sociedade foram creadas, penso eu, para nellas serem mantidas, mais ou menos, as tradições intellectuaes dos seus patronos, ou dos seus titulares, e que constituem as proprias tradições literarias da nação. Quando se fundou a Academia, houve o cuidado natural de collocar na cadeira de um patrono romancista um titular romancista, na de um poeta outro poeta, na de um historiador outro historiador, e na de um critico outro critico. Assim é que a Machado de Assis foi reservada a

cadeira de José de Alencar, ao sr. Olavo Bilac a de Gonçalves Dias, ao sr. Oliveira Lima a de Varnhagen, e ao sr. José Verissimo a de João Francisco Lisboa.

De maneira que a substituição de um academico deve continuar a obedecer a um criterio que se aproxime o mais possivel do criterio que parece ter presidido á fundação da Academia, tanto mais quanto as nossas tradições literarias ainda não estão sufficientemente definidas. Não se comprehende, ou antes, é difficil admittir-se que para a cadeira de um jurisconsulto se eleja um poeta, ou se substitua um poeta lyrico por um militar historiador, em cuja escassa bagagem, para contrastar com a amplidão sonora de rythmos do primeiro, sobresaiam capitulos curtos e seccos de memorias autobiographicas.

Foi o que ha pouco se deu. A disparidade entre o substituido e o substituto era tão comicamente contrastante, que este, na

ignorancia candidamente manifesta da obra daquelle e sem, talvez, capacidade emocional para nunca chegar a comprehendel-a, disse, ao traçar-lhe o elogio da praxe, as mais cabelludas barbaridades. Ultimamente, tem sido norma entre os novos academicos o dizer barbaridades. O caso de Euclydes da Cunha, em que a substituição, aliás, não foi das mais chocantes, é recentissimo. E a Academia, que silenciosa e inflexivelmente elege os seus immortaes, sancciona, com o seu silencio inflexivel, as heresias em que elles têm sido tão prodigos.

Agora, para desgraça da poesia no Brasil, morre Raymundo Correia. E o poeta, morto e abandonado em terra estranha, e em torno de cujo nome têm sido tão insignificantes e inexpressivas as honras posthumas, movimenta, com a sua vaga, uma legião de candidatos, em cuja maioria, consoladoramente poetica, sobresahem

umas duas ou tres figuras para quem a Academia é mais do que um complemento intellectual — é uma necessidade organica, porque já nasceram medullarmente academicas.

Pena é que essa maioria de candidatos seja quasi toda composta de rapazes. Rapazes, por muito que tenham feito, são sempre bellas promessas. E a Academia, que é, por assim dizer, um armazem de bagagens solidas e volumosas, se quer conservar o seu prestigio num paiz onde quasi tudo se acanalha, não deve facilitar o accesso a mancebos doidivanas, que, com os seus volumitos confusos debaixo do braço, avançam para o egregio cenaculo com umas ancias prematuras de repouso, uns pruridos precoces de aposentadoria literaria.

A Academia não se fez precisamente para os moços. Sei que o ser academico entre nós, além de abrir as portas dos dois

unicos editores que aqui exploram mais decentemente o negocio de livros, augmenta ao homem de letras o seu prestigio social, alargando-lhe assim as probabilidades de exito nas suas *cavações* sociaes. Isso, realmente, não é cousa que se despreze, numa época em que as exterioridades mais rebrilhantes e resoantes escondem e protegem as nullidades mais vastas e vasias. Não levemos, porém, tão longe o nosso gosto pelos titulos de empenho, o nosso culto pela utilidade nacional do *pistolão*.

A Academia é a consagração final, é uma especie de aposentadoria literaria, onde os velhos e os meiões vão encontrar uma recompensa para a sua vida illustre e atarefada. Os moços não ficam bem á sua sombra veneranda, que, se dá muita honra aos seus favorecidos, tira-lhes, em compensação, um pouco de estimulo. Elles devem trabalhar cá fóra, ao grande e livre sol que a todos allumia, desajudados de

honrarias prematuras ou de premios solennes, que nem sempre valem pelo melhor galardão.

Em todo o caso, é de louvar-se o proposito, em que parece estar firme a Academia, de eleger um poeta para a vaga de Raymundo Correia. Se ella levar ao fim, com a possivel felicidade, o seu louvavel designio, ao menos ficaremos antecipadamente descansados com relação á maneira futura de ser tratada, nos discursos academicos, a memoria do mallogrado artista. Porque, eleito um poeta, e não um historiador crasso, para o logar do poeta insubstituivel, é de esperar ao menos que elle, mais familiarizado com a obra singular e perfeita de Raymundo Correia, não venha, á maneira dos ultimos recipiendarios, fazer á custa della e do seu autor, humorismos grosseiros, tão differentes daquella ironia finissima que doura os discursos da Academia Franceza.

Que a Academia Brasileira emende em tempo a mão illustre. Adopte um criterio mais consentaneo com o bom senso, quando tiver de escolher e rotular os seus immortaes. Não nos proporcione mais o espectaculo desolador, ha pouco offerecido por um joven de talento, mas prodigiosamente petulante, a desdenhar, com os applausos de uma assistencia deleitada, a obra collossal, granitica, inconfundivel, de um gigante.

Porque, a continuar o gosto por essas disparidades irritantes nas successões academicas, não tardaremos em ver a Academia levar a sua maldade ao extremo de substituir um Carlos de Laet (Deus prolongue a vida do incansavel polemista por muitos e gloriosos annos) por um Teixeira Mendes!

Nesse caso — que os céos nos favoreçam! — que diria do aguerrido paladino de Christo o temeroso legionario de Comte?...

III

Ao abrir o livro com que o sr. Octavio Tarquinio de Souza vem de se affirmar tão serenamente no mundo vertiginoso das nossas letras, logo uma suave sympathia se apodera do leitor, por mais superficial que este se mostre ou por mais escassa que lhe seja a virtude rara de ver, sentir, comprehender e louvar. Está-se diante de um espirito affeito á meditação, de uma intelligencia aguda e fina, delicada e penetrante, inteiramente votada ao exercicio das mais altas e doces funcções do pensamento. Máo grado os seus verdes annos, porque o joven prosador ainda está na idade em que, entre nós principalmente, se ensaia a ode invicta ou o soneto peccaminoso, o sr. Tarquinio de Souza se apresenta appa-

relhado como um verdadeiro escriptor, revelando uma individualidade inconspurcada, uma sensibilidade profunda e serena, uma pureza de pensamento, que é antes uma herança secular do que um producto do seu tempo e do seu meio. *Monologo das Cousas*, apesar de nada pretender accrescentar á literatura do dia, é um livro com que positivamente se não contava, por isso que foi escripto por um moço que não é, e permittam os deuses que nunca venha a sel-o, um carpinteiro literario de jornal.

Lê-se-o com a alma purificada por um sôpro de bondade, no silencio claro e macio dos interiores tranquillos, com a janella aberta para uma nesga de céo antigo, e castas frondes em torno erguendo-se e acclamando-se aos beijos de uma primavera tutelar. Elle mesmo é uma casta primavera, rica de idéas, harmoniosa de côres, perfumada e sorridente — primavera, aliás, onde

já começam a amarellecer as primeiras folhas, como indicio de melhores fructos, que completarão ao joven pensador a sua gloria de amanhã. Já por elle se annuncia um outomno promissor, com essa tristeza luminosa que nasce da maturescencia intellectual; e tudo faz crer que da próxima colheita se recolha o ouro sem mescla que tanto mingua no celeiro nacional. Percorre-se-o com desvelo, numa especie de pacificação espiritual, como quem percorre uma alameda solitaria, no esplendor pulchro das manhãs sonoras, e desfolha, através della, rosas e mais rosas de graça e de indulgencia, deixando-se acclamar por uma multidão de petalas invisiveis...

O sr. Tarquinio de Souza fez um livro por todos os titulos amavel. *Monologo das Cousas* é um suave fabulario, através de cujas paginas sorri, com piedoso scepticismo, um espirito culto, e se entreabre, com recato melindroso, um coração sensivel.

Trata-se, com effeito, de um fabulista exacto e simples, que descobre na razão intima das cousas a razão dos seus e dos nossos proprios sentimentos, das suas e das nossas proprias acções. Os assumptos de que elle se serviu para compôr o seu formoso livro são quasi todos motivos de poesia, tratados num estylo claro e sobrio, preciso e igual, mas que irisa tudo aquillo em que toca. São pequenos poemas em prosa, limpidos, sonoros, rythmicos, cheios de idéas e de imagens, subtis, evocadores, por vezes ingenuos, mas nunca banaes — poemas cuja maior virtude é a ausencia absoluta de rhetorica.

Nos *Conselhos de uma penna*, primeira pagina do *Monologo das Cousas*, o autor traça uma suave e firme profissão de fé, que é mantida, com suavidade e firmeza, até ao fim do livro. Paginas como *O meu primeiro projecto de casamento*, *Uma gentil bibliotheca*, são daquellas que ficam indele-

veis, pela sua simplicidade e pureza, nas selectas escolares. Nos quatro *Elogios* — da elegancia, do esquecimento, da tolerancia, e do pudor — ha cousas que Anatole France, o divino, addicionaria de bom grado ao *Jardin d'Epicure*. Mas a summula do seu espirito está, certamente, no *Inventario da Velhice*. São estes os melhores fructos do artista e do pensador, fixando com grande felicidade, sem arrogancias propheticas nem restricções mentaes, «sem campar de superior aos demais nem affectar uma falsa modestia», as suas sensações e reflexões.

O sr. Tarquinio de Souza pertence a essa familia de espiritos que descende de Platão e se crystalizou, por estes asperos tempos de mecanica, que embotam cada vez mais a sensibilidade humana, na figura tutelar de Anatole France — doce cume de montanha illuminada — que irisa as fórmas mais sombrias do viver. Foi o philo-

sopho dos *Dialogos* que disse ser tambem a arte uma manifestação de bondade, e não sómente uma cópia vil da natureza, como pensam os modernos. O que caracteriza o espirito do sr. Tarquinio de Souza é aquella superior bondade preconizada por Platão. Elle se dubruça sobre a vida, e a contempla: e porque a sente e medita, porque desce ao fundo de todas as cousas e soffre todos os desenganos, torna-se indulgente, resigna-se, ama e perdôa. E' a bondade de Platão, é a indulgencia de Anatole que nos faz amar a vida até nos seus maiores desencantos.

Sinto-me feliz pelo contacto que venho de estabelecer com este delicado espirito, de cuja philosophia consoladora e de cuja arte serena muito tem a esperar a nossa joven e attribulada literatura. E no abraço commovido que lhe mando pela sua brilhante estréa, ponho toda a sinceridade de um espirito que tambem se compraz em

salientar as cousas bellas da vida, sem deixar de olhar com piedade para o que ella contém de ridiculo ou máo.

IV

Entre as festas que estão annunciadas para hoje, glorificando ao mesmo tempo uma ou duas individualidades do nosso tempo e a descoberta da America (festas, aliás, a que o máo tempo, aggravando-me a misantropia, me priva de assistir), destaca-se a inauguração do Polytheama, um theatro ligeiro e modesto, que vem de levantar-se sofregamente, fóra do centro da cidade, á sombra das palmeiras do Mangue, e ao alcance de bolsas populares.

Alludi, incidentemente, ao máo tempo. Ah! que desolação! Pesa sobre a cidade um escuro e vasto lençol de tristeza e humidade. O céo é uma ameaça permanente de temporal. De vez em quando, uma chuvinha irritante, alagadora e facil, enlameia

o asphalto da Avenida e faz com que os nossos hediondos guarda-chuvas se acotovellem desesperadamente nos passeios da rua do Ouvidor. Não raro, um relampago fuzila e um trovão estala em volta do Corcovado, como se fossem as entranhas graniticas do monstro a vomitar uma praga. Cáe uma nevoa humida, escura, que enerva, que enregela. Uma atmosphera de chumbo, de luto e gelo, pesa sobre as nossas cabeças. Sopra uma lufada glacial, espalhando o tédio nas almas e abrindo caminho ás pneumonias...

Oh! primavera querida! por onde rolará a estas horas o teu carro triumphal, que na imaginação teimosa dos poetas, mais do que na previsão mathematica do kalendario, deveria deslizar, todo engrinaldado de rosas, por estes bosques e jardins de Guanabara? Que negro tufão lhe retarda a marcha gloriosa? Primavera, sol de outubro, que doce me seria abrir agora a mi-

nha janella para a tua grande luz, para ti, sol fecundo e original, que fazes cantar de luz os prados verdes, cantar o céo, cantar o mar, as nuvens brancas, as aguas claras!

E tu não vens, graciosa amiga. Sem ti, a cidade é um deserto, a vida um fardo. Fugimos da cidade, fugimos ao tedio das ruas, corremos, encharcados, para casa, e em casa a nossa tristeza augmenta, a desolação continúa, o corpo se retráe, o espirito se embota, com o tedio que desce do céo, lá fóra, e escorre das paredes, dentro de casa... Primavera, por onde andarás tu, por que nos abandonas? Mas tu virás certamente, porque o teu destino é immutavel e bello como a luz — e tambem para que não continue a perseguir-te este clamor lyrico da solidão...

Mesmo sem ti, abram-se as portas do Polytheama, e através dellas vejamos, tanto quanto nos permittirem a distancia e o ne-

gror tragico da noite, o que de bello ou de util resulta para o theatro nacional. Os jornaes têm dito, com abundancia de encomios, que o Polytheama vem preencher uma lacuna. E' um principio de reacção nacional,—accrescentam alguns—por parte do povo da Cidade Nova contra a sociedade *snob* de Botafogo, que paga sommas fabulosas para ouvir esse genio de garganta, que é o sr. Titta Rufo, cantar o *Rigoletto*. O decantado theatro brasileiro vae desta vez renascer num barracão do Mangue, já que o Municipal, todo de marmore e ouro, para que as companhias estrangeiras possam melhor accommodar os seus triumphos e obter maiores lucros, não foi propicio ás glorias renascentes do pobre moço. E tanto esse começo de renascimento parece ser um facto, que o proprio sr. Coelho Netto, com a tremenda responsabilidade de director da Escola Dramatica Nacional, deve estar fazendo neste mo-

mento o discurso de inauguração do esperançoso Polytheama.

Entretanto, esse theatrinho, construido, ao que me consta, contra as proprias posturas municipaes, pois que é todo de madeira, parece ter um fim muito mais mercantil do que aquelle que lhe suppõem. Como toda a gente sabe, o theatro popular, o theatro por sessões, está aqui no auge do seu furor. As casas de espectaculos do largo do Rocio e arredores regorgitam de espectadores a cada hora. E' um formigueiro incessante. E' uma concorrencia desbragada aos cinematographos. E' um negocio esplendido.

Tudo isso seria muito acceitavel se, com os lucros que sobram aos emprezarios, resultasse algum proveito sério para a cultura artistica do povo. Mas este eterno explorado, que paga mecanicamente, tanto se diverte com o *grand-guignol* sangrento do Carlos Gomes como com o *vau-*

deville immoral do São Pedro — para não falarmos das obscenidades grosseiras, de ultimo quilate, que ultimamente lograram aqui innumeras representações e colossaes enchentes.

Ora, foi farejando esse genero rendoso, essa escola publica e remunerada da deturpação do gosto, da corrupção do sèntimento artistico, do abastardamento do caracter, que parece ter-se construido o Polytheama, cuja utilidade unica é poupar aos pobres habitantes da Cidade Nova, para quem o automovel é ainda uma hypothese de conforto, o sacrificio de uma travessia mais longa, como é a do Mangue para o Rocio, nesta maçada de noites incertas em que é tão prodigo o clima do Rio.

Verdade assim tão crua e dolorosa resalta do programma que se traçou esse novo barracão. Em vez de ensaiar a comedia de costumes locaes, que mais grata seria á indole daquella gente ainda não ini-

ciada nas delicias pulhas do *snobismo*, valendo-se, para isso, do concurso de autores nacionaes competentes, que os ha, e preparando actores para o futuro, o Polytheama, cuja missão no renascimento theatral do Brasil está sendo tão preconizada, inaugura os seus espectaculos, e por certo os ha de continuar no mesmo gosto, com uma peça de espalhafatosa theatralidade — *A volta do mundo a pé*, uma especie de magica reles que vae indubitavelmente conferir ao novo centro de diversões os fóros, que elle tanto ambiciona, de *Châtelet* de feira, de *Ambigu* de fancaria.

Por isso, é que o meu amigo Veras, muito entendido em cousas de theatro, e em cuja opinião me louvo sempre, ainda hontem me dizia, serenamente, que o Polytheama, apesar do seu rotulo vistoso de iniciador do theatro popular brasileiro, é, nada mais, nada menos do que uma concorrencia desleal ao Circo Spinelli...

V

Uma das pessoas mais intelligentes e simples que tenho conhecido, nesse quotidiano e rude trato dos homens em que, pelo caracter provisorio da nossa vida de acampamento, já se tornou moda travar relações intellectuaes ou affectivas, quando muito, por seis mezes, é o sr. Arthur Briggs, autor de algumas obras de direito internacional, a cuja operosidade e competencia o Governo Brasileiro acaba de conferir o devido premio, com a sua nomeação de director geral dos negocios politicos e diplomaticos do Ministerio das Relações Exteriores.

E' preciso conhecer de perto este culto e delicado espirito, não só para avaliar com justeza dos seus meritos, da sua capacidade

de trabalho, dos seus conhecimentos nesse ramo difficil da sciencia publica, que é lidar com os interesses estrangeiros, como tambem, e principalmente, para vêr que o sr. Briggs possue, em gráo elevado, a virtude, rara nestes vertiginosos tempos de arrivismo intenso e crespo, de se affirmar com simplicidade, polidez e modestia, que não chegam a esconder calculadamente, antes a realçam com discreto brilho e desartificiosa doçura, a consciencia integral da sua personalidade. As attitudes da sua sensibilidade superior são menos, decerto, um reflexo da sua indole britannica, desabrochada no meio de temperamentos estonteados e incolores, do que o resultado de uma educação escrupulosa, naturalmente transmittida por uma familia de educadores provectos.

O sr. Briggs é desses homens que nasceram para viver sem ruido, mas honrando cabalmente a vida. E' um semeador fe-

cundo, mas ignorado, cujos fructos desapparecem entre as mais altas conquistas moraes e intellectuaes da collectividade. Dir-se-ia um erudito, um benedictino da diplomacia, um desses monges, nada maliciosos, do trabalho intellectual, cujos esforços nunca apparecem individualmente, porque, unidos a outros esforços, quando vêm a publico, é com a marca impessoal das ordens monasticas.

No Ministerio das Relações Exteriores, onde o visconde de Cabo Frio, subsistindo, quasi sem solução de continuidade, a ministros anodynos e rotativos, imprimiu á politica internacional do Segundo Imperio o cunho precioso da sua cultura classica, que resistiu com paciente energia á invasão tumultuaria dos primeiros dias da Republica; nesse tradicional Itamaraty (tão malsinado ultimamente), que o genio renovador de Rio Branco transformou no centro de maior prestigio politico da America, e

onde cada funccionario, por mais humilde, conserva, diante de tão nobres exemplos, o pudor das suas funcções, guardando, mesmo nas horas de maiores vacillações do espirito publico, a linha de uma conducta que jámais descontinúa — o sr. Briggs assentou a sua tenda e por ella tem visto transitar os assumptos mais importantes da nossa historia diplomatica, nos ultimos annos.

A sua assistencia alli tem sido das mais proficuas. Conhecedor minucioso das sempre controvertidas questões de direito internacional publico e privado, a sua palavra é constantemente acatada e a sua acção não raro decisiva. E' um gosto vel-o na sua cathedra, modestamente, incessantemente doutrinando para os moços que chegam com as inquietações de um noviciado que imaginam tormentoso, e muitas vezes para aquelles que já galgaram os postos culminantes da carreira. Sem quebra para

a sua autoridade de chefe de serviço, apenas procurando diminuir-se no que respeita á sua competencia nas questões que lhe são submettidas, a todos elles acolhe com uma indulgencia que não vexa, porque, é preciso accentuar bem, o sr. Briggs é um homem culto, de uma delicadeza que raia pela timidez, incapaz de se confundir com certas nullidades arrogantes, de reputação insustentavel, e cujo equilibrio só se explica pelos segredos mirificos da nossa turva dynamica social.

Isso, ao envez de tornal-o um inadaptado nas retumbancias venturosas do momento, grangeia-lhe, ao contrario, a estima e a admiração dos seus companheiros, e na vida lhe tem sido, certamente, o melhor passaporte. Porque, por mais que se proclame a bancarrota da intelligencia; por mais alta que seja a vozearia, apparentemente victoriosa, de todos os cabotinos; por mais desprestigiado que ande o verda-

deiro merito, a sua imposição, mais cedo ou mais tarde, é uma cousa fatal, principalmente se esse poder da intelligencia assenta num grande fundo de caracter.

O illustre cultor do direito internacional é um trabalhador infatigavel. Delle póde dizer-se que não só tem lidado com os assumptos mais melindrosos da historia diplomatica do Brasil contemporaneo (sem falar do expediente corriqueiro, de cada dia, a que o seu cuidado de mestre nunca deixa de presidir), senão tambem que tem tido a gloria de ver passar em torno de si, numa estação de aprendizagem, e recolher-lhe os ensinamentos, as figuras mais promettedoras da joven diplomacia brasileira. Trabalha, na sua officina, como um benedictino erudito, conhecedor do passado, revolvedor de arquivos illustres, de onde extráe a materia prima dos seus sabios pareceres em materia de direito pratico, pondo em tudo a ordem, a clareza, a precisão.

Mas é, sobretudo, um trabalhador anonymo. E' certo que elle aproveita os seus lazeres para estabelecer ligeiros contactos com o publico, compondo livros utilissimos, como essa *Extradição,* que se tornou classica no genero, e as *Cartas Rogatorias Internacionaes,* de recente publicação, louvadas com parcimonia pela nossa imprensa desattenta — livros considerados modelares por jurisconsultos eminentes, como os srs. Clovis Bevilaqua e Pedro Lessa. O seu melhor trabalho, porém, é aquelle que não apparece, que se occulta nas discreções protocollares da carreira, impessoal e permanente; trabalho de todos os dias, arduo, paciente, fecundo, que se transmitte de geração a geração, que firma doutrinas, mas cuja autoria será sempre ignorada pelo grande publico: o esforço delicado, a rara competencia, a prodigiosa clareza com que elle desbasta todas as arestas do officio, em tudo, desde a tranquilla segurança com

que mede o alcance de um acto internacional, nos dominios vagos da theoria, até á firmeza irrespondivel, sempre justa e polida, com que sabe desmanchar a impertinencia ou a emphase de certas notas diplomaticas, quando se trata de reclamações estrangeiras não baseadas em direito.

Dizendo, ligeiramente, da illustre individualidade do sr. Briggs, não tenho a pretenção de attrahir para ella as sympathias ruidosas, bem que innocuas, da nossa republica literaria. O seu feitio de trabalhador obscuro não lhe permittiria accommodar-se entre as hypotheticas expansões da estima publica. O sr. Briggs, repito, é desses homens que nasceram para viver sem ruido. Mas é uma vida digna de ser vivida e de ser louvada: vida de abelha delicada, que fabrica o seu mel sem nunca se utilizar dos seus ferrões, e a quem um poeta da minha estima aconselharia a trabalhar sempre, a produzir incessantemente,

a fabricar noite e dia o seu mel generoso, acclamando-a nestes versos ineditos:

Trabalha, ó pura, ó simples, ó mesquinha,
O' solitaria abelha desdenhosa,
Sem applauso, sem publico, sósinha.

VI

A semana foi prodiga de assumptos interessantes, mesmo quanto aos crimes e suicidios, que tão grosseiramente lhe conspurcaram o piedoso caracter de semana santa. No capitulo ditoso das viagens, pessoas que partiram simplesmente notaveis e voltaram definitivamente celebres; no mundo das surprezas femininas, premios de honestidade em boa hora distribuidos por uma sociedade carnavalesca; na diplomacia, preparativos de um banquete e de uma recepção para festejar a passagem de um princìpe europeu, a quem fôra para desejar, penso eu, offerecer cousa menos banal ou menos incaracteristica como expoente da nossa joven civilização; na literatura, entrevistas historicas, sob os auspicios de

Tacito e com um sabor picante de actualidade, como a do contemporaneo Raposo, que enrolava o seu cigarro catita, depois de ver Jesus sahir, atado, do Pretorio, e revelações sensacionaes de noveis escriptores nossos, que já conversam na intimidade, tuteando-se, com os sabios encanecidos do Instituto de França; na religião, as lagrimas millenarias da Paixão, renovadas e prestigiadas pelo delirio da paixão cinematographica; e na vida commum, na vida intensa das multidões contemporaneas, tragedias conjugaes, roubos, assassinatos, desesperos, cavações — tudo isso, bom Deus, culminado por um céo gloriosamente azul, profundamente puro, por um ar macío e luminoso, que mais lembra um canto primaveril do que uma litania de outomno, e por esse triumphal plenilunio de abril, inedito, sumptuoso, integral, que, dominando a via-lactea das lampadas electricas urbanas, realizou o milagre de evocar a mara-

vilha de um plenilunio de agosto na minha aldeia natal...

Uma semana excepcionalmente interessante. Tão interessante que não teve, para estragal-a, o escabroso commentario politico — uma das mais gratas benemerencias do actual estado de sitio. Ah! o estado de sitio, a esse respeito, tem sido verdadeiramente providencial: poupa o nosso pobre figado, pela manhã, ao desdobrarmos os jornaes, ao mesmo tempo que abre estradas mais suaves á fantasia escandecida dos jornalistas politicos. Respira-se outro ar, preza-se mais a vida, e tem-se a impressão de que o nosso restricto mundo se não compõe sómente de homens corruptos e corruptores. Os espiritos que orientam a nossa marcha vital, os chamados espiritos superiores, mostram-se amaveis, cortezes, ponderados, sobretudo ponderados, quer exercitando-se nos labores praticos da existencia, quer desenvolvendo-se nas altas es-

pheras do pensamento; e mesmo aquelles para os quaes insultar quotidianamente é uma necessidade organica, põem algodão nas arestas da sua adjectivação inesgotavel e, ás vezes, elevando a imaginação fecunda acima das contingencias terrenas, recorrem ao difficil estylo epistolar, descompondo suavemente, em cartas datadas da lua... E, ó milagre supremo! até a literatura, a misera literatura nacional, tem lucrado com o sitio.

Graças a elle, decerto, as pessoas que sabem ler e ainda não perderam o gosto com as frivolidades cynicas, os ligeiros linguados, as chroniquetas da moda, os artiguinhos intencionaes, que fazem a delicia dos nossos devoradores de periodicos, poderam mostrar-se mais attentas e agradecidas á penna generosa e luminosa de Celso Vieira, cuja paixão literaria bem cedo attingiu, pela cultura seleccionada, pelo requintado senso esthetico, pela pureza verna-

cula, a uma culminancia pouco commum nas nossas letras. Este prosador magnifico, que é tambem um dos poetas mais perfeitos que tenho conhecido, acaba, com effeito, de prestar um grande serviço ao nosso meio intellectual, cada vez mais envenenado por uma literatura aborticia de cavadores. O seu artigo publicado no *Jornal do Commercio* sobre *Noção de Patria* — a bella conferencia em que Carlos D. Fernandes nos concita a amar «a nossa patria nos seus heroes, nos seus artistas, nos seus philosophos, nos seus poetas, no conhecimento intimo e no cultivo devoto da sua lingua, que é o maior elemento possivel de cohesão nacional»; esse artigo, com ser, litterariamente, uma das paginas mais puras da lingua portugueza, é, moralmente, uma acção meritoria. E' uma moldura maravilhosa, em que a palavra do prégador mais avulta e resplandece. Pela sua elevação, merece o mais extenso e commovido lou-

vor. O poeta da *Canção de Vesta*, um dos novos Christos do patriotismo brasileiro, não encontraria um S. João mais dedicado e prestigioso para espalhar o seu verbo ardente por esta geração de apathicos e desilludidos.

Celso Vieira é uma affirmação victoriosa desse consorcio da verdade e da belleza, que reponta do conceito platonico. Assignalada a eclosão do seu espirito em centros de cultura tradicionaes como Pernambuco e Pará, a sua prosa foi, sem exaggero, o encanto de toda uma geração. Dir-se-hia um grego, desencantado e errante, envolvido no turbilhão fulgurante dos seus symbolos, tentando encarnar, sob os tropicos, o hellenismo do seculo de Pericles. Trazido para o Rio por esses innocentes idéaes literarios que á nossa ingenuidade provinciana se afiguram, de longe, como armaduras invulneraveis, e aqui encontrando, ao envez da cidade do saber, da man-

são do estudo, do ambiente secular da meditação, uma vasta feira industrial, recem-despertada aos appellos da poesia das machinas e dos negocios, a sua sensibilidade se retrahiu numa especie de pudor hieratico, não transigindo jámais, na sua solidão, com as penosas, obscuras, despedaçadoras evidencias de um dia. E' um inactual, que se apura, e se afervora, e se aperfeiçôa no culto solitario da sua arte. Celso Vieira vive afastado das nossas chamadas rodas superiores, onde o *bel esprit* prodigaliza a magia dos seus recursos acrobaticos: elle não conhece os exasperos, a um tempo tragicos e grotescos, dos que se entredevoram no mercado limitadissimo das nossas glorias. Quando, porém, o bello, o bom, o verdadeiro o solicitam, gerando-lhe emoções puras e fecundas, é de vel-o em toda a pureza do seu sacerdocio. Não conheço, através da nossa arte escripta, apostolo novo que, com fervor mais pro-

fundo e gosto mais perfeito, leve a sua offerenda ao templo espiritual da deusa serena e consoladora, tão impunemente injuriada nestes magros tempos que se notabilizam por um parasytismo intellectual generalizado.

Mas, como eu dizia, o estado de sitio, em que ha um mez e tanto vivemos tão tranquillamente, tem sido sobremodo propicio á nossa joven literatura. Para constatar esse facto auspicioso, basta ler os jornaes, que são os apparelhos registradores do nosso sangue impetuoso e da nossa lyrica intelligencia. A literatura anda por elles derramada, em essencia, em côr, em luz, em som, em perfume, como uma entidade divina a que se recorre nos momentos de perigo, e em cuja adoração todas as rivalidades se neutralizam. Mingua-lhes a nota politica de sensação? escasseia-lhes o escandalo administrativo? causa-lhes aborrecimento falar da crise financeira ou dos

crimes domesticos, dos heroicos apertos do Thesouro ou dos dramas patuscos das alcovas? Então, como uma taboa salvadora, sorri-lhes, do fundo do seu abandono, a boa, a generosa, a facil literatura. E a todos ella acolhe e remedeia nesta hora amarga de escassez de assumptos predilectos, vingando-se ironicamente do esquecimento em que a deixaram aquellas folhas vivazes e ligeiras, quando ventos mais largos as arrebatavam, em rajadas, para o desimpedido, o licencioso, o agitado de outros campos favoritos...

Já viram como os nossos jornaes estão infinitamente mais literarios do que até antes do Carnaval, em que é praxe, todos os annos, superabundar uma literatura de zabumba, tresandando lascivia por todos os poros, genero *maxixe* reforçado por cantharida? E' evidente. Sem falar nas correspondencias, e chronicas, e contos, e poesias, e reminiscencias, e curiosidades, e excava-

ções, e inqueritos — tudo de feição literaria — de que andam atopetadas as nossas gazetas, basta citar dois ou tres factos que são caracteristicos do grande interesse que as chamadas letras patrias estão despertando na imprensa carioca.

O sr. Ruy Barbosa contracta naturalmente com a casa Alves a publicação das suas obras completas em cento e cincoenta volumes? Como a ninguem occorria que a obra dispersa do genio fosse tão consideravel, ha um espanto universal, primeiro; um longo enternecimento patriotico, depois; e uma vasta divulgação, por fim. Proclama-se o genio. Pedem-se alviçaras. Assalta-se o editor.

O sr. Coelho Netto concede uma entrevista a um jornal e condemna o abuso, entre nós, do adjectivo, promettendo, elle proprio, corrigir-se desse vicio? Oh! maravilha, oh! conquista, oh! victoria da medida, da clareza, da precisão! Espalha-se

furiosamente a boa nova. Declara-se guerra ao adjectivo. Applaude-se a conversão do mestre.

A sr.ª Julia Lopes de Almeida recebe, muito merecidamente, um banquete dos seus confrades de Paris? Boquiabrimo-nos. Então nós possuimos uma romancista tão illustre que os literatos francezes a acclamavam, assim, commovedoramente? Eis que se faz, a proposito dessa justa consagração, no estrangeiro, da nossa maior escriptora, uma calorosa e demorada repercussão na imprensa brasileira.

Os proprios *sueltos*, versando sobre idéas geraes ou sobre factos locaes, apresentam uma fórma menos rebarbativa. E até as vagas descomposturas, que se esgueiram, de longe em longe, através de columnas anonymas, tem um cunho accentuadamente literario...

Abençoado estado de sitio! Longe estava, talvez, do pensamento dos que te de-

cretaram, fundando-te nas razões superiores da Ordem Publica e do Progresso Nacional, que havias de dar outro rumo á nossa intelligencia, e ao nosso caracter a apparencia de quem tomou chá em pequeno. Louvado sejas! Louvado sejas, sobretudo, porque foi na tua vigencia que se resuscitou um nome glorioso, amortalhado na indifferença publica.

A Luiz Delfino, o grande e esquecido poeta, trata-se de erigir uma herma. Pela discussão travada na imprensa sobre essa homenagem posthuma, vejo que as opiniões divergem quanto á fórma de glorificar o poeta: uns querem a herma, outros reclamam a publicação das obras até hoje esparsas do maravilhoso cantor. Sem pretender tomar parte na contenda illustre, eu te louvaria ainda, Sitio magnanimo, se tu fosses bastante efficaz para, no caso de ficar resolvido o monumento, proporcionares a Luiz Delfino alguma cousa de mais

ornamental, de mais expressivo, de mais singelo mesmo, do que a praga eterna de uma herma — daquellas que enchem com a sua inexpressibilidade a solidão do Passeio Publico, como simples, duras, hostis photographias de bronze.

VII

Entre os poucos amigos desinteressados que o Brasil tem feito no estrangeiro, depois do seu segundo descobrimento, caracterizado pela éra da Avenida, destaca-se, não só pela sinceridade de seus propositos como pela evidencia de seus meritos, o ilustre escriptor francez Henri Allorge. Creio não ser necessario explicar, com palavras abundantes e eloquentes, por que lhe chamo desinteressado. Henri Allorge não se alista entre o bando alegre e vivaz de *commis voyageurs*, que ultimamente nos tem procurado revelar á curiosidade dos estranhos, em livros que bem pouca gente lê, a começar por nós mesmos, ou em jornaes de circulação duvidosa, em cuja opinião já se não louvam nem mesmo as pessoas de pri-

mitiva boa fé. Por isso mesmo, porque o sabemos um homem desprendido de vantagens materiaes, um intellectual puro, um espirito elevado, que antes de tudo procura attender ás solicitações do seu temperamento, sem visar interesses de segunda ordem, ainda que bastante ponderaveis — não temos apreciado devidamente o seu esforço.

Henri Allorge é um joven escriptor de grande futuro, a quem as letras francezas já devem alguns volumes de destaque na poesia e na prosa. Um bello dia, entre as suas innocentes fantasias, elle voltou o seu pensamento para um paiz longinquo da America, de cuja fauna e flora sempre foi habito, entre naturalistas itinerantes, o dizer maravilhas. E ahi, a par de uma natureza que até hoje tem resistido, sem nunca se banalizar, aos mais vehementes epinicios, deparou-se-lhe uma literatura joven e promissora, apesar de certos rema-

nescentes carunchosos, que dão, por vezes, aos incautos, a illusão de uma cultura secular.

Para se pôr em contacto mais demorado com as letras brasileiras, de cuja existencia viera, talvez, a saber num desses rapidos encontros de *boulevard* ou de café-concerto com algum diplomata besuntado de literatura, elle teve o bom senso de não recorrer ás nossas agencias de propaganda no exterior, que ahi, quando muito, só se trata dos interesses evangelicos do café. Em primeiro logar, Henri Allorge tratou de estudar o portuguez — santo heroismo, que não só nos enternece, como tambem nos espanta. De posse do maravilhoso e ignorado instrumento, cuja intimidade lhe foi facilitada pelos seus conhecimentos de latim — lingua que, como a grega, não só ainda se ensina na Europa, como é familiar entre os que alli se dedicam á literatura — elle iniciou, com uma paixão e um brilho

que não têm descontinuado, um trabalho methodico de divulgação das nossas letras, ora traduzindo, ora commentando os escriptores contemporaneos do Brasil. Isto, porém, honestamente, fraternalmente, sem ruido, sem os transumptos telegraphicos de encommenda, que deixam, por momentos, humedecida a vaidade nacional.

Nos seus ultimos livros de versos figuram já trabalhos traduzidos de poetas nossos. Nos jornaes, nas revistas onde elle collabora, ha sempre uma referencia para o movimento literario do Brasil. Na *Renaissance Contemporaine,* principalmente, — bella revista de reacção classica contra a invasão germanica da cultura franceza, onde trabalham espiritos dos mais vigorosos, da tempera de Edouard Schuré, Edmond Haraucourt, Emile Blemont, Robert Veyssié e outros, — havia até antes da guerra uma secção permanente, mantida por Allorge, que se occupava das cousas

literarias do nosso paiz. Não se dava aqui um facto intellectual mais importante — o apparecimento de um livro, uma recepção na Academia, a consagração de um poeta — que não repercutisse, discretamente, podado de todos os exaggeros indigenas, nas paginas daquella revista e de outras. Da propria campanha politica do sr. Ruy Barbosa, elle soube extrahir um commentario puramente literario. E, com o mesmo carinho e o mesmo desinteresse com que traduz e publica um soneto de um poeta obscuro do Pará, Allorge foi um dos raros cyreneus que ajudaram o sr. Graça Aranha na representação do *Malazarte*.

E', positivamente, um heróe. E, como todo heróe, é generoso. Conhecida a sua affeição pela joven literatura brasileira, Allorge tornou-se requestado; a sua correspondencia com literatos nossos é já intensa; alguns destes têm sido habeis e pertinazes na remessa de seus productos; e como o que ca-

racteriza certos espiritos trefegos, ciosos de publicidade ephemera, é a falta de pudor intellectual, Allorge tem-se deixado explorar na sua generosidade. Elle tem divulgado, com uma impassibilidade affectuosa e ironica, com uma indulgencia polida, algumas definitivas nullidades brasileiras. Mais um motivo para lhe sermos gratos, por isso que elle confirma, numa lingua largamente diffundida, o que era corrente apenas no meio restrito onde se fala o portuguez...

Como acima ficou dito, Henri Allorge é um joven escriptor de grande futuro. Poeta, romancista e critico, tendo antes publicado alguns volumes, entre os quaes se destaca *L'Ame Géometrique*, prefaciado por Camillo Flammarion e que proporcionou ao joven critico brasileiro, sr. Carlos Pontes, um magnifico estudo — o seu valor se affirma, entretanto, de 1909 em diante, com a publicação dos livros de versos *L'Essor Eternel* e *La Splendeur Doulou-*

reuse, ambos premiados pela Academia Franceza, e do romance *Le Mal de la Gloire,* que fixa um aspecto do arrivismo contemporaneo, talvez o mais antipathico, qual seja o arrivismo na arte.

Como poeta, como escriptor, Allorge é, acima de tudo, um intellectual, um pensador. Ha nos seus versos um pouco da esthetica de Sully Prudhomme. Elle nunca se banaliza nas trivialidades crystalinas do sentimento, de que falazes malabaristas da phrase conseguem extrahir pequenas obras primas. O seu espirito é o de um torturado que busca interpretar a vida no que ella tem de verdadeiramente eterno. E' um erudito temperado por um artista, uma grande cultura a serviço de uma apurada sensibilidade lyrica. Paginas suas, como *Le chant de l'automne, Les voix des feuilles,* são das melhores da moderna poesia franceza.

Mas, pela sua cultura, pelo seu feitio,

pelo cunho intellectual da sua arte, pela sua atitude sempre superior diante dos espetaculos da vida, elle é desses escriptores que nunca chegam a commover o grande publico. Tanto melhor para elle, que assim se preserva a uma das fórmas mais odiosas e chatas do egoismo, que é cortejar a popularidade, como para o seu bello e logico paiz, onde não se comprehenderia Montaigne disputando as glorias do sr. Georges Ohnet.

Neste tragico momento, em que a alma gentil de França opéra milagres na defesa da civilização de que ella é o espelho mais crystalino, Henri Allorge, pela sua alta sensibilidade moral e artistica, é uma das consciencias que mais soffrem com o espectaculo da guerra, e uma das vontades que mais se affirmam na tarefa gigantesca de conduzil-a a um fim honroso para a humanidade. Toda a sua acção tende agora para esse idéal. Em uma de suas ultimas cartas

dizia-me elle: «La littérature n'existe plus pour moi, pour le moment. La seule chose importante est de vaincre nos aggresseurs féroces; et si cela ne pouvait arriver, la vie ne vaudrait pas la peine d'être vécue.» Estas ultimas palavras exprimem bem o que eu chamaria a dôr de uma intelligencia, que não distingue nacionalidade de humanidade.

Comtudo, entre as multiplas solicitações do serviço da guerra (Allorge trabalha actualmente no Sub-Secretariado da Artilheria e das Munições, com o sr. Albert Thomas), elle acompanha sempre o que fóra do seu paiz produz a incomparavel catastrophe. A attitude do Brasil, particularmente, as demonstrações de franca sympathia da grande maioria da nossa gente pela causa que a França defende, a solidariedade efficiente dos nossos intellectuaes, tudo o interessa e commove. Em todas as suas cartas ha uma palavra de

amizade para essa attitude de affirmação mental e affectiva. E ainda hontem eu recebia uns versos ineditos, inspirados por uma noticia, aliás, fantasista, do *Excelsior* sobre a ultima conferencia do sr. Miguel Calmon (que Allorge chama «une voix émue et fraternelle»), e com os quaes ponho remate a estas linhas, como se me servisse de flores generosas para ornamentar, em manhã de festa espiritual, a base de uma columna solitaria:

LES TROIS COULEURS

Au poête Matheus de Albuquerque,
en confraternelle amitié.

Il est une contrée, en beauté sans égale,
Où la splendeur glauque des mers
S'unit á l'ardeur tropicale,
Comme à celle des monts immaculés et fiers.

O Brésil, ô pays de chaude exubérance,
En toi frémit le sang latin ;
Par dessus l'Océan, ton cœur rejoint la France,
Et son destin est un peu ton destin.

Aujourd'hui que la guerre a mis l'Europe en flamme,
Amoncelant les morts sur d'effrayants débris,
Je sens que vers nous va ton âme,
Et que Rio vibre comme Paris !

Or un jour, qu'une voix émue et fraternelle
Lá-bas avait parlé de nous,
Tes filles, ô Brésil, aux yeux ardents et doux,
Voulant glorifier notre France éternelle

Disposèrent dans leurs cheveux
Alentour d'un ruban de blancheur virginale,
Des insects brillants de la terre natale :
Les lampyres de pourpre et les charançons bleus.

Nos trois couleurs — la Foi, le Rêve et la Vaillance —
Rayonnérent, symbole héroique et discret ;
Et ce fut un baiser lumineux et muet
Que ton soleil, Brésil, donnait au ciel de France !

VIII

Está em organização definitiva a Sociedade Brasileira de Homens de Letras. Digo — organização definitiva — porque a idéa da fundação desse gremio, que tem vivido em estado latente no cerebro de algumas pessoas menos aridas, e repontado por vezes, através de enthusiasmos momentaneos, com mostras de viabilidade mais ou menos alarmantes, só agora parece ter-se apresentado revestida do caracter de immediata efficiencia pratica. O sr. Oscar Lopes, o seu ultimo apostolo e feliz defensor, é uma alma bastante equilibrada, rica de experiencia, energica sem arrojo, aguda sem acidez, para não nutrir a respeito della illusões exaggeradas, que se-

riam, de resto, mesmo em momentos de alta inspiração collectiva, inteiramente descabidas. Em meio do desanimo geral, da má vontade inconsciente, da ausencia inexplicavel de sympathia, que caracterizam, dividem e annullam os nossos chamados homens de letras, o illustre propugnador dessa nova aggremiação literaria para a defesa dos interesses communs, máo grado a sua bella e forte mocidade, sempre sensivel ás suggestões da imaginação, é o que com propriedade se pode chamar um apostolo pratico, de fibra americana.

Eu tive a honra de assistir a algumas das sessões preliminares, realizadas sem estardalhaços de publicidade perturbadora, para a discussão das bases da Sociedade Brasileira de Homens de Letras. E, por mim, confesso que dessas pacatas reuniões jàmais sahi com a impressão confusa e delirante de haver bracejado no vacuo, entre perigos imaginarios, em dialogos ardentes

com as utopias. Sempre se me afigurou a cousa mais simples, mais facil, mais natural deste mundo, a organização, em sociedade, da defesa intellectual, moral e material das pessoas a quem o destino marcou com o sello atroz da peregrinação literaria em nossa terra: ou porque essa organização assente numa necessidade que todos reconhecem, mas que a nossa benemerita e hereditaria preguiça deixou até agora sem remedio; ou porque o sr. Oscar Lopes expuzesse o seu plano com essa simplicidade encantadora, tranquilla e formidavel, com essa força racional, com esse poder de convicção crystalizada que operam milagres de bom senso e de confiança reciproca nos espiritos mais refractarios ás evidencias do erro e da verdade; ou porque á minha indole de creatura logica, coherente comsigo mesma antes de parecer coherente aos outros, repugne descobrir complicações onde ellas não existem,

ou além das que a vida apresenta, dia a dia.

O certo é que aquillo me pareceu de uma crystalinidade inconturbavel. E' que as boas causas emprestam aos seus defensores um tal poder de seducção e uma fé tão communicativa, que a ninguem é dado fugir-lhes ao singular e prestigioso encanto. Sobre aquella duzia de rapazes congregados em sessões preparatorias da creação de um poderoso nucleo social, não pairavam dessas duvidas iniciaes que são para as mais bellas acções humanas como os fructos que nascem bichados para desencanto das melhores colheitas. Estava-se alli para organizar, definir, codificar, emfim, essa cousa apparentemente complexa, um pouco vaga, quasi intangivel: a profissão do homem de letras no Brasil. Era, por acaso, o nosso errante e dispersivo operariado intellectual que recorria ás vantagens duvidosas do syndicalismo contra as compressões

do capital, no caso representado tanto pela ganancia dos editores como pela falta de suffragio do publico? Não. Eram apenas homens de boa fé, que iam impôr a sua vontade, traçar a sua attitude, garantir o seu direito, reclamar a collocação que lhes é devida entre os demais expoentes de uma sociedade que se diz organizada. Todos estavam de antemão convencidos do exito da nobre tentativa, encarando a questão pelo seu prisma essencial. Firmavam-se, harmonicamente, os espiritos em considerações de ordem positiva. E o proprio sr. Bastos Tigre — lança galharda e triumphante do humorismo profissional, affeita ao trocadilho irreverente e á facecia demolidora, mesmo fóra das suas relações com as musas funambulescas — apresentou-se-nos armado de um plano espantosamente pratico.

Não haverá decerto, por mais acido ou sceptico que se seja, como pede a moda,

quem negue o seu louvor e estimulo á nova e promissora corporação. E' sabido que não ha nada de mais precario entre nós do que a condição de homem de letras. Homem de letras como funcção social, o que, em rigor, ainda aqui não existe. Elle é o intruso, o eterno desencantado, o trambolho permanente. E' um pária inassimilavel, num mundo de párias chegadiços. Astro desorbitado da sua rota, quando muito, para sua ephemera gloria, é o objecto de luxo que se exibe, como uma curiosidade triste, nos momentos de gala nacional. Assim é que o Brasil tambem possue uma Academia de Letras, para dar aos estranhos a illusão de uma cultura secular, como adorna com capacetes de couraceiros bismarkianos as figuras desengonçadas dos seus negros, suarentos, arquejantes, pingando sob a canicula, em dias de paradas, para manter em nós mesmos o amor das attitudes heroicas... A literatura é uma

das nossas mais curiosas excrescencias, como é certo que a lavoura clama no deserto contra a falta de braços!

Ninguem, aqui, nesta joven e faiscante civilização, dá á literatura o devido apreço. Por que? Creio não proferir uma heresia dizendo que, entre outras causas complexas, são os proprios literatos que desprestigiam a literatura entre nós. Quando todas as classes, até as mais humildes, os estivadores, os *chauffeurs*, os engraxates, se congregam para defender os seus direitos, o que é que fazem os nossos homens de letras? Aggridem-se, insultam-se, estraçalham-se, não só no terreno meramente profissional, mas tambem, e não raro, nos dominios defesos da honra privada. Quando todo o mundo trata de ganhar a sua vida honestamente, o que é que faz o nosso homem de letras ainda em projecto, que se póde comparar a um focosinho de infecção incipiente? Vae para as esquinas

ou para as portas das livrarias caruncho-sas exercitar-se no *sport* predilecto das per-fidias, que não raro acaba por embotar a intelligencia num vicio de achincalhe per-manente, estancando na alma toda a fonte de generosidade, toda a alegria da viver, quando não leva o pobre moço á alienação completa de virtudes primitivas, communs até entre certos irracionaes, como a leal-dade entre os cães. Tão grande chega a ser a falta de pudor em certas camadas li-terarias, que essa gente, pelos processos de alguns exemplares mais rebarbativos, dá ás vezes a impressão de ter vindo do fundo dos alcouces. Se esses cavalheiros se inju-riam publicamente, como é que o publico os póde tomar em consideração?

Um dos fins da Sociedade Brasileira de Homens de Letras é manter, com a hon-ra da classe, a dignidade da profissão. E' preciso, antes de tudo, educar essa gente. Fazel-a respeitar-se a si mesma, antes de

a impôr ao respeito dos outros. Aliás, essa falta de educação por assim dizer domestica da nossa republica literaria é resultante da dispersão que a enfraquece e amesquinha. Quasi todos os nossos homens de letras vivem isolados, num agastamento ingenuo, sempre na espectativa de ataques imaginarios, preparando armas para defesas esmagadoras. Ha uma desconfiança generalizada, filha da solidão moral em que vivem esses homens.

Para tornal-os fortes, dignos, superiores, capazes, uteis á communhão brasileira, cumpre reunil-os numa associação definitiva. Este centro servirá não só para defender direitos, como para unificar vontades, polir arestas, conter impaciencias, educar espiritos. Porque, como se sabe, muitas das lacunas da nossa vida literaria nascem da falta de uma associação de classe. O homem de letras no Rio de Janeiro não tem onde estar. E' uma ave sem pouso. Os

profissionaes da elegancia, quando, durante o verão, não se aborrecem prodigiosamente nas alamedas maravilhosas e solitarias de Petropolis, redobram, pelo inverno, de agilidade e finura, no arranjo dos *potins* dos chás de Botafogo. O politico governista sobe o morro da Graça. O funccionario publico tem a sua repartição. O *sportman* tem o seu club. O jogador tem o seu *cercle*. O remador tem a sua sociedade de resistencia. E senhoras ha que, por sua larga capacidade de acção, dispõem de zonas inteiras...

Só o homem de letras não tem aqui onde estar. E' um somnambulo. Antigamente, havia, para ponto de contacto da literatura esparsa e delirante, os cafés e as confeitarias. Mas uns e outras, de ha muito, deixaram de ser literarios. Por isso, uma associação de literatos impõe-se. Essa gente precisa ter um ponto de referencia na vida. E quando outros resultados não produza a

campanha intelligente e opportuna do sr. Oscar Lopes, só o facto de se tentar reunir numa corporação homogenea essa classe profundamente desorganizada, é já uma obra meritoria.

Rio, 1911-1915.

CARTA A UM VOLUNTARIO

Carta a um voluntario [1]

Meu dilecto amigo:

De Sevilha — a mais ardente e faiscante joia da Andaluzia, sob cujo esplendor e graça vim descançar um pouco de um rude inverno á beira-mar, sulcado de temporaes, nesse ponto da Peninsula onde as correntes do Mediterraneo, um momento comprimidas entre as Columnas de Hercules, se desafogam no Atlantico e se antepõem, galhardamente, ás rajadas asperas do Norte — envio-te estas linhas, descoloridas e ligeiras, escriptas no atropello de um quarto de hotel, entre a leitura das ulti-

(1) Dirigida ao Dr. Araujo Jorge.

mas proezas dos submarinos e uma visita aos thesouros d'arte da cidade, mas por onde quero que sintas bater, junto do teu, um coração limpo de maguas. Ellas te vão levar, com as minhas saudades, um pouco de alegria quasi nova, ou de ha muito não experimentada, ou que só raramente nos apparece, como um consolo, em terras de exilio. E a vibração desta alegria é tanto mais suave e transfiguradora, a ponto de surprehender-me com os olhos humedecidos, quanto é de ti mesmo que ella me vem e me illumina, serenamente, num clarão velado de confidencias, como uma grande rosa de sympathia que desabrocha em penumbra e silencio.

Esta manhã, emquanto, lá fóra, um longinquo, tremulo, quasi invisivel sol de inverno se espreguiçava, timidamente, pelas cupulas e torres e ruinas desta cidade ao mesmo tempo heroica e picara, entrou-me pelo quarto, inesperadamente, um retrato,

que logo povoou de sombras amaveis, de reminiscencias bemfazejas, a minha solidão de transplantado. Foi uma festa. Num instante revi terras da patria, trechos da nossa vida, imagens da nossa mocidade, fantasias do nosso espirito. E a par da recordação dec ousas familiares, da evocação de aspectos conhecidos — uma impressão inteiramente nova.

Eras tu que m'a davas, ou antes, era do teu retrato que me vinha essa impressão estranha, pois que me achava diante da effigie — não do companheiro de tantos annos, do intellectual infatigavel no estudo dos mais altos problemas humanos, do homem de pensamento, do estheta seduzido por todas as manifestações da Belleza — mas do voluntario de manobras, teso na sua farda, desempennado e attento ás fórmas inflexiveis da disciplina militar, com um garbo e uma bravura que se não suspeitaiam num descendente espiritual de Platão.

E tanto a tua forte personalidade de homem devotado ás idéas geraes se achava dalli afastada, que até o teu nome — um dos mais bellos nomes do Brasil joven e confiante — era substituido por um simples numero, o numero pelo qual respondes no teu batalhão e no teu regimento, e decerto bem mais apreciavel do que o anonymato, a irreverencia, o despotismo dos numeros de hoteis, seja aquelle que ás margens do Nilo zombava da incontestavel immortalidade de Théophile Gautier, seja este que se estampa agora sobre a obscuridade inconfunvel de um mortal teu amigo, errando, como uma sombra, entre os pomares do Guadalquivir...

Na surpreza do primeiro momento, confesso-te, acolhi apenas com o melhor dos meus sorrisos agradecidos, a tua lembrança tão cara. E isso decerto bastaria a nós ambos, infensos, por pudor intellectual, a exibição de sentimentos intimos, se essa

photographia não estivesse agora a dizer-me, na pureza das suas linhas varonis, que ha aqui não só uma nova, alviçareira concepção do patriotismo em nossa terra, como tambem, e talvez acima de tudo, um documento inedito dessa incansavel e sempre triumphante curiosidade que é a força motora da tua intelligencia. Duplo motivo de contentamento e de inspiração para quem, como eu, já um pouco fatigado das emoções que ora me offerecem as cousas bellas do Passado, recebe do seu paiz, com o primeiro sorriso de uma primavera que já tardava neste grande céo peninsular, a affirmação de uma energia nova para as conquistas do Futuro. Veio-me, assim, com a tua delicada offerta, o desejo de confabular comtigo a proposito dessa brilhante pagina com que o enthusiasmo civico dos moços acaba de illuminar os longes crepusculares da nossa historia...

Quando, ultimamente, quasi de subito,

a idéa de defesa militar invadiu o espirito disponivel dos moços brasileiros, houve certamente quem a recebesse com justificadas reservas, de tal modo nos habituámos ao mallogro dos movimentos improvisados e sempre descontinuados. Eu mesmo, que nada represento na opinião orientadora do meu paiz, tive para ella um dos meus mais sinceros e inoffensivos remoques, a tal ponto me deixára desilludido o recente fracasso das Linhas de Tiro, mutiladas, trahidas, desfeitas, desmoralizadas na voragem tragi-comica da politica regional. Um desanimo pardo e morno neutralizara as indoles mais combativas, e quando delle se sahia era para desfolhar em torno, num desabafo ingenuo, com luxos de attitudes academicas, as flores gentis de um scepticismo que estava longe de ser, numa civilização nascente, a expressão de uma alta duvida philosophica. Mas alguma cousa havia no ar, um anceio vago, um como

estremecimento da treva que quer ser alvorada: era, talvez, o espirito de uma geração nova, á procura de um idéal...

*

Desde os bancos escolares — velha e sonora instituição que o arrivismo contemporaneo vae tambem destruindo — sempre ouvi que se designava pelo radioso nome de Esperança da Patria, já nos discursos patrioticos, já nos artigos de fundo, a mocidade estudiosa. Flor de literatura e de civismo, desabrochando para a vida entre canções de amor e sonhos de liberdade, a generosa mocidade das escolas, com o seu culto da sciencia, com a sua paixão da justiça, era o symbolo gentil de uma patria sempre melhor, através dos annos e das gerações, a suavizar com promessas para futuro não remoto todos os males do presente. Era para ella que se appellava nas

horas de maior desfallecimento, e nunca esse appello, que antes parecia um legado, deixara de encontrar echo em seu ardente coração. Os moços, depositarios do futuro, ahi estavam, em ultimo recurso, como um penhor de sacrificio em prol da collectividade.

A mocidade, que já em Salamina se batera por um idéal de patria que encerrava ao mesmo tempo um idéal de belleza, era tambem a nossa grande esperança. Vimol-a, nos primeiros dias da formação da nossa nacionalidade, com o mesmo espirito de sacrificio, a mesma bravura moral e intellectual, o mesmo arrojo fulgurante, offerecer-se em holocausto á terra brutalizada pela conquista e estremecendo no desejo de affirmar-se como um novo espelho de civilização : a Inconfidencia Mineira, que ao senso pratico de agora poderá parecer brincadeira de máo gosto, traduzida por arcades lidos em Voltaire e Rousseau, é

uma das poucas bellas paginas da nossa historia, escripta com o sangue de moços. Vimol-a, mais tarde, inflammar-se com a guerra, na exaltação do seu e dos paizes alliados, quando um *pastiche* de Napoleão, que nunca, aliás, se cobrira com a menor das glorias do seu modelo, tentou expandir, para aquem e para além do pampa, os seus instinctos de caudilho. Depois, vimol-a ainda, resplandecente de gloria, na conquista do que se convencionou chamar os dois maiores triumphos da nossa existencia politico-social: a Abolição e a Republica. Nunca houve, emfim, nessas louvadas terras das palmeiras, manifestação de actividade, quer nos dominios superiores do pensamento puro, quer nos asperos embates da acção propriamente dita, que se não sentisse, através della, a affirmação victoriosa do valor da mocidade, a sua collaboração expontanea, o seu enthusiasmo romantico, a marca do seu heroismo.

E' que até aos derradeiros momentos da Monarchia existia entre os moços, pelo menos, uma cousa sem a qual não ha superioridade possivel: idéal. Sahia-se, geralmente, dos bancos universitarios para os jornaes de opposição. Ainda se temiam ou, ao menos, se respeitavam as investidas dos luctadores novos; o patriotismo ainda se não tornara tristemente ridiculo, como nos ultimos tempos. Agora o idéal é accommodação. Nas tendas de combate, se ainda realmente se peleja, é sob a bandeira esfarrapada de todos os partidos, para um fim unico: o successo individual, na sua feição mais grosseiramente transitoria. A vida offerece agora novos horizontes. Abriram-se, com pompa, avenidas perturbadoras; veio o automovel; veio o *foot-ball;* veio o conforto moderno; veio o gosto das viagens; veio a tyrannia da elegancia — e esse arremedo de cosmopolitismo desenvolto levou até ao fundo da alma dos moços as

primeiras picadas deliciosas das idéas de luxo e de sybaritismo, contaminando-a de todas as virtudes do veneno internacional, desde a philosophia de Nietzsche até ao vinho de Champagne. E para as ultimas gerações, sobretudo para a mais recente, nutrida pelo tango, atafulada pelo tango, glorificadora do tango, essa democracia de principes e banquetes, essa delicia da igualdade, essa pandega de arrivistas, matou os mais nobres estimulos, galvanizou todos os vicios, nivelou todas as consciencias, arrebatando-nos os sentidos para dentro de uma unica e vasta gamella, onde, ao cabo, se harmonizam os mais desencontrados appetites.

*

Eis que o tango, em falta de um idéal, occupa triumphalmente o espirito vasio da mocidade. Nunca me hei de esquecer de uma noite em que o tango me pareceu a

propria marcha anciosa para um idéal...
Eu estava, por mercê da sorte, num baile do Club dos Diarios. Tratava-se de uma festa official, com todas as inflexiveis marcações do protocollo, offerecida pelo Ministro do Japão á alta sociedade carioca, para commemorar a coroação, na cidade sagrada de Kioto, do Imperador Yoshihito: — e vel-a, sem aprofundar-lhe as bellezas mais visiveis, mas sem fugir dos seus mais fortes esplendores, não me parecia que fosse damno irreparavel para um temperamento de solitario. Quando um dever de cortezia não levasse a corresponder, com prazer e honra, á gentileza de um convite, só a espectativa de pousar os olhos sobre mulheres formosas e conversar com alguns homens intelligentes (mercê tão rara nesses barbaros tempos de offensivas allemãs) abrandaria o mais aspero e assiduo frequentador do Ecclesiastes. Depois, não se póde reflectir o universo, em toda a sua claridade e ruido,

sem sahir, uma vez por outra, do silencio e da penumbra da mais grata solidão...

Subi, pois, a escadaria branca do antigo Cassino Fluminense, levado mais pela esperança numa emoção delicada do que pelo desejo de divertir-me. Não que essa festa promettesse maravilhas ineditas: todas essas magnificas solennidades são desoladoramente parecidas umas com as outras. Accresce que estavamos na ultima grande festa da estação e, segundo Oscar Wilde, todas as phrases de espirito já tinham sido ditas. Mas, para uma pessoa de imaginação, basta ás vezes um pequeno nada para gerar um mundo de belleza: tudo depende de que se saiba surprehendel-o no momento sem par da sua revelação. De resto, o baile, em conjunto, estava simplesmente encantador. Uma suave, serena, adejante, luminosa maravilha. Tudo collaborava para a gloria dessa noite deslumbradora, para o maximo esplendor dessa obra prima de graça e de

elegancia — tudo: as luzes mais amaveis, as flores mais gentis, os sons mais embaladores, os nomes mais sonoros do nosso mundo, as joias mais louvadas, os decotes mais famosos; desde a casaca impassivelmente aguda do sr. Lauro Muller e a farda galhardamente faiscante do sr. Gastão da Cunha até á apparencia de desencanto do Principe de Belfort e á mocidade permanente do Embaixador americano. Nada faltou á gloria dessa noite — nem mesmo a maledicencia indigena.

Entretanto, esse baile, que a todos divertiu, a mim me fez pensar. Não te espantes. Não pretendo tomar aqui attitudes de sociologo. Sou um simples artista, que narra as suas impressões. Contemplativo por indole, por educação, por finalidade artistica ou philosophica, eu não saberia ir a um logar daquelles, tão rico de documentos humanos, senão para contemplar. Só assim conseguimos manter intacto, no meio de

tão irresistiveis solicitações da vaidade, do luxo, da phosphorescencia social ou da gloria mundana, o sentimento da personalidade. Nós, os artistas, já o affirmou Anatole France, nunca sahimos de nós mesmos. E', talvez, uma das nossas maiores fraquezas. Mas de objectivo só existe o nosso espirito.

Contemplei — e vi, claramente visto, que o tango, o acclamado tango das platéas cosmopolitas, era o idéal supremo da nossa mais esperançosa mocidade. Quando digo mocidade, abranjo, nesta braçada de rosas em desabrocho, os dois sexos. Verdade é que no baile do Ministro do Japão não se dançou propriamente o tango, o authentico, o argentino. Mas por esta prestigiosa creação transatlantica se entendem hoje todas as danças da moda, do *one step* ao *maxixe*, do suggestivo *cake walk* á languida *furlana*. Um passo de mais, um passo de menos, um requebro mais dengoso, uma

quéda mais violenta, tudo, no fundo, é tango, exportado ou importado, á sombra das bananeiras, ou nas paragens nostalgicas do pampa, ou nos salões das condessinhas de romances do Boulevard.

E naquella festa official, de tanto apparato protocollar, de tantas fardas reluzentes e tantas condecorações immarcessiveis — e onde não constava que se achasse, a distribuir piparotes, o diabolico sr. Abel Hermant — o tango figurou dominadoramente, nas mais queridas das suas modalidades, do desgraciosissimo *two step* ao *maxixe* estylizado. E com que sobranceiria, com que triumphal petulancia, com que magnifica insolencia o grande magico se exibia! Pobres almas antiquadas! Onde a «quadrilha» ancestral, lembrando amores varonis de tempos idos? Onde o «lanceiro» cavalleiresco, evocando justas de pagens, sob a larga protecção dos castellos? Onde o suave, fino, donairoso minuete,

com os seus ademanes, e as suas curvaturas, e os seus enleios, tão leve, tão diaphano, tão subtil como as figuras de Watteau, e tão symetrico, tão harmonico, tão justo como a perfeição dos jardins de Le Notre? Onde a graça das maneiras antigas, em que o proprio peccado não excluia o pudor?

Oh! o tango é uma calamidade, das muitas que o americanismo introduziu na sociedade moderna. Dança monotona, sem relevo, sem um legitimo surto d'arte, ás vezes plangente, outras vezes pernostica, esse ditoso arrivista choreographico se caracteriza apenas por um sensualismo sem peias, proprio do tropico e da selva americana, e que a Europa, ávida de sensações novas, levianamente estylizou, num momento faceto da sua historia. A sua celebridade era, ao mesmo tempo, venturosa e alarmante. Dos *cabarets* de Montmartre aos salões da mais orgulhosa aristocracia romana, o tango

imperou gloriosamente. Verdade é que, emquanto esse glorioso dominio se dilatava através de palacios e de alcouces, os espiões allemães se insinuavam por toda a parte, alastrando na sombra os seus tentaculos de ferro; e, para além do Rheno, as usinas de Krupp forjavam, tranquillamente, para o proximo assalto, os mais aperfeiçoados engenhos de destruição. De modo que um bello dia, unico na historia dos crimes collectivos, muita gente foi obrigada a abandonar a casaca, no melhor da festa, e marchar, ainda um pouco estremunhada, para a fronteira, afim de deter a onda devastadora que se approximava, rugindo e vociferando...

Já houve quem dissesse que o tango foi a vespera da epopéa. A Europa, de tanto bailar, dava a impressão de haver perdido a cabeça. Vivia-se numa sarabanda interminavel. E a guerra veio, sem duvida, para restituir o juizo aos homens e retemperar-

lhes o heroismo. Foi o resgate de tanta loucura. Então, o tango, expulso dos salões parisienses, remigrou ás plagas nativas, um pouco desconfiado a principio, mas logo depois com a sua brilhante e prospera carreira perfeitamente reencetada. E, como se achassem inteiramente disponiveis, sem uma occupação séria para o espirito, nem exercicio mais austero para os musculos, entraram a bailar vertiginosamente os mocinhos que nos hão de governar amanhã e as mocinhas de quem licitamente se esperam novos estadistas para o futuro.

*

Recordo este episodio, meu amigo, por me parecer caracteristico do momento a que me reporto. A crise de idéal chegára entre nós ao seu periodo mais agudo. Era para entristecer cada vez mais o espectaculo da vulgaridade no Brasil. Um *relismo*

crescente, fructo das democracias apressadas, invadira os mais inaccessiveis recantos da nossa vida, já, de origem, tão falha de belleza interior, e, agora, tão pobre de aspectos educadores da sensibilidade, que da contemplação da propria natureza nos não ficava nem aquella ingenua exaltação lyrica, derramada nos poemas da nossa adolescencia romantica. Todos bracejavamos no vacuo, ditosamente. Para onde iamos? Qual o destino dessa sociedade composta de varios improvisos? Não se sabia. Cultura intellectual; cultura moral; as excellencias do gosto; as delicadezas do pudor; o respeito da consciencia alheia; a confiança no esforço proprio; o sentimento da unidade politica e da disciplina social; a fé no futuro da nacionalidade e no aperfeiçoamento da especie humana — de tudo isso, através da nossa venturosa barafunda, parece que só nos ficára, como idéal de civilização, o desejo dos bens materiaes, a

allucinação dos sentidos mais grosseiros, o delirio das fórmas primitivas e vãs.

Não estou exaggerando o quadro inquietador, que revejo agora esbatido pela distancia, nessa luz crepuscular da saudade em que os angulos mais desiguaes adquirem, aos olhos do espirito, o mesmo e suave contorno. Tu sabes muito bem, meu amigo, que, se por um lado, nunca a sêde de ineditismo me levou a commetter uma injustiça, tampouco iria eu agora compôr um hymno para teu uso, numa especie de *faiblesse* patriotica. Se no curso desta singela e intima palestra me vires alguma vez desgarrar da verdade, nem por isso deixes de acreditar que o fiz pensando cumprir um dever — qual o de ser sempre sincero para comtigo, depois de o ter sido para commigo mesmo. De resto, não tenho outra ambição mais do que recapitular, com rythmo e alguma logica, certas verdades já muito conhecidas.

*

Foi assim que, nesse grande deserto de idéal, nesse alegre e descuidado mundo de bailarinos, cahiu, como chuva de Deus, uma palavra inspirada. Era o appello da nação, pela voz do seu maior poeta, ás novas gerações amamentadas pelo tango, no sentido de se congregarem em torno do idéal da Defesa Nacional, na hora sobre todas decisiva da civilização contra a barbaria. Tinha-se revelado, finalmente, o milagre de Damasco, num clarão que nos havia de guiar o espirito para destinos mais bellos. Logo energias esparsas, até então estereis, desaproveitadas, agruparam-se á sombra da nova bandeira nacionalista, num movimento isochrono, racional e opportuno. Nunca a affirmação de uma vontade nacional foi entre nós mais completa.

Porque não creio que o idéal nacionalista, hoje felizmente implantado ou revigo-

rado no Brasil, seja o producto da audacia desoccupada dos que, sob a liberalidade incommensuravel das nossas leis, se propõem, de tempos a tempos, a explorar o espirito facil da multidão, acenando-lhe com a urgencia de certas reformas puramente de palavras, como as que M. Bergeret chamou um dia, sem azedume, «mudar apenas o nome ás necessidades publicas». Essa especie de vago messianismo literario ou tribunicio, que póde levar ao fanatismo mais grosseiro um povo imaginoso ou supersticioso como o nosso; esse patriotismo que se inspira e alimenta na adoração de symbolos mysteriosos e farfalhantes, mais parece uma occupação, uma carreira, uma profissão, do que o verdadeiro sentimento nacional, limpido, incorruptivel, immanente, que não corteja a popularidade, e trabalha sem ruido, e fructifica na paz, e sublima-se na guerra, e perdura pelo exemplo, pela energia serena, pelo esforço ra-

cional, pela acção consciente e jámais descontinuada. O genuino patriotismo nunca foi privilegio desta ou daquella classe: ou existe naturalmente, e produz a porção de força indispensavel á felicidade e á gloria de uma nação, ou existe artificialmente, e só assim se comprehende que elle empreste toda a sua apparencia de vigor ao exclusivismo de uma seita ou de uma profissão.

O movimento nacionalista que ora se expande em nossa terra é, porém, o mais logico e opportuno: logico, porque os seus factores intellectuaes são os mesmos que em iguaes emergencias sociaes têm produzido phenomenos identicos neste logico universo; e opportuno, porque já tardava que o paiz despertasse da risonha ataraxia em que o tinham lançado, amollentando-o e achatando-o, algumas conquistas meramente materiaes do seu ultimo esforço e da vontade de affirmar-se, entre os mais for-

tes, como entidade internacional de primeira grandeza. As suas origens intellectuaes são as mais puras e obedecem a uma ordem natural até ao momento da sua brilhante eclosão: essa feliz idéa teve a sua semente fecunda, foi flôr maravilhosa, e agora é fructo sazonado. Um philosopho semeou-a com a bondade da sua sabedoria; um poeta orvalhou-a com a doçura do seu verbo; um jurista colheu-a e preside ao seu triumpho e regula a sua vida com a serenidade da lei.

Ha, realmente, em torno dessa idéa, além de outros que asseguram o seu exito, tres nomes inseparaveis: Alberto Torres, Olavo Bilac e Pedro Lessa. São as tres columnas espirituaes do novo edificio nacionalista. O primeiro, no recolhimento do seu gabinete, estudou as causas da dissolução que se avolumava impressionadoramente e, pelo livro, pelo jornal, abriu o novo horizonte ao espirito cambaleante dos seus

contemporaneos, com a força das convicções crystalizadas e essa antecipada resignação de quem cumpre um dever de sacrificio, sem esperar recompensa. O segundo, com o seu instincto divinatorio de poeta, sentindo approximar-se o momento agudo da eclosão, foi o labaro de fogo que inflammou as almas inquietas e produziu na terra devastada por um vento de descrença o milagre do pão dos espiritos multiplicando-se com o ouro das searas. O terceiro é o senso juridico da nação que chega, na hora exacta, para presidir os trabalhos da colheita. A acção do governo, nesse caso, é apenas uma sancção material a uma lei de selecção puramente intellectual. A historia deste periodo da nossa vida registrará, com legitimo orgulho, que nunca a affirmação de uma vontade nacional foi no Brasil mais perfeita.

*

Como factor externo, é indiscutivel que a guerra européa influiu poderosamente na corporificação dessa idéa reparadora. Estupefactos, a principio, ao rebentar o grande e estupido conflicto, exaltámo-nos, em seguida, com um sentimentalismo bem intencionado, é verdade, mas tumultuario e innocuo, o qual se traduziu na creação de varias ligas ou partidos, que passaram a distribuir, rasgadamente, o apoio da sua sympathia generosa pelos dois grupos de belligerantes — sem se aperceberem, na explosão do seu enthusiasmo, de que nesta guerra, se ha nações cujo papel reveste a maior belleza moral e encerra a mais commovedora lição de patriotismo, o que desgraçadamente a explica até agora é o choque de duas poderosas correntes economicas, cujo resultado talvez não compense tanto sacrificio. Depois, mais avisados, vimos

que uma das consequencias immediatas, palpaveis, tangiveis, da innominavel conflagração, foi despertar ou fortalecer entre os povos mais fracos o sentimento nacional, que andava a dispersar-se em banquetes fraternaes, em elasticidades diplomaticas, em mentiras socialistas. Sobretudo, ficámos conhecendo melhor o valor de certos tratados pacifistas, e que na hora do perigo — que permittam os deuses ou os demiurgos nunca nos sôe — é de nós mesmos que temos de extrahir todos os elementos de defesa.

Se desta guerra vae surgir um direito novo, reconstruindo a sociedade internacional sobre bases mais estaveis, como annunciam os mais adiantados sociologos, com o sr. Gustave Le Bon á frente, nem por isso imaginem os pacifistas que o concurso da força organizada não se torne sempre e cada vez mais necessario ao reconhecimento e efficacia desse direito. Ain-

da outro dia, discursando no Instituto em nome da Academia Franceza, dizia o sr. Paul Deschanel que a França, sempre generosa, esquece facilmente que tem um inimigo historico, que já a invadiu mais de vinte vezes, sendo cinco vezes desde a Revolução. «Não nos illudamos, exclamava o grande parlamentar; sobretudo, não levemos a nossa boa fé ao ponto de esquecer novamente que Paris fica perto da fronteira.» O illustre academico poderia ter accrescentado que o milagre do Marne e a epopéa de Verdun quasi nunca se reproduzem na historia de um povo.

A verdade é que uma nação desarmada é sempre uma presa appetecida. Se ha na Europa um paiz que, por um conjunto de circumstancias bem conhecidas, necessita ser e é realmente pacifista, esse paiz é a Suissa. No emtanto, em cada subdito suisso, commerciante, industrial, funccionario, no operario da cidade como no lavrador do

campo, subsiste o soldado perfeitamente instruido no serviço militar e prompto ao primeiro appello da nação. Isto — o que é essencial — sem que na Suissa exista ou predomine uma casta militar. Por que foi que o Brasil logrou sahir da Conferencia de Hayà classificado entre as potencias de segunda ordem, elle que até então não passára, aos olhos das grandes nações da Europa e mesmo aos dos Estados Unidos, de uma vasta e inexplorada expressão geographica ou de uma simples zona de influencia commercial? Não seria aventuroso responder: porque por traz do verbo rutilante e victorioso do sr. Ruy Barbosa havia a clara ameaça ou o compromisso implicito de reorganizar o nosso exercito e dotar a nossa esquadra de novas unidades mais poderosas...

*

Temos crescido e prosperado na paz, e na paz, sem invejas ou ciumes, temos desejado que os outros cresçam e prosperem. Na historia das nossas relações internacionaes, que se caracterizam pelo mais franco respeito ao direito alheio e uma tradicional firmeza á fé jurada, se não ha, perennemente, triumphos retumbantes, tampouco se descobre um deslize que nos faça corar. Leaes e generosos, mesmo quando sombras presagas ameaçaram ou conspurcaram momentaneamente a nossa integridade nacional, nunca essa conducta desmereceu o conceito que nos colloca, sem favor, num plano de excepção no continente. Assim temos vivido; assim queremos, naturalmente, continuar a viver — levando muitas vezes, como se tem visto, o nosso desprendimento ao ponto de esconder as proprias para exaltar as virtudes alheias, o

que, em summa, é um signal de superioridade, ainda que nem sempre bem comprehendida.

Mas, se, pelas lições dolorosas do presente, vemos que a autoridade moral resultante da nossa conducta é insufficiente para nos assegurar, ininterruptamente, o gozo de todos os direitos inherentes a um povo livre, então procuremos consolidar essa conducta, invariavel na essencia, com a organização de uma defesa mais tangivel e efficiente. Longe sempre de nós velleidades imperialistas, que nunca tivemos; não nos esqueçamos, porém, de que a identidade de sentimentos entre os homens ou entre os povos não é lei commum em psychologia.

Não se podem calcular as consequencias do drama infernal que ora convulsiona o Velho Mundo e ameaça alastrar-se pelo Novo Continente, se se considera que, hoje, mais do que nunca, mais do que quando

os mesmos principios eternos levaram as legiões de Roma ao exterminio de Carthago, são as leis economicas que regem as sociedades. O que, porém, ninguem deve esquecer, pela experiencia de leis historicas infalliveis, é que, neste desgraçado transe do mundo civilizado, todos os sacrificios nos são indispensaveis no sentido da affirmação definitiva da nossa individualidade, como povo soberano e de graves responsabilidades no futuro.

*

Assim, o movimento nacionalista, a idéa de defesa nacional merece o apoio constante e efficaz de todos os brasileiros sinceros e conscientes. O primeiro e mais bello resultado dessa campanha foi, sem duvida, a adhesão expontanea da mocidade, alistando-se, em massa, no serviço das armas. Sei que houve quem visse nessa attitude dos moços uma imposição apenas

da necessidade de *sports* novos ou de prazeres quasi mundanos, desde que a guerra européa, modificando profundamente certos habitos de vida, desviou de Paris para seus proprios lares a corrente dos gozadores estrangeiros, que ficaram, em grande parte, sem occupação, muitos por já haverem perdido ou nunca terem adquirido o habito do trabalho.

Não importa. Porventura, não foi com uma juventude de *sportsmen*, não foi com uma aristocracia de gozadores que Kitchener improvizou um exercito de milhões de homens perfeitamente apparelhado para resistir ao colosso germanico? Accresce que a incorporação da nossa mocidade culta ao serviço militar tira ao exercito brasileiro, tão acabrunhado nos ultimos tempos, o seu caracter antipathico de tropa exclusivamente mercenaria. E' uma irrigação salutar. E' a mais forte e ao mesmo tempo elegante replica de patriotismo numa

sociedade mesclada de interesses antagonicos e menosprezada por toda a sorte de exploradores. O unico temor que ás vezes me entristece, quando de longe observo uma nova etapa vencida por esse bello movimento, é que, pela nossa proverbial falta de continuidade, elle vá cahir, derreado pelo esforço, arquejante e ridiculo, na primeira encruzilhada...

Como sabes, meu amigo, não tive a fortuna de assistir, materialmente, á colheita dos primeiros fructos dessa campanha, representados pelos voluntarios de manobras. Apenas tenho-me contentado com os echos amortecidos pela distancia e as vagas imagens escapadas á barafunda dos correios belligerantes — que della me chegam no estrangeiro. Mas, se de um documento irrecusavel eu carecesse para constatar a pureza e a pujança desse movimento, bastar-me-ia o teu retrato, que vem de encher de sombras amaveis, de reminiscencias

bemfazejas, a minha solidão de transplantado. Quando uma idéa tem o poder de interessar a homens da tua estatura moral e intellectual, é porque possue todos os requisitos de cousa séria. Quando um paiz tem ao serviço da sua defesa uma intelligencia como a tua e um braço como o teu, é porque nesse paiz existe uma opinião vencedora, uma vontade orientada para melhores destinos.

Sei que és racionalmente patriota e que ao teu patriotismo consciente nem mesmo falta a experiencia do contacto com a terra estrangeira, para crystalizal-o. Mas, antes de tudo, és um intellectual, um homem habituado ao trato das idéas serenas e das bellas imagens, um typo de idéalização e de sensibilidade acima do seu meio; e só uma manifestação muito elevada da nossa cultura civica, do nosso amor á terra natal, da nossa capacidade de pensamento e de acção, do nosso desejo de gloria; só um

largo e fecundo sôpro de idéalismo seria capaz de attrahir e conquistar individualidades como a tua, e, numa transmutação de valores, revestir, apparelhar com instrumentos bellicosos um descendente espiritual de Platão.

*

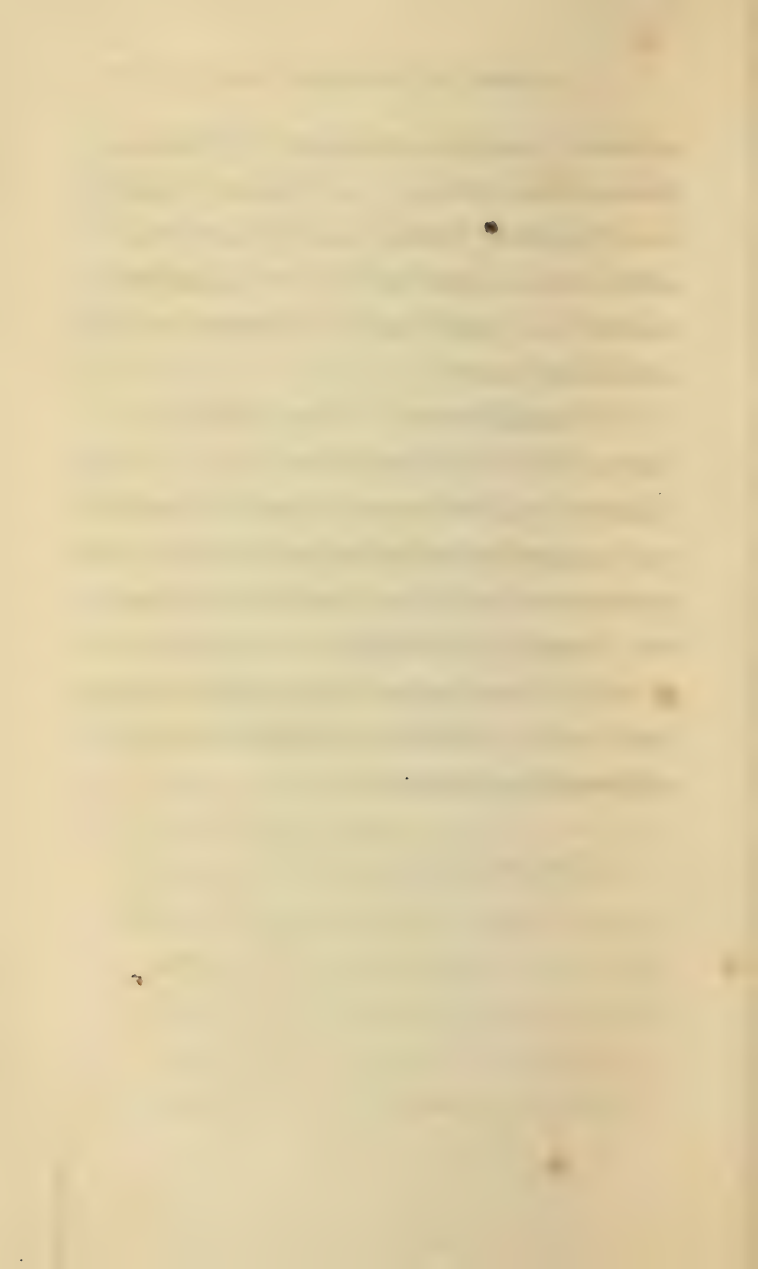
Meu dilecto amigo: neste ponto da minha singela e intima palestra, ouço, num estremecimento de alegria, um som festivo que passa lá fóra, enchendo de calor e bulicio a velha praça de S. Fernando, um dos nomes tutelares da velha Hespanha. Através de *los cristales de mi cierro,* neste hotel que seria caracteristicamente sevilhano se não fossem os criados, silenciosos e de casaca, contemplo: é uma banda militar que marcha, ovante, á frente do seu garboso batalhão. A musica, cheia de esplendor e de bravura, é um desses *pasodobles* electrisantes, de que parece ter ficado

o segredo nas terras alegres da Andaluzia. Vibram, esplendem, tumultuam, nessas notas indescriptiveis, toda a alma e toda a gloria de uma raça cavalheiresca : o mesmo espirito aberto ás aventuras, a mesma paixão das conquistas perigosas, o mesmo arranque irreprimivel para o idéal, a philaucia de Sancho, o heroismo de Quixote, a febre das cavalgadas ao luar, torres altas velando a honra dos castellos, e a luz cantando nas alturas, e o sangue jorrando nas arenas, e as espadas cruzando-se nos pateos, emquanto bustos de incomparavel formosura, envoltos em longas mantilhas de rendas, assomam, radiosamente, no alto dos balcões floridos...

A cidade está em festa, celebrando a presença do Rei Affonso XIII, alma rythmica de *sportman* britannico num corpo fragil da Iberia. Sua Majestade vae a uma caçada de inverno, por esses claros valles e amenos bosques que o Guadalquivir povoa de

lendas e veados, emquanto o Conde de Romanones, ironico e a sobraçar a pasta dos Negocios Publicos, aproveita esta ligeira tregua para um pouco de *pescáo* e *manzanilla,* num *ratito de broma con los periodistas locales*...

Triumphalmente, o ar continúa fremente de sons evocativos... E é no encanto da gloria marcial que essa musica me suggere, e tendo diante de mim, como a animar-se ao toque desse enthusiasmo, a tua imagem de irmão e de paladino, que te envio, num pensamento saudoso, uma palavra de profundo agradecimento e de admiração acclamadora.

Sevilha, 1917.

RUY BARBOSA

Ruy Barbosa

Na vespera da minha partida do Brasil, quando, através de espirito e coração que muito amaram e soffreram, eu sentia, num mudo e quasi supersticioso espanto, um como desarraigar de idéas, imagens e affeições, foi da alma sem par de Ruy Barbosa que recebi, num clarão que havia de acompanhar-me na jornada para o desconhecido, a palavra de maior alento. Era a ultima grande impressão que eu recolhia, alvoroçadamente, ao deixar, pela vez primeira, terras da patria. Nunca os fados caprichosos me pareceram mais amaveis, nem mais opportunos, trazendo-me, á hora cre-

puscular da despedida, o testemunho da sua esquiva solicitude e dos seus incertos favores. Naquelle momento de tristeza e de alegria, de agri-doce exacerbação sentimental, em que aos raios triumphaes de uma nova esperança logo succedia, velando-os, amortecendo-os, a sombra de uma grande saudade, approuve ao meu obscuro destino essa offerenda inesperada.

Era, de resto, uma simples gentileza, commum no trato quotidiano da existencia, mas que para mim representava, pela sua alta procedencia e pelas circumstancias excepcionaes em que se produzia, um dom inestimavel, um perenne padrão de ensinamento e de belleza. A's minhas mãos chegava, no alvoroço e confusão da despedida, a dadiva mais bella, a prenda mais appetecida, uma das expressões mais emocionantes da munificencia intellectual de Ruy Barbosa. Deus louvado! Já me não sentia tão só, tão desajudado, tão abandonado á

propria solidão, agora que a minha sensibilidade ia soffrer o contacto de multidões desconhecidas. E quando, horas depois, já sobre as aguas inquietas, já sob as confidencias intraduziveis das brisas do alto mar, nesse intimo alvorecer de liberdade e de temor que nos suggere a visão das immensidades, ao rythmo melancolico das ondas; quando, já com lagrimas silenciosas no coração, eu via esbater-se, na curva longinqua do horizonte, o perfil das montanhas familiares, como um turbilhão que se afastasse, levando, no seu arranque para o infinito, as ultimas raizes da saudade e as mais caras promessas da esperança — foi a lembrança dessa offerta generosa que me fez ver ou sentir como elevar-se acima dessas montanhas amadas, e sobre ellas pairar divinamente, e communicar-me um pouco da sua força e da sua graça, a imagem da nossa terra, o genio do nosso povo, a protecção dos nossos lares, o guia dos

nossos destinos, a defesa da nossa consciencia, a nossa razão moral de ser — no espirito tutelar de Ruy Barbosa!

Impressão para sempre viva, para sempre consoladora! E esse milagre de belleza, essa evocação de gloria immaterial que se offerecia, em triumpho, aos meus olhos ennevoados pela dôr e avidos de espectaculos estranhos, não era um capricho da fantasia, uma dessas suggestões do silencio e do isolamento, na intimidade de uma pagina de genio, longe, nas solidões creadoras, entre a musica das aguas e dos ventos, sob as rosas desmaiadas do crepusculo, na amplidão. Era, ao contrario, uma realidade bem palpitante ou, pelo menos, a idéalização de uma realidade bem sentida e bem tangivel, que um estado d'alma singular visionava sob a fórma de uma suave transfiguração.

Certo, essa pagina de genio, que me acompanhava agora ao exilio voluntario e

me suggeria todas as idéas da verdade e da belleza, erecta e majestosa como a columna de um templo, já muito a conhecia, já religiosamente lhe penetrara todos os segredos, e enternecidamente vibrara com a sua apotheose, quando o principe da prosa franceza, Anatole France, que a inspirara, dissera, maravilhado, que a «guardaria para sua eterna honra e sua eterna gloria». Este grito de consciencia do «mais amavel dos scepticos», que nunca decerto suspeitou encontrar na America do Sul, entre a abundancia dos trigaes argentinos ou á sombra dos nossos cafezaes, quem lhe traçasse, tão indelevelmente, o difficil retrato psychologico, resoava tambem agora aos meus ouvidos com uma sonoridade de crystaes ao vento.

Mas a posse da pagina maravilhosa tinha para mim naquelle momento um encanto novo. Era bem simples, como acção de uma poderosa intelligencia aberta á ge-

nerosidade, mas para mim resumia um mundo. E no enlevo espiritual que della me vinha — e tambem recordando a lição ou o appello que nella se dirige ao suave nihilismo philosophico do mestre do *Jardim de Epicuro*, para que a nossa cultura desperte no estrangeiro um echo de mais consciente sympathia — foi para este homem excepcional do nosso tempo, verbo da maior esperança numa terra de melhor futuro, que se elevou o meu pobre pensamento, na hora da separação; e foi o seu nome que vi resplandecer, acima de todas as contingencias, num surto solitario, como um symbolo estellar, sobre os cimos azulados, já distantes, já vagos, já espiritualizados, das nossas montanhas tutelares.

Assim, sob uma impressão de grande belleza, que me exaltava, deixei o meu paiz. Novas terras andei; antigos lares visitei, alviçareiramente, numa especie de reintegração moral com o ambiente de vagos an-

tepassados; e de peregrinação em peregrinação, ora deslizando, como uma sombra, através de monumentos seculares, de arcarias em ruinas, de bibliothecas e museus — fundações do heroismo, heroismos da fé, conquistas da paixão aventureira, perpetuando raças, crenças, leis, costumes, civilizações desapparecidas; ora desalterando a minha sêde pantheista em meio de vinhas e olivaes, de collinas arcadicas e searas bemfeitoras, todo o meu ser disseminado por esses campos de Theocrito onde, como disse Sylvio Romero, a lavoura é uma jardinagem — deixei, emfim, que se applacasse, com o pó das primeiras jornadas, o tumulto de impressões que povoavam de imagens novas a minha solidão de transplantado. E quando, numa pausa suspirada, a minha existencia errante pareceu accommodar-se em um rincão da Peninsula, sob as acacias em flor, com um balcão sobre o mar, a que um alamo estende a sua graça

e vela com a sua sombra, foi ainda do Brasil que me veio, pela voz de Ruy Barbosa, uma impressão formidavel. Era a ardente, fulminante, esmagadora repercussão da sua conferencia na Faculdade de Direito de Buenos Aires.

*

Não devo pedir que me perdoeis o tom pessoal destas linhas. Ellas não têm, absolutamente, o mais remoto intuito critico : tentam apenas esboçar a impressão produzida num temperamento sensivel pela maior força intellectual, em acção, da nossa raça. Para louvar este homem, todas as expansões do sentimento individual ou collectivo são justificaveis. Tão cheio me sinto agora delle, é de tal modo impetuosa a torrente que ao influxo da sua palavra me brota do coração, que louval-o é para mim mais do que um dever moral, uma solicitação da intelligencia : é quasi uma necessi-

dade organica. Mais do que louval-o: acclamal-o. E na acclamação naufraga, como sabeis, toda ordem, todo commedimento, a serenidade da logica, o senso das proporções. Imaginae um rio que transborda: adeus, transparencia de aguas, doçura de margens, campinas socegadas, sitios de repouso, cuidados de meditação! E' o desvairamento. E' a inundação. Nem mais o azul dos céos, nem graça ondulante de nuvens forasteiras, nem passaros noivando em ramos balouçados pelo vento, nem sombras de casaes adormecidos se reflectirão no torvelinho ameaçador. Foi-se a clara poesia do valle, e o que resta é um clamor abafado de desordem...

Pois, neste tumulto de forças desencadeadas — pela colera purificadora, na natureza, pelo enthusiasmo fecundo, no coração — é que me sinto neste momento. E este me parece até o mais veridico estado psychico ou emocional de quem se colloque

em attitude admirativa diante deste verbo de Deus entre os homens. Não cabem aqui raciocinios frios, percuciencias de analyse, minucias criticas, deducções de letrados, vaidades de academias. Quem póde jámais raciocinar, senão pelo coração, em face do oceano, tão logico, aliás, na sua grandeza e movimento? Quem subiu jámais a uma montanha sem sentir, no seu sangue rejuvenescido, estremecimentos divinos? Oh! contemplemos o oceano, sem determinar o sabor e o curso das suas aguas geradoras e tragadoras de mundos, e subamos á montanha, sem fixar-lhe a altitude, mas para respirar com desafogo. Quer de um, quer de outra, os horizontes que se dilatam aos nossos olhos são sempre mais puros e mais illimitados. E, quanto mais illimitados, mais proxima se sentirá a creatura do seu creador.

*

Vêde este grande homem : a sua vida é uma triplice prophecia realizada. Prophecia na Sciencia — revelando, predizendo, doutrinando, refazendo, aperfeiçoando, refundindo, particularizando, generalizando, prodigalizando, incessantemente, irresistivelmente, a maior somma de conhecimentos na mais ardua das sciencias, por ser a mais complexa, a do governo das sociedades humanas. Prophecia na Arte — fazendo da palavra o instrumento de todas as perfeições. Prophecia na Acção — realizando o maior esforço que jámais se viu em terra de clima rico, sem tenacidade, amando os improvisos, marcada de fatalismos historicos, de contingencias atavicas, com arranques magnificos e cansando, quasi sempre, na primeira encruzilhada. Uma existencia inteira transformada num apostolado — evangelho vivo da Verdade, da

Belleza e da Bondade: da verdade, pelo combate a todos os erros, a todas as mystificações, á duvida como á ignorancia, á preguiça como á incompetencia; da belleza, pela crystalização das mais puras, das mais perfeitas, das mais soberanas fórmas da eloquencia; e da bondade, pela defesa e redempção de todos os apprimidos, de todos os soffredores, de todos os vencidos da tyrannia dos homens ou das cousas, pela intangibilidade da liberdade dentro do direito, *sub lege libertas.*

Chega a parecer inverosimil o que representa a obra deste homem em nossa época vertiginosa e, sobretudo, em nosso meio inconsistente. E' de vel-o em toda a extensão da sua campanha de assombros: cincoenta annos de actividade em prol do mais puro liberalismo. Dentro do seu paiz — na Monarchia, oppondo aos preconceitos de um tradicionalismo incompativel com a indole americana os mais adianta-

dos principios das democracias modernas; na Abolição, batalhando por extirpar o cancro da escravatura, não enroupado de tropos mirabolantes, mas armado, de alto a baixo, com argumentos juridicos; e na Republica, que é a cupula da sua obra monumental de cidadão e patriota, velando pela honra do templo, pugnando, quasi fanaticamente, pela consolidação do regimen dentro da ordem civil. E fóra do seu paiz, nas assembléas internacionaes, a mesma combatividade, o mesmo ensinamento, a mesma tenacidade, antecipando-se aos mais fortes, corrigindo os mais arrogantes, nivelando as tendencias mais oppostas, simultaneamente precursor de doutrinas e codificador de leis universaes — que, se uma colligação de demonios deturpou na sua applicação, tiveram, por isso mesmo, a força necessaria para levantar em sua defesa todas as consciencias constituidas no culto da justiça e no amor da liberdade.

Tão extensa, tão complexa é a obra deste homem, tantas faces apresenta este diamante sem preço, que, num meio de apathicos e de palradores, e na impossibilidade de negar a sua evidencia, se tem procurado descobrir-lhe algumas sombras. Como seria possivel, neste nosso mundo contingente, uma acção individual tão intensa e continuada, sem certas transigencias? Era inevitavel o reparo, nascido, aliás, da propria admiração, num momento de rara sinceridade. Aqui, o remoque é um louvor em fórma de paradoxo, como, no conceito dos antigos, e caricatura era uma homenagem que a fealdade rendia á belleza. Houve um critico, homem de letras classicas e modernas, que, depois de idas e vindas, de parallelos e confrontos, concluiu por chamar a Ruy Barbosa o «praxista da incoherencia». O epitheto fez época, e estimulou outros criticos menores.

Como se a coherencia, a estreita, a

consuetudinaria, a caseira, fosse apanagio dos grandes semeadores de idéas, dos privilegiados fecundadores de espiritos. Incoherencia é predestinação; é talvez mesmo, em certos casos, presciencia. Della nasceu todo um systema philosophico. O determinismo de Hamon resume-se nesta phrase: «aquelle que se mostra coherente nos seus actos é incoherente comsigo mesmo». Todos os verdadeiros evangelizadores são apparentemente incoherentes. Christo, no seu radicalismo divino, é apparentemente incoherente quando aconselha a «dar a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus»; e, como já foi notado, mais incoherente se nos revela, ainda que de uma incoherencia docemente ironica, quando colloca os pobres de espirito no reino do céo — suprema felicidade com que elles decerto não contavam, quando viviam neste mundo, sem collocação, mendigando sitio mais modesto...

*

Ruy Barbosa está muito acima das nossas vaidades literarias. Para melhor comprehendel-o, é necessario não discutil-o. E' daquelles grandes homens cuja grandeza dispensa todo exame. Basta nomeal-o — e o seu nome nos evoca, nitidamente, a mais completa expressão da grandeza humana. A mim, particularmente, como um vago artista amigo de imagens, o que nelle mais me espanta ou commove, é a attitude.

Occorre-me agora repetir, com permissão dos mais sabedores, que o Brasil é um paiz pobre de attitudes. O genio da nossa raça, repontando frouxamente da fusão de raças incongeneres, ainda desconhece, ou conhece imperfeitamente, as vantagens decisivas da linha vertical. E', a muitos respeitos, um corcovado precoce. E um paiz precisa ter historia; e na

na historia o que destaca e impressiona e ensina e assegura a continuidade historica de um povo, são as bellas attitudes, tanto as da belleza heroica como as da belleza moral.

Porventura, durante a campanha civilista, esta gente inculta, esta grande massa incolor, bisonha, incaracteristica, que conduziu Ruy Barbosa em apotheose, fel-o conscientemente, porque comprehendesse nitidamente o alcance do seu papel de pensador e de estheta, que preferia a «plantar a couve para o almoço de amanhã, lançar a semente do carvalho para abrigo do futuro», com uma bravura moral que representava uma feição ainda não vista da nossa historia republicana? Nunca. O que a maravilhou, o que certamente a fez delirar, foi ver um velhinho, pallido, alquebrado, com o seu cansado ar de eterno convalescente, abandonando confortos, repetindo viagens, desdenhando perigos, pro-

duzir tão grande façanha, em terra de accommodaticios, de timidos e de impacientes. Foi o assomo civico, foi a galharda attitude que a arrastou e venceu.

Amo sinceramente a sua eloquencia, que arrebata e que convence; que conflagra, convulsiona, anathematiza, redime, encanta e illumina; que desce ao amago de todas as paixões, brande os raios das coleras mais justas, espalha a resonancia de todos os hymnos, veste-se de todas as côres, leva o fogo purificador ao seio de todas as impurezas e o osculo de amor a todas as frontes nimbadas pela candura — sem nunca perder a estabilidade intima do seu formoso equilibrio. E' a eloquencia na sua verdadeira latitude — ampla, sem macula, eterna.

Admiro, sem reservas, a majestade serena da sua arte, a potencia invencivel do seu verbo, a riqueza inesgotavel da sua lingua. Nunca essa lingua foi ao mesmo

tempo mais opulenta e disciplinada, mais exuberante e polida, mais poderosa e harmoniosa. O que a nossa lingua exprime de vehemencia e formosura através deste mago, toca realmente á maravilha. E este desvelo de Ruy Barbosa pela lingua patria é um dos seus mais altos ensinamentos. E' pelo culto da lingua que chegaremos á cohesão nacional. E' no amor e conservação della que devemos «ensinar o Brasil ás novas gerações brasileiras, sobretudo nos conturbados tempos que vivemos», como frisou o sr. Lauro Muller no seu bello discurso de recepção na Academia Brasileira. «Ensinal-o na sua historia e na sua tradição, desde o dia em que aqui aportou o representante de um nobre povo, maior pelo esforço inaudito que poz no defender e dilatar a conquista do que na propria descoberta. Mostrar-lhes o valor da sua raça na epopéa das caravellas; no vigor de corpo e espirito em luta para organizar a

vida tropical; na ambição collectiva, que de vencedores do mar ignoto os fez povoadores do ignoto sertão; na constancia do seu extenuante labor em meio á natureza selvagem; no ardor em dilatar a conquista; no heroismo em defendel-a contra a cobiça de armadas poderosas e na tenacidade valorosa em disputal-a ao rival confinante; nas primeiras florescencias do seu espirito de independencia; no cadafalso em que pereceram impavidos os seus primeiros martyres e no sangue dos seus heroes fusilados; nas alegrias triumphaes do sete de setembro, na energia nacionalista do sete de abril, na nobreza moral do seu treze de maio e na suprema evolução dos seus destinos politicos no quinze de novembro!»

Impressionam-me profundamente todas as manifestações do genio de Ruy Barbosa, do pensador e do artista, do homem de sciencia e do homem de imaginação. Mas

o que nellas mais admiro, a despeito das suas incomparaveis bellezas artisticas, sempre gratas a uma alma de poeta, é a lição moral, é a attitude do homem perante os acontecimentos. Ruy Barbosa age sempre a um appello da consciencia, por uma irresistivel solicitação da sua integridade moral. E' a sobordinação dos valores scientificos e estheticos a uma finalidade éthica. Assim é que a sua nunca assás celebrada conferencia de Buenos Aires, máo grado o saber historico, o vigor juridico, o esplendor literario, o prodigio de eloquencia, que nella se condensam, tem, sobretudo, o valor de uma sentença; e acompanhará, na historia, os crimes hediondos da Allemanha com uma vehemencia de latego em mãos limpas de culpa, com uma fulminancia de castigo vibrado pela dôr de uma consciencia immaculada.

*

A literatura da grande guerra, apesar de extenuante e copiosa, é ainda muito mediocre. Como o serviço de informações jornalisticas attingiu, hoje em dia, um gráo vertiginoso, quasi todos os espiritos literarios, solicitados pelo grande publico, se têm dispersado em chronicas, bruscos resumos, que se succedem com os acontecimentos e só raramente apresentam um cunho mais duravel, ou menos fugitivo, ao fixarem um ou outro episodio verdadeiramente interessante para a arte. Os livros até hoje apparecidos, quer os de méra ficção, quer os de commentario politico, são, na generalidade, escriptos á margem da guerra. São, por assim dizer, simples trabalhos preliminares de retoque a um poema imaginado.

Na propria França, cujo heroismo assombra o mundo inteiro, a ponto de

forçar o respeito do inimigo soberbo e rancoroso, e cuja producção intellectual é tão intensa como antes da guerra, sente-se o mesmo contraste entre a magnitude dos factos e a fraqueza dos commentadores. Rostand, por exemplo, que é um dos seus poetas de mais larga inspiração, dedicou á destruição da cathedral de Reims um soneto tão insufficiente, que por certo faria soffrer a Ruskin, vendo desamparada da poesia, na hora do seu doloroso sacrificio, uma das «sete lampadas da belleza».

Não se sabe quando surgirá o épico desta jornada de titans. E esta inferioridade literaria a respeito da guerra se explica até certo ponto pela necessidade que a todos se impõe de concorrerem, no terreno da acção propriamente dita, com a maior somma de energia para a extincção desta carnificina infernal, que aos açougueiros magistraes da Allemanha traz, todavia, insaciados. O proprio D'Annun-

zio, unico poeta latino da actualidade capaz de exprimir em versos os lances inauditos desta tragedia, foi combater, como Sophocles, pela libertação da sua raça, traçando no ar, como aviador, a replica mais viril aos emprezarios do seu pretenso cabotinismo.

Quem fixará o martyrio sem igual? Que plasmador de genio deterá, no seu curso voraginoso, a esta rajada de exterminio, para escutar-lhe todas as ancias e traduzir-lhe todos os designios? O mundo reclama esse supremo vingador. E, emquanto se não verifica a eclosão dessa força privilegiada, forças menores laboram: os historiadores colligem dados; os romancistas redigem diarios das trincheiras; os chronistas passeiam sobre os escombros fumegantes; os philosophos assistem á transmutação dos valores; os sociologos reedificam sobre theorias em ruinas; os economistas bracejam entre cifras desarti-

culadas; os jornalistas extenuam-se na febre do improviso; e os poetas, porque são os mais bravos, tombam, quasi sempre, nos campos de batalha, entre uma canção patriotica e uma esperança de gloria. Quando se quer uma imagem mais forte para synthetizar sensações mais fortes, recorre-se ao ultimo épico da Humanidade, exuma-se Victor Hugo...

Entretanto, em outro ramo de actividade intellectual, sob o aspecto politico da questão, são já famosos alguns documentos de incontestavel valor: pelo alcance pratico, pelo conhecimento das realidades, pela culminancia na tenacidade — alguns discursos de Lloyd George; pela rude franqueza, pelo ataque impiedoso á mentira diplomatica, pela indomavel resistencia aos conspiradores da derrota — certas accusações de Clemenceau; e pela surprehendente elevação moral — a mensagem de Wilson, justificando a entrada dos Estados Unidos

no conflicto. Essa mensagem — immortal lição de democracia — veio dar á guerra, por parte dos Alliados, o seu verdadeiro sentido: é a sua explicação, o seu objectivo, a sua consagração. O seu apparecimento deu novo curso ás idéas dominantes. E, para sua eterna gloria, declarou-se no parlamento britannico que pela segunda vez, e agora mais efficazmente, o Novo Mundo vinha restabelecer o equilibrio do antigo.

*

Entre esses raros documentos do espirito humano, a conferencia de Ruy Barbosa sobresae, tocada por uma scentelha divina, como o mais bello protesto da consciencia universal contra o maior ultraje á humanidade. Não sei dizer, precisamente, tudo quanto ella me suggere. No recolhimento e no alvoroço da minha alma, sei apenas que

a sua grandeza me dá a impressão de um immenso templo, onde os fiéis se transfigurassem com a palavra de um deus novo. E' que elle possuia, manifestamente, esse toque de divindade, e o communicava aos seus ouvintes em attitude de reverencia, ao penetrar os lares augustos daquelle templo do saber:

«...Surprehendido, então, nessas entre-abertas de luz, o homem, reconciliando-se com a fé, que se lhe esmorecia, sente-se ajoelhado aos céos no fundo mysterioso de si mesmo, passando pela visão de que a obscuridade das cousas não é senão o véo do templo, no vão silencioso de cuja infinita grandeza a mão de Deus, insensivel ás nossas impaciencias, reserva os thesouros incalculaveis da sua bondade para as raças e as nacionalidades que os souberam merecer. E' justamente num desses momentos que me eu sinto agora, transpostas estas portas, que da contemplação do firmamento

argentino na transparencia do seu azul e na pureza da brancura das neves dos seus horizontes andinos, nos conduz a este santuario do estudo, do saber e da justiça. Dirieis que se assiste a uma transfiguração, que a presença de um sacerdocio evocou a de uma divindade, que dos gabinetes e salões da academia surgiram as ogivas, as cupulas, as cariatides silenciosas de uma cathedral, erguendo nas mãos e sustentando no dorso o peso dos tectos sagrados, que a tribuna se converteu em pulpito, um incenso subtil bebe o ambiente, e os portadores invisiveis das preces murmuradas no segredo das consciencias evolam para o regaço do Creador o holocausto das orações, como a evaporação balsamica das manhãs ergue no ar limpido o aroma dos prados, o cantico das flores, a embriaguez dos jardins. As vozes do nosso egoismo emmudeceram, e no recolhimento das almas, na vibração interior, nas ondas de

emoção que as percorrem, se ouve o sussurro de uma aspiração transcendente e de uma confiança nova. *Sacrificate sacrificium justitiae, e sperate in Domino.*»

Essa conferencia é um marco imperecivel na successão das idades. Do ponto de vista do direito internacional, a lição do jurista traçou novo rumo ás consciencias timoratas ou vacillantes e a «sentença do juiz» cahiu sobre os exercitos do crime com a sagrada vehemencia de um açoite e o peso de uma mortalha de chumbo. Do ponto de vista literario, é um padrão de immorredoura belleza, modelo de sympathia acclamadora, espelho de perfeição na generosidade. Do ponto de vista moral, é um acto que santifica um homem e define um povo. E, sobretudo, do ponto de vista humano, dos altos interesses humanos, dos grandes idéaes humanos, as palavras evangelizadoras de Ruy Barbosa ficarão, entre os monumentos que se levantarem

para perpetuar este cataclysmo da Historia, como a promessa de uma humanidade melhor, como uma expressão da divindade na terra.

1918

Indice

A' revisão deste livro escaparam alguns erros de facil correcção, como estes:

Pag. 36 — *repercursão* em logar de *repercussão;* pag. 136 — *chamam-n'o, geralmente,* e. l. d. *chamam-lhe, geralmente;* pag. 142 — *linhas seccas e impassivas* e. l. d. *linhas seccas e impassiveis;* pag. 240 — *alegria da viver* e. l. d. *alegria de viver;* pag. 250 — *obscuridade inconfunvel* e. l. d. *obscuridade inconfundivel,* etc.